

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Andrea Reis da Silveira

**FAZER CRER, FAZER SENTIR:
O MUSEU JULIO DE CASTILHOS NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE
(1974-1980)**

Porto Alegre, RS

2014

Andrea Reis da Silveira

**FAZER CRER, FAZER SENTIR:
O MUSEU JULIO DE CASTILHOS NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE
(1974-1980)**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do curso de graduação em Museologia, do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre, RS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretor: André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe-Substituto: Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Ana Carolina Gelmini de Farias

Coordenadora-Substituta: Jeniffer Cuty

CIP - Catalogação na Publicação

SILVEIRA, ANDREA REIS DA

FAZER CRER, FAZER SENTIR: O MUSEU JULIO DE CASTILHOS
NA IMPRENSA PORTO ALEGRENSE / ANDREA REIS DA SILVEIRA. –
2014.

101 f.

Orientadora: LIZETE DIAS DE OLIVEIRA.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Museu Julio de Castilhos. 2. Imprensa
portoalegrense. 3. Ditadura civil-militar. 4.
Comunicação museologica. 5. Projetos Trem da Cultura
e Cinema no Museu. I. OLIVEIRA, LIZETE DIAS DE,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, n.2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Andrea Reis da Silveira

**FAZER CRER, FAZER SENTIR:
O MUSEU JULIO DE CASTILHOS NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE
(1974-1980)**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do curso de graduação em Museologia, do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____/____/2014

Comissão Examinadora:

Prof^a Dr^a Lizete Dias de Oliveira

Prof^a Dr^a Maria Angelica Zubaran- PPGEDUC/ULBRA

Prof. Dr. Valdir Morigi – FABICO/UFRGS

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

Uma das maiores burlas dos nossos tempos terá sido o prestígio da imprensa. Atrás do jornal, não vemos os escritores, compondo a sós seu artigo. Vemos as massas que o vão ler e que, por compartilhar dessa ilusão, o repetirão como se fosse o seu próprio oráculo.

Joaquim Nabuco

AGRADECIMENTOS

Essa trajetória só se tornou possível pelo apoio de muitas pessoas que sempre estiveram próximas e torcendo por mim nessa caminhada.

Algumas foram aqui destacadas pela sua ajuda especial: o meu esposo Edgar, com sua lealdade, paciência, respeito e carinho incondicional, que soube compreender minhas horas de estudo e de ausência. À minha amada filha Ayeza que, durante todo o tempo, foi parceira empolgada, amiga sincera, compreensiva, participante, emocionada e querida durante todo Curso e desse TCC.

Agradeço à minha orientadora Lizete, professora dedicada e carinhosa, pessoa gentil e sensível que, com alegria e integridade profissional, me conduziu na construção desta produção. Agradeço a amiga Angélica, que vem me acompanhando e incentivando no caminho acadêmico. Ao professor Valdir que, mesmo sem saber, mostrou a importância da coragem para se alcançar objetivos.

À professora Ana Carolina que, com o seu jeito meigo, fez importantes contribuições no meu entendimento sobre a Museologia.

Agradeço à minha querida mãe, Neusa, incentivadora incansável.

Às minhas amigas museológicas, especialmente a Renata, Ana Celina, Rosangela, Ana Ramos e Maria Claudia, pelo compartilhamento das utopias da vida e da Museologia.

Finalmente, aos tantos outros (as) colegas, professores (as) e amigos (as) que sempre me incentivaram, aceitaram e possibilitaram tantas trocas de experiências.

A todos aqueles que não estão aqui nomeados, mas que fazem parte da minha vida e de muitas formas me apoiaram.

Meu muito obrigada!

RESUMO

O trabalho aborda a relação entre o Museu Julio de Castilhos e a imprensa porto-alegrense no período de 1974-1980. O estudo justifica-se pelo ineditismo dos jornais como fontes para o estudo de História Institucional, da Museologia e pela comunicação museológica para além da expografia. Analisou-se o conteúdo de 254 notícias publicadas nos periódicos: Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Manhã, Folha da Tarde, Jornal do Comércio e Zero Hora através das Teorias da Comunicação: o Agendamento e a Espiral do Silêncio. Os conteúdos publicados pelas notícias trouxeram visibilidade ao Museu e mostraram duas estratégias de divulgação institucional: o Trem da Cultura e o Cinema no Museu. Considerou-se que estes projetos e as demais publicações nos jornais valorizaram a imagem da instituição. Porém, não trouxeram mudanças transformadoras nem sobre o olhar e nem nas impressões do que foi publicado sobre o Museu, que permaneceu com seu papel social tradicional e vinculado às intencionalidades estatais.

Palavras-chave: Museu Julio de Castilhos. Imprensa. Ditadura Militar. Teorias da Comunicação. Trem da Cultura. Cinema no Museu.

RESUMO

This paper addresses the relationship between 'Julio de Castilhos' Museum and the press of the municipality of Porto Alegre in the period 1974-1980. The study is justified by the novelty of newspapers as sources for the study of Institutional History, of Museology and of the museum communication beyond expography. We analyzed the contents of 254 articles published in the following journals: 'Correio do Povo', 'Diário de Notícias', 'Folha da Manhã', 'Folha da Tarde', 'Jornal do Comércio' and 'Zero Hora' through the Communication Theories: Scheduling and the Spiral of Silence. The contents published by the news brought visibility to the museum and showed two strategies of institutional disclosure: the Culture Train and Cinema in the Museum. It was considered that these projects and other publications in newspapers added value to the image of the institution. However, they did not bring about transformative changes neither about its image nor about the impressions of what was published about the Museum, which remained with its traditional social role and linked to state intentions.

Keywords: 'Julio de Castilhos' Museum. Press. Military Dictatorship. Communication theories. Culture train. Cinema in the Museum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 “UM MUSEU CHAMADO JULIO”	18
3 “PARA ENTENDER O MOVIMENTO”	27
4 “CONTEÚDOS EXPRESSOS E IMPLÍCITOS: FAZER CRER E FAZER SENTIR”	39
4.1 PROJETO TREM DA CULTURA: A CULTURA NOS TRILHOS	46
4.2 O PROJETO CINEMA NO MUSEU.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cópia digital feita pela autora da página do Jornal Zero Hora de 20 de setembro de 1978, da pasta de recortes 1960-1970, da Biblioteca do Museu, gentilmente cedida	21
Figura 2 - Cópia digitalizada de imagem pertencente ao acervo iconográfico do MJC em que aparece o diretor Joaquim Carlos de Moraes. Sem data	22
Figura 3 - Reportagem publicada no jornal Folha da Tarde em 03 de setembro de 1979, que trata da abertura de uma exposição comemorativa ao Sete de Setembro em que apareceram autoridades civis e militares no ato de abertura	37
Figura 4 - Cópia digitalizada de recorte de página do jornal Correio do Povo de 29 de agosto de 1978	49
Figura 5 - Entrevista do diretor Joaquim Carlos de Moraes divulgando o projeto Trem da Cultura no jornal “O Semanário” de Tupaciretã, em 19 de janeiro de 1975	51
Figura 6 - Reprodução fotográfica do recorte de jornal Diário de Notícias de 1979 coladas sob folha de papel em pasta de recortes do acervo da Biblioteca do Museu. Imagem da autora. Percebe-se escrito a mão a indicação de que a notícia partiu do Setor de Divulgação do Museu	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativa das notícias divulgadas nos jornais sobre o MJC nos anos 1974-1980	39
Tabela 2 – Quantitativo das categorias por assuntos divulgados no ano	42
Tabela 3 - Quantitativo das categorias de assuntos divulgados por jornal	42
Tabela 4 - Quantitativo do conteúdo das imagens publicadas	44
Tabela 5 - Conteúdo do Trem da Cultura	45
Tabela 6 - Quantitativo de notícias sobre o projeto Cinema no Museu nos jornais de Porto Alegre 1974-1980	56
Tabela 7- Denominação de alguns dos títulos dos filmes exibidos no projeto Cinema no Museu	56
Tabela 8 - Enfoque das exposições do projeto Cinema no Museu	58

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – 1974	69
ANEXO B – 1975	75
ANEXO C – 1976	83
ANEXO D – 1977	88
ANEXO E – 1978	89
ANEXO F – 1979	98
ANEXO G – 1980	104

1 INTRODUÇÃO

Museu Julio de Castilhos: um paralítico que começa a andar. Tudo ainda é muito artesanal, como alguns cartazes feitos com cartolina e pincel atômico. Mas o administrador tem planos. Antes de qualquer coisa ele quer incluir o museu na lista dos shows e espetáculos da cidade, promovendo concertos, apresentações e projeções de slides, contando a história de Porto Alegre¹. (Jornal Zero Hora, 12 de outubro de 1972, p.19).

O recorte do texto acima descreve a manchete e a introdução da reportagem publicada, em página inteira, no jornal Zero Hora, em outubro de 1974. Esse excerto e as outras 254 notícias publicadas nos jornais Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Manhã, Folha da Tarde, Jornal do Comércio e Zero Hora, entre os anos de 1974 e 1980, tornaram visível uma construção discursiva compartilhada entre a imprensa jornalística de Porto Alegre e o Museu Julio de Castilhos.

O Brasil, nesse contexto de 1974-1980, atravessava a ditadura civil-militar. Segmentos da sociedade civil apoiavam esse regime, tais como a classe média, a Igreja, o empresariado, incluindo alguns meios de comunicação que expandiram seus jornais, na indústria da mídia. O crescimento da indústria jornalística, entre outras razões, deveu-se ao incentivo tecnológico priorizado pelo governo ditatorial, ao abrir para a participação do capital estrangeiro as organizações de empresas de comunicação nacionais. Se houve expansão dos meios de comunicação, também ocorreram censuras e repressões ao segmento. Muitos periódicos foram censurados, mas também houve aqueles que foram resistentes, como a imprensa alternativa. Entretanto, o foco desta pesquisa são os jornais devidamente comercializados em Porto Alegre.

Parte-se da hipótese de que é possível, a partir dos conteúdos dos jornais, mapear as representações e construções de sentidos sobre a função dos museus, paralelamente às transformações da própria sociedade. Escolheu-se o Museu Julio de Castilhos e sua relação com os jornais da cidade de Porto Alegre por duas razões principais. A primeira, porque, apesar de o Museu Julio de Castilhos ser o mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul, são poucos os estudos realizados sobre sua história institucional e sobre suas relações com a sociedade rio-grandense e brasileira. Não encontrou-se nenhum estudo que aborde a relação dos jornais porto alegrenses com a instituição, o que comprova o ineditismo deste trabalho¹. Aliás, os jornais como objeto de análise sobre as ações museais são pouco

¹ Os artigos, as dissertações e as teses encontradas e que tratam sobre o tema Museu Julio de Castilhos foram: CAPOVILLA, Eloisa HL. Ramos. Museu Julio de Castilhos: trajetória histórica e parcial de um acervo. **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano. Porto Alegre: Nova Prova**, p. 265-279, 2005; PERETTI, Luis Armando; GIOVANZ, Marlise. Museu como

explorados. A escrita dos jornais propicia atraentes problemáticas, especialmente no que se refere à afirmação de representações, razão pelo qual atingiu-se o segundo motivo desse estudo e também a sua contribuição: a exploração da riqueza dos jornais como fontes para pesquisar a História dos Museus e da Museologia. Ao tratarem do tema museu, os jornais abordam acontecimentos que interessam e complementam a observação sobre o cotidiano dessas instituições museológicas. Aprofundar estudos sobre as relações entre o Museu Julio de Castilhos e os Jornais da cidade em que está inserido possibilita atentar para as contradições e dilemas que a instituição atravessa.

Após passar fechado ao público durante o período de 1967-1973, o Museu Júlio de Castilhos retomou suas atividades em 1974, em novas condições de infraestrutura, ações técnicas e decisões administrativas, quando assumiu a sua direção Joaquim Carlos de Moraes (1974-1980).

Joaquim Carlos de Moraes entendia o papel do Museu sob o prisma mercadológico, mostrando-se, em sua administração, afinado com as prerrogativas do Estado de consolidar a cultura nacional e incentivar a indústria cultural. Como iniciativa da sua nova diretoria, o MJC desenvolveu projetos, exposições, programas educativos, ações culturais e outros eventos que serão tratados ao longo deste trabalho, valorizando as atividades museológicas. Coligado com a política cultural da Diretoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Estado da Cultura do RS (DAC/SECRS), à qual o Museu estava vinculado financeira e administrativamente, o diretor estava interessado na transmissão de informação e na comunicação, desenvolvendo para isso os projetos denominados como “extramuros”.

Modernização foi o tom do discurso por ele difundido e, nessa proposição, criou o Setor de Divulgação, a fim de estabelecer relações externas ao Museu, aproximando-o dos jornais. Naquele discurso de modernização foram organizadas propostas pedagógicas, educativas e culturais que tornariam públicos os acervos concebidos como representativos da história e da memória do RS. Nesse sentido, foram desenvolvidos, entre outros, dois projetos que, pelo seu caráter inovador, serviram como estudo de caso: o Trem da Cultura e o Cinema no Museu. Esses dois projetos eram noticiáveis e podiam atrair a imprensa, uma vez que

lócus de produção regional: o caso do Museu Julio de Castilhos. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA, Canoas**, v. 1, n. 2, p. 159-168, 2003; POSSAMAI, Zita Rosane. “Lição de Coisas” No Museu: O Método Intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas Primeiras Décadas do Século XX. **Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 20, p. 1-13, 2012; NEDEL, Letícia Borges. Paisagens da província: o regionalismo sul-riograndense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos cinquenta. 1999. Dissertação (Mestrado)-UFRJ, Rio de Janeiro, 1999; SILVA, Ana Celina Figueira da. O museu e a consagração da memória de Julio de Castilhos:(1903–1925). 2011; SILVEIRA, Andréa Reis. Discursos, representações e práticas numa história institucional: o museu Julio de Castilhos nos anos 1960-1980. **Revista CPC**, n. 16, p. 62-100, 2013. SILVEIRA, Andrea R. Museu Julio de Castilhos no período 1960-1980: acervos, discursos, representações e práticas através de uma exposição. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)-UFSM, Santa Maria, 2011.

tinham relevância política e social, causavam impacto e mostravam uma organização temporal e espacial com uma grande quantidade de envolvidos em graus hierárquicos frente aos indivíduos e demonstravam capacidade de entretenimento.

Os dois projetos - Trem da Cultura e o Cinema no Museu - serão desenvolvidos no capítulo final desta monografia. Nas notícias que tratam sobre eles, surge a questão da educação como desempenho intrínseco ao Museu. Nesse aspecto, questiona-se: os jornais, quando abordam sobre os projetos do Museu, estariam reforçando os interesses do Estado? As notícias sobre as edições do Trem da Cultura e Cinema no Museu eram freqüentes, a fim de satisfazer esses interesses? Que tipo de informação foi divulgada a respeito desses projetos? São perguntas que indicam a forma como as notícias foram construídas.

As notícias analisadas neste trabalho evidenciam o interesse dos jornais nas práticas de elaboração e de produção cultural feitas pelo MJC. As referências aos projetos do Museu, feitas pelos jornais, proporcionaram uma autoimagem institucional. As atividades museológicas são, deste modo, elos que ligam o Museu e os jornais como instrumentos de comunicação no relacionamento com o público. Comunicar é um processo de ação intencional, recíproco, que só se concretiza quando atinge aos envolvidos.

O Museu Julio de Castilhos e os jornais produzem informações para alcançar os públicos, como mediadores. Estavam (e estão) associados a instancias de poder político, econômico e social que estabelecem, por meio de discursos, suas lógicas e visões, repletas de significados que podem trazer dificuldades no processo de comunicação, pela contradição de entendimento cultural e ideológico dos seus envolvidos.

No caso do Museu Julio de Castilhos, o discurso é produzido na expografia e, a partir de suas ações culturais e dos objetos que reforçam mensagens, são usados para referenciar orientações políticas, uma vez que a instituição tem vinculação estatal. Os sentidos e os valores simbólicos constituídos nos objetos inferem nas representações culturais e na comunicação dos conteúdos informativos. Nos jornais, o poder é exercido pela filtragem e a interpretação de acontecimentos que são levados ao conhecimento para a sociedade e há interação em diversas abordagens. Além disso, o poder econômico dos jornais se dá na concentração dos recursos financeiros e de mercado pelas empresas que os detém e pelo poder da publicidade. Mas, que tipo de informação é essa que permite constituir tais relacionamentos? Que finalidade tem um museu ao divulgar suas ações nos jornais? Que museu os jornais apresentam? Essas são perguntas que instigam, levando a refletir sobre as relações entre a imprensa escrita e o Museu.

Os distintos jornais diários de Porto Alegre veiculados no período de 1974-1980, Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Manhã, Folha da Tarde, Jornal do Comércio e Zero Hora trazem notícias (comunicação) de fatos textualizados que podem ser desvendados de diversas formas. A manchete, o conteúdo da matéria, o formato, a localização da notícia na página, a linguagem textual usada, a presença ou a ausência e o tipo de imagem publicada, foram critérios utilizados na análise de conteúdo. Conforme explicou Ana Janeiro (2014), a metodologia da análise de conteúdo permite determinar quantitativa e qualitativamente os temas, como eles se associam entre si, conforme o que está expresso nas notícias. Assim, desenvolveu-se o estudo em três etapas; a coleta das 254 notícias que constam de pastas de recortes feitas pelo Setor de Divulgação do Museu e guardadas na Biblioteca do Museu Julio de Castilhos; a decomposição dos temas das notícias para filtragem em micro acontecimentos e sua sistematização em tabelas, sua interpretação possibilitada apenas pelos os resultados constantes na análise.

Na primeira etapa, desenvolveram-se tabelas sobre os dados das notícias, contendo o nome dos jornais, a data da publicação, o assunto das notícias, a presença/ausência e o tipo de imagens nas matérias. As tabelas evidenciaram os conteúdos repetidos, gerando unidades menores, a partir das quais criaram-se as cinco categorias de análise norteadoras do estudo: Eventos (exposições e mostras); Filmes; Divulgação (informações sobre o cotidiano da instituição); Política Cultural (referente às ações vinculadas à visão política do diretor e da Secretaria de Estado, a qual o Museu está vinculado); e Incorporação de acervos. Por fim, as notícias permitiram comparar dois discursos institucionais, o dos diferentes jornais com olhares distintos e o do Museu, produzido pelos seus agentes.

Os museus e os jornais trabalham com a perspectiva de representarem parcialmente uma realidade, comunicando valores e significados. Buscou-se conhecer e explicar os mecanismos dessa comunicação através de duas Teorias da Comunicação que tratam dos efeitos que os jornais produzem nos conteúdos sobre as pessoas, em longo prazo: a Teoria do Agendamento e a Teoria da Espiral do Silêncio.

O Agendamento propõe que os jornais destaquem determinados assuntos como notícia, estabelecendo uma agenda de interesses para a opinião pública. A permanência e a frequência de temas no jornal evidenciam o agendamento e isso pode ser percebido nas notícias veiculadas sobre os projetos e as ações do Museu Julio de Castilhos, que serão tratadas no quarto capítulo desse trabalho.

A Espiral do Silêncio é outra possibilidade de interpretação nos estudos da Comunicação que leva a entender a seleção de tópicos divulgados pelos jornais. A teoria

consiste na percepção do indivíduo, e predominante no pensamento da sociedade, de que o que foi noticiado é “verdadeiro”. A pessoa interpreta que o assunto teve repercussão pela sua importância e, mesmo tendo opinião contrária, esconde seu ponto de vista, temendo ser socialmente isolado ao manifestar sua opinião. O assunto será abordado com maior detalhamento no capítulo 4.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo a seguir, denominado “Um museu chamado Julio”, fez-se uma rápida aproximação com a historicidade social e institucional do Museu Julio de Castilhos. No terceiro capítulo, “Para entender o movimento”, buscou-se explicar as teorias da comunicação e os conceitos sobre os quais a autora se baseou para interpretar a relação dos jornais com o Museu. Finaliza-se o quarto e último capítulo com: “Conteúdos expressos e implícitos: fazer crer e fazer sentir”, em que se analisa e interpreta o que foi escrito e divulgado nos jornais. Buscou-se evidenciar os jornais como fontes na reflexão sobre a comunicação museológica do Museu Julio de Castilhos. Vale a experiência para aperfeiçoar o entendimento que a instituição só comunicou aquilo que os seus agentes atribuíram como representação e significado passível de divulgação nos jornais. Boa leitura!

2 “UM MUSEU CHAMADO JULIO”

Neste capítulo, apresenta-se, de maneira breve, o Museu Julio de Castilhos (MJC) no contexto dos anos 1970. Em sua atividade, a instituição trouxe contribuições para o meio museológico do Estado do Rio Grande do Sul, influenciando no modo com que outras instituições do campo museológico desenvolveram a sua missão e a sua visão no desempenho museológico do Estado do RS². Pelo seu trabalho funcional e importante na comunidade museológica do RS, o Museu desenvolveu uma autoimagem institucional que permitiu ampliar relações com o meio externo.

Nos anos 1970, o MJC esteve, em vários momentos, com suas portas fechadas e reabertas. Era uma instituição criada em 1903, instaurada numa casa residencial do século XIX, adaptada para receber um museu, mas com baixo rendimento nas necessidades ao fim a qual foi destinada, carecendo de medidas de reformas, como o reforço estrutural, além de freqüentes adaptações para o funcionamento técnico e administrativo museológico. O Museu, entre os períodos de reabertura e fechamento, foi palco das diferentes experiências museais, provocadas pelos objetivos e programas próprios dos agentes que foram designados pelo Estado para fazer a sua condução. Na década de 1970, o mundo, a América Latina e o Brasil vivenciavam toda uma efervescência política, econômica, social, tecnológica e cultural. Especificamente no meio museal, o alvo das discussões era a sua aproximação com as transformações demandadas pela sociedade, em que pesava o pensamento sobre um museu integral. O museu integral precisaria fazer frente nas discussões da coletividade, agindo como instrumento dinâmico na mudança social. A proposta alterava definitivamente os rumos do pensamento sobre a museologia e sobre papel dos museus.

Enquanto isso, no Museu Julio de Castilhos, ainda versava como centralidade as preocupações sobre os objetos identificados com os propósitos da elite, em que pesava a narrativa ideológica e da exclusão. O Brasil sofria com a ditadura civil-militar, tinha as liberdades individuais, políticas e sociais enfraquecidas e os atos do governo como estado causavam terror e pânico nos brasileiros ameaçados pela repressão, pela tortura, pela censura nas condições dos atos institucionais e das retiradas das garantias democráticas e cidadãs. Neste cenário, ascenderam movimentos artísticos de resistência na música, no cinema, no teatro, nas artes em geral, que influenciaram significativamente os rumos culturais do País

² SILVEIRA (2011) constatou que várias prefeituras municipais do interior do Estado, ao implantar seus museus municipais, buscaram o modelo museológico, o plano diretor, regimento e de incorporação de acervos desenvolvido no MJC.

como protesto e oposição ao sistema vigente. Porém, nos museus brasileiros, perpetuava a representação reducionista da vivência humana. Os problemas urbanos e sociais do momento não eram tratados nos discursos e nas incorporações de acervos, mantendo a tradição e a exaltação do passado focado nos heróis e nos mitos. Nos anos da hegemonia do governo ditatorial, os museus eram pensados dentro dos limites de suas estruturas físicas.

O Museu Julio de Castilhos, desde sua criação, esteve ligado ao ato de representar e a reproduzir, em suas práticas, a consolidação do poder pelas elites dominantes do Estado e do País. Seu acervo foi formado por objetos ecléticos de ciências naturais, da arte e da documentação histórica, num caráter enciclopédico, oriundo dos valores científicos do século XIX. As coleções foram incorporadas pelo seu teor científico e testemunhal pontuados no positivismo, para quem a razão e o pragmatismo trariam o progresso para todos. O visitante do museu era entendido como uma folha em branco que recebe a escrita petrificada dos fatos históricos que versavam uma verdade única.

Nos seus primeiros 50 anos, o Museu Julio de Castilhos manteve exclusivamente essa proposta de musealidade. A partir de 1954, iniciou uma mudança em suas feições com delineamento para um perfil histórico. A composição desse contorno historiográfico se fazia nas descrições regionalistas e nacionalistas.

A linha delimitadora que estabeleceu o perfil histórico para o MJC foi demarcada em 1954, com o desdobramento das coleções, conforme estabeleceu o Decreto nº 5.065, do governo do Estado do RS. O Decreto instituía que as coleções científicas, originalmente formadas, passassem para o recém-criado Museu de Ciências Naturais (hoje Fundação Zoobotânica do RS) e que as coleções artísticas fossem incorporadas pelo Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) que se formava, sendo inaugurado em 1956.

O processo de desmembramento e de rearticulação das coleções no MJC foi demorado e se prolongou durante todos os anos 1960. Completou-se com a identificação do MJC nos temas de História (SILVEIRA, 2011). Pode-se entender que a constituição política, patrimonial, direcional e cultural do MJC foi historicamente determinada, construída, alterando-se conforme o contexto. Os museus se movem, são dinâmicos, se transformam ao longo do tempo nas mesmas guias da sociedade. É necessário, portanto, para fazer a sua interpretação, o entendimento do conjunto no tempo.

Nos anos 1970, os atores que operavam na condução e na operação do MJC estavam identificados com figuras de poder, em que as ordens vinham de cima, pelo Estado. Os três primeiros diretores do Museu enfatizavam que eram os objetos o centro das relações museais e o edifício como seu único *locus* de atuação. Eles pontuavam seu olhar na museologia

formal, da estética sobrepondo à reflexão, a prática do tecnicismo conservador e o público, tido como espectador. Eles não tomaram a consciência da museologia que se formava no seu tempo, na qual o museu tomava posição política e social, como lugar de pesquisa, reflexão e sonho que refletia as aspirações, a infinidade criativa e as inquietudes dos seres humanos. Para aqueles agentes, as práticas expositivas e as significações produzidas nos acervos deveriam oferecer a visão do privilégio, da iniquidade e da hierarquia do poder político e social, excluindo das representações à multiplicidade social que deveria possibilitar a valorização do humano. O MJC, nos anos 1960-1970, era um espaço para a celebração dos mortos.

Entre 1961-1974, o MJC passou pela administração de gestores que impuseram suas presenças através de particularidades de atuação, a saber: o pastor metodista Derly Chaves (1960-1967); o General Antônio Rocha Almeida (1967-1971) e de dois interinos, funcionários administrativos, que assumiram a condução da instituição: Ivone Martini (1972) e Moacyr Domingues (1973). Em 1974, mediante nomeação da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, a qual o Museu estava subordinado, assumiu a direção da instituição Joaquim Carlos de Moraes, que já atuava na instituição como funcionário público. Foi ele quem impulsionou o MJC na imprensa porto-alegrense.

De acordo com Silveira (2011), Derly Chaves caracterizou sua gestão pela captação e pela acumulação de acervo, procurando soluções para a adequação logística e espacial do prédio, dentro do novo direcionamento histórico. O General Antônio Rocha Almeida manteve fechado o Museu durante toda sua gestão. Atribuiu o fechamento do museu a emergência de restauro e manutenção do prédio. Como professor de história e colaborador do Instituto Histórico e Geográfico do RS, consagrou a trajetória da família Castilhos, escrevendo sua história genealógica. O general tinha uma visão da história que privilegiava fatos de caráter oficial. Enquanto a instituição estava fechada ao público, pesquisou o percurso da edificação no tempo, buscando a dimensão simbólica da propriedade, da família e da tradição que o Museu deveria representar.

Foram os dois funcionários do Museu, Ivone Martini e Moacyr Domingues, respectivamente, que, num esforço para readaptar a instituição aos interesses e aos serviços museológicos, reabriram o museu fechado durante os cinco anos da gestão do diretor General Antônio Rocha Almeida. Eles reconduziram a propensão histórica da instituição e preocuparam-se em definir um gerenciamento administrativo e técnico, que havia sido esvaziado nas gestões anteriores. Assim, criaram unidades de apoio administrativo, técnico e de relações públicas para operacionalizar o funcionamento do Museu.

Nessa nova ocupação e atuação do MJC, o público ressurgiu como preocupação. Uma nova concepção de museu veio à tona, trazendo outros conceitos que surgiam no campo da museologia, como bem cultural e patrimônio cultural. Conceitos que foram originários pela renovação no pensamento dos órgãos de competência na década de 1970, tais como o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em que prefeituras e secretarias de cultura assumiriam encargos na preservação dos bens culturais, trazendo um trabalho mais eficiente e descentralizado. A ampliação de acervos e o espaço físico do museu não eram mais as únicas preocupações do diretor, que se voltava para o alargamento da seriedade da instituição. Joaquim Carlos de Moraes passou a apresentar um discurso de modernização institucional, aos moldes do preconizado pela conjuntura nacional. Para os militares no comando da nação, a linha de frente se fazia num Brasil tecnológico, de produção industrial atrativa aos investimentos estrangeiros, competitivo, mas que o tornariam financeiramente dependente. Modernização era palavra de ordem.

Tal exterioridade social e política do período influenciaram as diretrizes metodológicas do diretor Joaquim Carlos de Moraes para o Museu Julio de Castilhos. Por parte do governo, existiu um direcionamento sobre a área da cultura, no sentido de sedimentar a unidade nacional através da identidade. Para Michel Maffesoli (1996 apud Gomes, 2011, p. 218), a identidade é formada por um “conjunto de máscaras” que serve para legitimação de grupos (GOMES, 2011). A ditadura apoia a criação, no Brasil, de novos meios de comunicação social, especialmente a TV, usada como recurso na produção cultural de massa. A produção da cultura de massa pelos militares através dos meios de comunicação era promovida como doutrinação de posições e comportamentos de aceitação aos ideais do governo. Exemplifica-se essa produção cultural massificada por meio de alguns eventos pontuais, como a transmissão da Copa do Mundo, as telenovelas, os jornais “nacionais” e as propagandas, com o slogan “Ninguém segura essa país”. Por trás dessa disseminação, havia a posição ufanista que também servia para um maior controle sobre a produção nacional, pontuada na identidade nacional. Vale ressaltar que essa é uma forma atual e ainda em voga de se exercer poder e fazer política. Nessa posição, foram criados vários órgãos de cultura, tais como a Fundação Nacional da Arte (FUNARTE), a Empresa Brasileira de Filmes (EMBRAFILME), O Serviço Nacional de Teatro (SNT), só para citar alguns (SILVA, 2009), com intervenções pontuais em mecanismos de mídia de massa.

Na Figura 1, percebe-se Joaquim Carlos de Moraes recebendo a denominação de “personalidade do Rio Grande”. Ao aproximar-se de uma empresa de comunicação social (RBS), que lançava uma obra editorada a respeito das “raízes gaúchas”, o Diretor se valia da

posição que o cargo lhe proporcionava para legitimar ainda mais a credibilidade institucional no quadro de importância, ante a construção da identidade do “gaúcho” e da construção da memória e da história do RS.



Figura 1 - Cópia digital feita pela autora da página do Jornal Zero Hora de 20 de setembro de 1978, da pasta de recortes 1960-1970, da Biblioteca do Museu, gentilmente cedida.

Fonte: Museu Julio de Castilhos

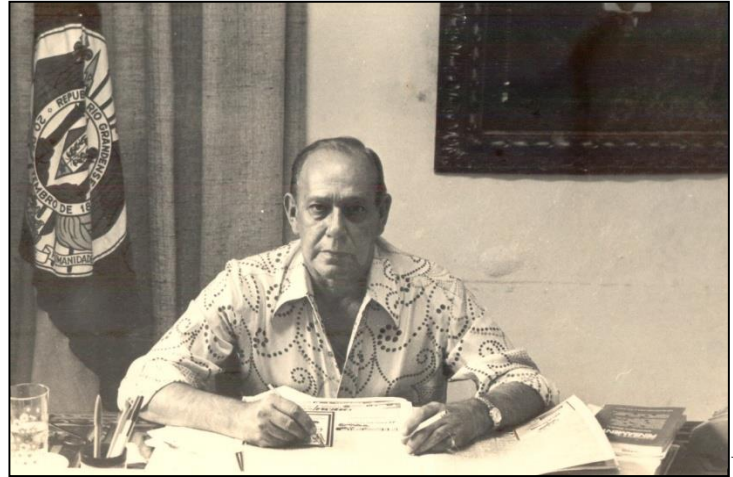


Figura 2 - Cópia digitalizada de imagem pertencente ao acervo iconográfico do MJC em que aparece o diretor Joaquim Carlos de Moraes. Sem data.

Fonte: Acervo da pesquisadora

L'Étatc'est moi. A frase é atribuída a Luís XIV, rei da França do século XVII, conhecido como o “Rei Sol”, devido ao despotismo e a autoimagem acentuada com que governou o Estado Francês. É uma insinuação às características centralistas, entusiasmadas e dinâmicas do Diretor Joaquim Moraes, impingidas na administração do Museu. Já foi comentado que, ao assumir a direção do MJC, Joaquim Carlos de Moraes o encontrou revitalizado pelas obras de adaptação e manutenção, com um novo organograma técnico e administrativo feito pelos seus antecessores. Se, por um lado, aconteceu uma renovação na infraestrutura institucional, por outro, a musealização praticada mantinha seus moldes intactos, sem mudanças organizacionais inclusivas e equitativas de alteridade.

De acordo com o que mostram os registros publicados nos jornais analisados, a gestão de Joaquim Moraes atuou em três áreas: pelo sistema político vigente, pela indústria cultural e a fim de estabelecer laços comunicacionais com a sociedade. Os jornais tornaram-se vitais para a edificação da imagem pública que o Diretor queria para o Museu, a fim de retomar a primazia perdida na instância cultural do Estado do RS. A modernização, como meta, fazia das atividades no Museu um discurso contextualizado, conforme informa Silveira (2011);

A Diretoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, do qual o MJC tomava parte, recomendava, em seu Plano Estratégico de Política Cultural para o ano de 1973, definiu que seus estabelecimentos seguissem os preceitos e conceitos fundamentados no IIº Encontro de Governadores, ocorrido na cidade de Salvador, em outubro de 1971, que lançou instruções de política cultural e descentralização. Pensando daquele modo, três propostas que influenciaram a visão e os fazeres da Instituição Museu Julio de Castilhos: valorizar e incentivar a regionalização da cultura, promoção da interiorização da cultura e o envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento cultural (SILVEIRA, 2011, p. 99).

Ajustado naquelas diretrizes, Joaquim Carlos de Moraes pontuou seu projeto de mediação social para o MJC. É importante lembrar que a mediação pressupõe relação entre partes que sofrem mútuas influências, num processo de comunicação. Na gestão de Joaquim Moraes, a mediação se deu por meio das exposições e dos jornais.

As exposições que o Museu realizou durante o período entre 1974-1980, fartamente comentadas nos jornais de Porto Alegre, demonstram em suas temáticas o destaque a determinados temas de hierarquia da sociedade e vinculação com o calendário oficial. Também foram criados projetos comunicantes, como: *Cinema no Museu*, *Museu vai à escola*, *Trem da Cultura*, *Museu vai às vilas* e *Museu vai à penitenciária* que, embora audaciosos, criativos e populares para o contexto, proliferaram na situação de monólogo pela ideia da cultura e da comunicação, por um único canal de abordagem vertical, no qual os significados vindos do Museu são transmitidos de um determinado grupo central para outro grupo mais periférico. A ideia de comunicar os projetos formou, na verdade, um monólogo, quando estabeleceu o Museu como centro irradiador de cultura, formando uma muralha de distanciamento com um público tido como uniforme. Sendo um espaço público, o Museu daqueles projetos cumpria uma agenda pública, reduzida e pobre de pertencimentos e de inter-relações.

Nos projetos, a história regional e a atuação popular eram folclorizadas, estilizadas, romanceadas, ao gosto da historiografia do século XIX. As mãos que conduziram a construção econômica, social e cultural do país, os negros, índios, pobres, mulheres, trabalhadores urbanos e rurais e imigrantes eram privados de visibilidade nas narrativas expositivas e nos eventos projetados na intenção da indústria cultural pelo Diretor do Museu. Nas reportagens expeditas, fica clara a carência de percepção sobre os projetos nos temas que tratassem dos problemas das comunidades visitadas, como no Trem da Cultura e pelos filmes do Cinema no Museu. Tratar do processo histórico não fazia parte da militância preconizada para o Museu pelo estado. O MJC era um museu de história que tratava de temas históricos, excluindo questões históricas.

O contexto social e o momento político da ditadura civil-militar dos anos 1964-1985 marcaram a sociedade em muitos aspectos, especialmente a sucessão de generais comandantes no poder executivo, apoiados num aparato repressivo de Estado. Dentre tantos limites impostos pela ditadura, identificaram-se os que influenciaram o Museu Julio de Castilhos: a educação, a cultura e a estratégia militar. Durante o regime da ditadura militar, a economia nacional teve uma aceleração de crescimento conhecido como “milagre brasileiro”,

pelo qual o capital internacional recebeu incentivos para instalar empresas no País e desenvolver a “modernização” brasileira. A privatização das comunicações pelos grandes conglomerados pode ser um dos exemplos que contribuíram para o pretense crescimento e enriquecimento de poucas e seletivas mãos. “Um bolo que se desenvolveu”, conforme enunciava o Ministro da Fazenda Delfim Neto, mas que não teve suas fatias distribuídas.

Uma das estratégias importantes para o “progresso” brasileiro pretendido pelas elites e pelos militares era a educação. Alguns desdobramentos foram realizados nesse sentido, não para democratizar acessos e inclusões, mas como proposta de educar a população para o mercado de trabalho e para a industrialização. O MOBRAL, as reformas de ensino e a inserção da disciplina de Educação Moral e Cívica e OSPB nos currículos escolares (ROMANELLI, SANTOS < 2008), entre outros, marcaram a pedagogia tecnicista do regime ditatorial. Nessa orientação, os museus eram vistos como espaços intrinsecamente ligados à educação, cuja prática narrativa se dava como extensão dos currículos escolares. O Museu Julio de Castilhos respondeu a essa demanda, principalmente por não possuir um quadro técnico especializado, formado, na sua maioria, por professores cedidos da própria SEC/RS. A fraqueza do Estado frente ao fomento e ao apoio às atribuições de um museu, levou a vontade, a iniciativa e o condicionamento do corpo funcional e do Diretor a formularem e sustentarem um imaginário de museu comprometido, eficiente, eficaz e modelar para o estudante. Os roteiros de visitação nas salas expositivas da sede do Museu seguiam orientação cronológica, enquanto nas mostras temporárias a proposta respondia ao calendário escolar, em uma outra aproximação do museu com a escola. Algumas ações denotam o espírito inovador da gestão para a época, em projetar na sociedade a concepção “extramuros”. Dentre as experiências realizadas, destaca-se o projeto Trem da Cultura, que será abordado no capítulo a seguir, o “Museu na FEBEM”, “Museu vai à Escola” e “Museu nas Vilas”, que levava o acervo, na sua concepção pedagógica, às “vilas operárias” da cidade de Porto Alegre. Esses projetos expositivos “extramuros” indicam a disposição institucional em uma comunicação cultural, mas não configuravam uma educação patrimonial que requer a problematização das relações dos públicos do Museu com o seu patrimônio, entre práticas reconhecidas e outras recusadas.

Porém, o diretor Joaquim Moraes tinha planos mais audaciosos para o MJC e que contava com mais quantitativos de públicos. Para tanto, estabeleceu como base de apoio um Setor de Divulgação, específico para a organização de informações e notícias sobre o MJC aumentando a população de visitantes. O Setor de Divulgação, coordenado pelo jornalista Cláudio José Batista Todeschini, tinha a incumbência de ofertar e de produzir para os jornais

conteúdos sobre o Museu. Os projetos criados contribuíaam como acontecimentos que mantinham o interesse da mídia impressa na instituição. Os eventos eram constantemente noticiados para os jornalistas ou para os jornais e, sempre que eram divulgadas, as notícias eram selecionadas, recortadas e armazenadas pelo Setor de Divulgação como referências de interesse pela instituição. As informações que eram encaminhadas pelo Setor de Divulgação buscavam mais a publicidade como estratégia do que um serviço de difusão para o público. Verificou-se esta afirmação ao comparar a quantidade de matérias que versaram sobre serviços com as que trataram de divulgação. Além disso, o desempenho do setor técnico foi pouco mencionado nas matérias publicadas, com exceção de cursos e formações (aspectos da modernização). As aberturas de exposições no Museu envolviam várias pessoas e eram fortemente comentadas pelos jornais.

Este capítulo procurou apresentar um panorama do contexto e das ações do Museu Julio de Castilhos. Percebeu-se que a proposta de comunicação que se estabeleceu no período de 1974-1980 foi de discurso monológico. O Museu como emissor e o público como receptor era a ideia de comunicação. Os jornais foram acionados para contribuir estrategicamente, com a intenção e a tentativa de aproximação do Museu com a sociedade por meio de notícias de eventos produzidos no âmbito da instituição, como cultura a ser distribuída sem marcas das singularidades, como um produto de consumo. No próximo tópico, apresenta-se a pesquisa nos jornais e a análise dos conteúdos das matérias publicadas, enfatizando aquelas que abordaram os projetos Trem da Cultura e Cinema no Museu.

3 “PARA ENTENDER O MOVIMENTO”

Neste capítulo, desenvolvem-se perspectivas teóricas que fundamentam a análise a respeito da relação de comunicação entre os jornais e o Museu Julio de Castilhos. Os jornais como abordagem da comunicação museológica são opção metodológica. Apresentam-se conceitos e relações que são centrais para o desenvolvimento deste trabalho, tais como comunicação, jornal, cultura, museu, e o embasamento teórico nas teorias da comunicação: o Agendamento e a Espiral do silêncio. Os conceitos não se esgotam apenas se caracterizam no conjunto e na linha de pensamento deste estudo, como diretrizes.

Parece que há um consenso entre os vários autores que investigam a Museologia, no que diz respeito ao papel e a função dos museus como veículos comunicacionais. A maior parte dos estudos discute a comunicação museológica na relação com os públicos, garantindo a perspectiva de identificação do museu atual para além da contemplação de objetos e sim na experiência humana. Eliane Dourado Bina (2013, p. 81) diz, em seu artigo que, os museus são “espaços de comunicação, interação e mediação cultural”. De fato, compreendem-se os museus como veículos comunicacionais, uma vez que estes desenvolvem temas informativos e de interesse (variável) social e individual que dá origem a conhecimentos e experiências. Nesse aspecto, compartilha-se o pensamento de Ulpiano Bezerra de Meneses (2011, p. 21): “o museu se caracteriza em princípio pela solidariedade (ou, pelo menos, pela extraordinária possibilidade de solidariedade) de suas funções científico-documentais, culturais e educacionais”. A pauta de interesses e a intensidade desses assuntos são questões que levam a outras investigações, a qual não se pretende avançar neste trabalho, tais como educação em museus, funções científico-culturais, entre outras, pois não é esse tipo de comunicação de que se está tratando. Assim, enfatizam-se ainda mais a riqueza das possibilidades de exploração da Museologia e dos museus, na interpretação e no entendimento do mundo tangível e intangível.

A instituição museal, fundamentalmente herdada da modernidade ocidental, tem focalizado suas ações comunicacionais através das exposições³. O anseio de expor das instituições museais está na essência dos caminhos museológicos e na ponta da cadeia das práticas e das representações que os museus desenvolvem, independentemente das coleções

³ Maria Célia Moura Santos (2008) considera a ação de comunicação museológica também como ação pedagógica desenvolvida nas ações educativas. Partindo do princípio que comunicação é ação, processo interativo que pode contribuir para superação de problemas sociais, e do museu como espaço comunicante e de comunicação, torna-se necessário que as ações educativas mediadas pelo museu são pontes de intercâmbio de experiências enriquecedoras do museu com as escolas.

apresentadas. Ao trabalhar com a cultura material (uma vez que o imaterial se expressa por meio da materialidade), os objetos podem ser pensados [...] “como produtos da ação humana, dos interesses, dos conflitos, valores e aspirações” (MENESES, 2011, p. 13). Assim, os museus trabalham conjuntamente com coisas e informações que trazem uma experiência e intercedem sobre elas, nas exposições.

Atualmente, a Museologia e os museus têm como foco de suas preocupações os públicos, os sujeitos e a relação deles com as transformações sociais, sendo que as exposições (conjuntamente com as ações educativas) são seu principal veículo de interlocução entre esses espaços e o público. As exposições estão presentes como ideias-chave dos e nos museus, sendo por meio delas que os museus na sua maioria, comunicam a ação humana.

O processo museológico e o patrimônio cultural inserido nas instituições museais aproximam e contatam os públicos com os conhecimentos humanos passados e presentes nas exposições, usando a sensibilidade, os sentimentos, os símbolos, os signos, os devaneios e a imaginação criativa humana. Marília Xavier Cury (2002, p. 58) mostra a importância das exposições nos museus:

A exposição em museus tem assumido uma grande relevância na contemporaneidade, pois esta mídia museológica é responsável pela interface entre o museu e a sociedade, e lhe é inerente a grande possibilidade de efetivação do compromisso social dessa instituição. Um museu só contempla o seu papel preservacionista à medida que comunica e que expõe, à sociedade, o patrimônio cultural do qual é responsável.

Não é por acaso que os estabelecimentos museais, na ótica capitalista, dão prioridade e sobrepõem as exposições às demais ações museológicas. Estabelecer um tripé inter-relacional e equitativo das funções museológicas (preservar, pesquisar e comunicar), requer dessas instituições autoconhecimento de seu papel e da sua interface com a sociedade. Sua missão atual parte do princípio da proposta de incentivar a reflexão, a consciência crítica, a compreensão das multiplicidades da cultura humana. O museu presente tem a missão de desenvolver um cenário político e contextual para a coletividade em que está inserido.

A realidade museológica das instituições de qualquer tipologia, entretanto, não está pronta para tanto. É grande a batalha de muitas instituições por métodos profissionais, dialógicos, por recursos materiais, humanos, tecnológicos e epistemológicos. A afirmação instiga a pensar que talvez sejam estes os maiores desafios dos pequenos e médios museus, especialmente no Brasil, cujos recursos materiais, humanos e financeiros estão centrados nas

instituições de maior porte. O fenômeno museal perde orientação frente a procedimentos museológicos desorientados.

Exposições itinerantes e temporárias (e até as de longa duração) facilitam o fomento e a concentração de investimentos, patrocínios e subvenções, que servem de forma suficiente até para dar atendimento às outras funções museais, menos apelativas no ponto de vista da interação social. Ocorre então refletir sobre as possibilidades comunicacionais dessas exposições, uma vez que por meio da intencionalidade de mostrar uma face do real, algumas delas podem estabelecer mecanismos que levem ao controle da população (no caso do Trem da Cultura, a ser visto no próximo capítulo). O jogo se estabelece entre os discursos, a exploração e a apropriação que os agentes e atores estabelecem sobre a prática museológica. Se hoje os museus concentram sua problemática na atenção às pessoas, devem estar preparados para atender a pluralidade e as múltiplas relações que esses indivíduos fazem ao interagirem com a narrativa sobre os sentidos e os olhares sobre o mundo social propostos no museu.

Outro caso a considerar, no que tange a situação de exposições, como meios de comunicação museal, estão naquelas exposições chamadas “blockbusters”. Teixeira Coelho (1997), em seu “Dicionário crítico de Política Cultural”, afirmou que [...] “nenhum museu deve medir seu sucesso ou fracasso pela quantidade de pessoas que o procuram”, encerrando a questão que cerca aquelas exposições de forma crítica. Enfatiza-se que, na maioria das vezes, as “blockbusters” são trazidas de realidades externas ao que se propõe o museu, cabendo questionar a sintonia dessas mostras com as funções e com os compromissos respectivos ao museu atual. Sem dúvida, essas exposições são procedimentos que movimentam montantes de recursos financeiros, filas intermináveis de públicos, rendem páginas de notas nas mídias e promoção de patrocinadores que vêm cada vez mais associar suas marcas aos valores culturais e patrimoniais difundidos nas exposições. Perante o público que frequentará ou que já foi na exposição, os patrocinadores diferenciam suas empresas dentre as demais, passando a ser percebidos como socialmente responsáveis. Tudo isso é aprovado e incentivado pelos governos, que utilizam as legislações de incentivo à “cultura” para isentar impostos e transferir responsabilidades estatais ao empresariado na seleção e na elaboração dos projetos, como forma de alcançar, implantar e se consolidar políticas públicas na área cultural.

Políticas públicas culturais são instrumentos que precisam atender as demandas sociais e culturais. As políticas públicas culturais servem como composição e ferramenta democrática e inclusiva, principalmente no caso dos museus. A política pública pode revelar a visão política do grupo que detém o poder, sendo preciso atentar para o fato de que, na pasta da

cultura, a cultura tem sido objeto político. É importante conduzir a questão cultural para o imperativo da multiplicidade da vida, das pessoas e das relações sociais, repudiando conversões político-partidárias. As exposições museológicas são instrumentos culturais que, no contexto de um determinado tipo de política pública, ou de uma gestão institucional propositada, modifica-se em produto cultural.

Vale reforçar que as exposições museológicas, sejam elas mercadológicas, “culturais”, científicas ou tradicionais contemplativas, estão coerentes com a comunicação nos museus, mas também estão inseridas na lógica da indústria cultural. Se hoje os museus (em suas ações e exposições) estão sensíveis e atuantes nos desenvolvimentos locais, também possibilitam circulação rápida de informações e difundem valores. Exposições museológicas necessitam estimular práticas e experiências que aumentem a percepção e a alteridade e atendam a complexidade das diferenças.

No que toca aos públicos visitantes, as exposições promovem relacionamentos, interesses, comportamentos, ações como frequentar, divertir, trocar, sentir, participar, conhecer, informar, ver e serem vistos. Scheiner (2002, p. 99) acusa que [...] “a comunicação no museu se dá pelo afeto. Interagir, impregnar-se, vivenciar, emocionar, experimentar de forma lúdica, cognitiva e sensorial é o dever das exposições”. Desse modo elas produzem memórias, histórias, identidades, quando representam e ressignificam patrimônios. Ao comunicarem, as exposições medeiam emoções e informações, como aponta Tereza Scheiner (2002). Os elementos discursivos de uma exposição, iluminação, ambiência, cenografia, sons, cores, suportes, textos, legendas, etiquetas e a própria seleção dos artefatos caracterizam os museus no contexto comunicacional. Dialógicas, reflexivas (ou não), conceituais, informacionais, interativas, tecnológicas, tradicionais, as exposições mediam as relações internas e externas das fronteiras institucionais. Como reforça Cury (2002), pelas “posturas condutivistas ou interacionistas” os museus orientam seus procedimentos em relação à sociedade.

Outros autores se debruçaram em estudos a respeito da situação comunicacional dos museus por meio de exposições. Dentre eles, destacam-se alguns que são mais mencionados e cuja obra aproximou-se dos objetivos propostos neste texto, tais como Bruno (1996-2008), Cury (2006) e Barbuy (2010). Neste sentido, os autores foram cúmplices no entendimento do processo comunicacional a partir da recepção, do público e destes como agentes e sujeitos que elegem aquilo que querem contemplar. Esse é o olhar que investe e norteia as reflexões da museologia contemporânea, proporcionando aos museus que acertem suas bases no compromisso com a comunidade e seus indivíduos no contexto social em que estão inseridos.

As exposições, como comunicação dos museus, podem ser vistas conforme muito bem enunciou Waldisa Rússio Guarnieri (1986, p. 143): [...] “exposições são espelhos em que contemplamos nossa aparência de indivíduos e de coletividade; onde nos percebemos melhor quando melhor percebemos os outros, a alteridade”.

Esta pesquisa não se situa na discussão a respeito da comunicação museológica unicamente como ação nos museus destacada pelas exposições, mas nos tipos possíveis de meios de comunicar e que são usados pelos museus. Propõe-se debater para além da comunicação museológica mediada pelas exposições. Pensa-se analisar a comunicação museal como uma estratégia que usa os cinco sentidos, que sensibiliza e que remete o conhecimento a uma inesquecível experiência.

A divulgação na mídia, especificamente nos jornais impressos, como estratégia comunicacional, pode ser um avanço na proposta de comunicação nos museus no sentido de ampliar a atenção e a relação dos públicos. Nesse caso, cabe maior atenção na ocorrência e na medida em que pode ocorrer um impacto institucional na comunicação via jornal. O jornal é uma empresa, possui um caráter mercadológico que pode acarretar em interesses conflitantes com os do museu. Jornais e museus têm suas articulações organizadas e as mensagens que são difundidas pode por um lado, ser formuladora e criadora de opiniões, saberes, normas, valores e subjetividades que vão muito além daquelas pensadas na formulação técnica de produção da notícia. Ao ressignificar os sentidos das coisas, o efeito produzido pode não ser apropriado pelo público da mesma forma que foi visado. Em seus discursos, os jornais e os museus trabalham no interesse e nas tensões das mobilizações sobre o social, contribuem para a massificação em relações de poder e saber. Assim, essas instituições, museus e jornais, têm dimensão central e social nos diferentes âmbitos da sociedade atual, pois atuam com um fator primordial que é a troca de informação, silenciada ou divulgada por essas instancias mediante.

A aproximação entre esses dois mediadores comunicacionais se dá na complexidade com que mencionam, selecionam e especificam o que se constituirá no âmbito da sociedade e da cultura. O jornalismo impresso é um gênero da comunicação e os museus também podem ser percebidos dessa forma uma vez que estabelecem perante opinião pública discursos que asseguram ou colocam em questão poderes estabelecidos. No contexto de 1974-1980, pode-se percebê-los conforme definiu Althusser citado por Luis Mauro Martino, ou seja, como “Aparelhos Ideológicos do Estado” (2009, p. 74). Simbolicamente, os aparelhos do Estado (a igreja, a polícia, o exército, a escola, o sistema jurídico, entre outros), garantem e reproduzem as condições de desenvolvimento de grupos constituídos pelo domínio e influencia na

comunicação e na cultura. Os jornais mostrando uniformização de notícias, manchetes e informações de modo semelhante, demonstram posicionamento e direcionamento de idéias ligadas ao mercado (conglomerados da mídia), sustentando o discurso político das elites. Os museus nos discursos sobre uma “cultura para todos” (caso do MJC) em suas representações expositivas (e acredita-se de estratégias de comunicação), instituem a reprodução de relações sociais de poder e dominação. Dessa forma, museus e jornais podem ser instrumentos de forte pressão tanto política como também econômica. Isso não implica dizer que os públicos (dos jornais e dos museus) não tenham senso crítico, que suas experiências e subjetividades sejam ignoradas e que aceitem passivamente as imposições culturais e ideológicas dos aparelhos ideológicos. Pode e deve haver resistências. As pressões no desempenho e no modo de operação destas instituições, que são feitas em larga escala pelo pensamento de grupos dominantes em suas ideologias e prática do cotidiano, resultam em efeitos sobre o conjunto da sociedade, uma vez que sua dominação se dá por meios simbólicos e de signos.

Nos estudos da História, a imprensa periódica há tempos é validada como fonte de pesquisas e investigações. Para a Museologia, ciência em construção, ainda com avanços e retrocessos, articulada pela interdisciplinaridade, associar pesquisas que têm os jornais como objeto consiste em dar atenção a novas perspectivas de identificar o lugar da comunicação nos e sobre os museus.

Os jornais são capazes de tornar visíveis relações do contexto humano, vinculadas ao presente. Nessa linha de pensamento, recorre-se novamente às definições de Waldisa Russio C. Guarnieri em seu conceito de “fato museal⁴”, a fim de conectar a questão entre museus e jornais. Ora, a autora assegura que a condição do fato museal ocorrer é o museu e que este deve estar objetivado na construção de uma prática social. Da mesma forma, pode-se considerar que um jornal (por meio dos jornalistas e da notícia) é um lugar no qual ocorre esse “fato social”, tendo em mente que os jornais assim como o museu, auxiliam a pensar na realidade e nas relações sociais. Os jornais atuam como agentes que transformam fatos cotidianos em pautas públicas. Como os museus, aos jornais não interessa deslocar a realidade a um nível que retire as possibilidades relacionais da apuração do fato.

Considera-se que museus e jornais são constituídos por sujeitos sociais e históricos que produzem discursos e fazem pesquisas, escrevendo discursos a partir de olhares do presente. Museus e jornais são fenômenos culturais em processo, cuja riqueza está na

⁴ Para Waldisa Rússio Guarnieri o fato social se constitui como : [...] “a relação entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem igualmente pertence e sobre a qual tem o poder de agir”. Essa definição foi primeiramente apresentada pela autora no Encontro do “ICOFOM” em 1981 (GUARNIERI, apud BRUNO, 2010, p. 127).

possibilidade do desenrolar, aproximar e resultar uma experiência aos seus públicos.

Vale destacar que as divulgações de ações museológicas e pesquisas em e sobre os museus nos jornais são estratégias recentes, que podem ser previstas inclusive nos instrumentos de gestão ou plano museológico. Na complexidade urbana e da sociedade capitalista, tem-se a necessidade de mediação dos meios de comunicação, especialmente sendo o museu um espaço público e que deve estar a serviço dele. Tanto museus quanto jornais constroem significações (por meio de objetos e de acontecimentos, respectivamente). São fenômenos culturais, pois ao comunicarem constituem e provocam reações nas vidas das pessoas. Ambos, jornais e museus, podem expressar as contradições da sociedade, existindo como forças políticas, pois erguem discursos e representações que são controladas, selecionadas, organizadas. De acordo com FOUCAULT (apud Brandão, 2004, p. 37) o discurso é um jogo estratégico de ação e de reação, de dominação e de escapamento, portanto, de luta. Os Museus e os jornais atuam politicamente por meio dos seus discursos tidos como “verdadeiros” uma vez que distinguidas publicamente, museus e jornais são tidos, reconhecidos como espaços de saber e autoridade para expressar incoerências, podendo escolher abordar, enfatizar ou minimizar essas contradições. Nos museus, como nos jornais, grupos políticos se propagam, perpetuando seleções, discursos e representações de suas condições materiais e simbólicas. Ocorre, para a autora, sobre museus e jornais, o que apresenta Néstor Garcia Canclini (1998): [...] “espaços de lutas materiais e simbólicas entre classes, etnias e grupos”.

Considerando a imprecisa visibilidade comunicacional do campo profissional e teórico dos museus, o presente estudo dispõe-se a descortinar a comunicação que eles fazem por meio da imprensa. O vocabulário, as idealizações, as ilustrações, a repetição de informações ou temas, a relevância dos assuntos destacados em manchetes, o foco, entre outras características das notícias, são possibilidades de análise sobre a comunicação que a mídia usa para proferir seus discursos sobre os museus. A comunicação jornalística estabelece e exercita coletivamente relações de poder. A partir disso, cabe parafrasear o pesquisador em comunicação Luís Mauro Martino (2009), que questiona: “afinal, de que comunicações estão falando?”.

Para este, entre outros autores das teorias da comunicação, comunicar é emitir, receber, traduzir, refletir, retornar uma mensagem ou informação a partir de uma intencionalidade partilhada. A mensagem é a finalidade e passa por uma ação-reação dos leitores. Na comunicação, não há passividade nem linearidade. Os jornais são suportes materiais de comunicação através dos quais é elaborada uma informação. Essa informação

não pode ser confundida com transparência, com verdade, que é inexistente. A informação jornalística depende da apuração dos acontecimentos enunciados pelas fontes sob vários pontos de vista. Se aproximar ou afastar dos pontos de vista define o resultado ético da notícia e do jornal. No jornal, como no museu, o tempo é um componente importante que serve para celebrar um acontecimento, um personagem, um caso, uma situação. Há proximidade nas problematizações que são estabelecidas pelos museus e pelos jornais.

Alguns jornais repetem os mesmos temas, como se pode perceber na expedição das notícias pelos periódicos sobre o Museu Julio de Castilhos. Há subjetivismo na versão de quem cria notícias e no tom da produção delas. Por isso, é interessante notar o modo como os temas dos periódicos chegam ao público. Comunicar suscita múltiplos olhares e cultura também, pois são objetos complexos e passíveis de amplos recortes. O Museu Julio de Castilhos está e esteve inserido e interagindo com vários âmbitos culturais: como ação, como organização e como divulgação. Cultura como ação humana e prática social sugere transmissão, uma relação entre seres humanos, grupos, indivíduos que se relacionam da mesma forma e podem transformar seus comportamentos, práticas e meios, buscando distinção entre os outros. São vários os conceitos de cultura, tema complexo, vasto que permeia diferentes óticas e não tem caráter definitivo diante a realidade social que está em constante mudança. A cultura é aberta, está em tudo e em todos, nos indivíduos e na disposição. Nos museus a cultura é um meio utilizado para comunicar a realidade dos seres humanos, estruturada por agentes e sujeitos a partir de muitas interações. Dentre essas interações a emoção é uma das que mais motiva a comunicação, pois ela se dá a partir de valores subjetivos decorrentes da sociedade de consumo que enfatiza a importância da materialidade. A materialidade é um aspecto significativo dessa relação nos museus, que pode ser reforçada, estereotipada, valorizada e até imposta pela mídia (e pela divulgação nos jornais, em especial).

A cultura que o MJC se propôs divulgar por meio dos jornais é organizacional⁵, sistêmica, fechada, pois representa um sistema de significações oriundas de processos negociados (patrimônio cultural) e depois compartilhados (comunicados). A cultura organizacional em uma instituição pública como é o Museu Julio de Castilhos, estava sedimentada na tradição e nos hábitos ou procedimentos museológicos, colocada em pólos de enfrentamentos, o “velho e o novo; o dinâmico, o moderno”, o que mostra uma visão

⁵ Em comunicação social, a cultura organizacional é vista pela apresentação profissional em que consultores, funcionários, gestores planejam, formulam estratégias para gerar a informação que será divulgada, inserindo discursos e imagens dos eventos organizacionais. É o que se apresenta no Museu Julio de Castilhos por meio do Setor de Divulgação.

instrumental, isto é, que pode ser manipulada pelos seus dirigentes. A cultura sendo utilizada pelo Museu como instrumento de comunicação institucional com os jornais, buscando atingir consenso quanto à identidade institucional e a sua função. A cultura organizacional mobilizou projetos visando repercutir na sua liderança cultural perante o Estado do RS. O Museu estava inserido e interagindo em um ambiente cultural e social que definia a perspectiva de cultura a partir da possibilidade da coexistência sobre valores conflituosos (estabelecidos pelas representações do patrimônio) diferentes e em desarmonia.

A cultura divulgada pelo Museu Julio de Castilhos é ainda, parte reivindicante de uma historicidade institucional e funcional que caiu num prestígio ambíguo no âmbito da indústria cultural. A indústria cultural, como prática cultural, liga as pessoas a um processo de consumo de produtos (ao exemplo dos projetos do Museu Julio de Castilhos Trem da Cultura e Cinema no Museu), padronizados a fim de responder as muitas demandas decorridas. Isso compromete a experiência cultural e a comunicação. Se se entender que o produto pode regular e moldar, ele pode ser censurado ou hipervalorizado o que, nas duas versões, para mais ou para menos, suprime a visão crítica e compromete a experiência cultural. Segundo Giovandro Ferreira (2001, p. 110):

A indústria cultural está inserida num contexto representado pela força da sociedade, [...]. A supremacia da sociedade sobre o indivíduo ocorre nas várias situações (trabalho, lazer, etc...), caracterizando uma atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural.

Ferreira (2001, p. 111) chegou a uma conclusão ainda mais articulada:

Esta assimetria, entre os meios de comunicação e o indivíduo, chega à afirmação do cultivo da pseudo-individualidade, onde se vive uma identidade proposta pela sociedade num contexto regido pela cultura industrializada.

A partir daí, buscam-se explicações dos efeitos da indústria cultural a partir das teorias da comunicação ligadas aos processos de comunicação, entendendo que pelas teorias podem ser explicados aspectos da realidade do Museu. Para entender o que ocorre no processo de massificação que os jornais comunicam para as pessoas, trabalha-se na abordagem do agendamento ou *agenda setting*.

O agendamento, conforme explica Antônio Hohlfeldt (2001), aconteceu a partir do pensamento de Elisabeth Noelle-Neumann e vem sendo bastante difundido a partir dos anos 1960 para explicar, por meios de três pressupostos, como a imprensa indica sobre o que as pessoas pensarão, quando fornecem categorias de conteúdos para os destinatários refletirem e

considerar importantes. Hohlfeldt (2001, p. 190-191) enuncia as três suposições, a saber: a primeira, o fluxo contínuo de informação; seguida da influencia dos meios de comunicação a médio e a longos prazos; e a terceira, de que “[...] a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social”.

O agendamento causa efeitos em médios e longos prazos na opinião e na estrutura cognitiva e cultural das pessoas. O agendamento coloca temas e assuntos na sociedade, padronizando, repetindo, totalizando as opiniões e percepções das pessoas que usam os tópicos veiculados como pauta de suas conversas e do seu cotidiano. A esse respeito Giovandro Marcus Ferreira (2001, p. 112) coloca:

Na perspectiva da *agenda setting*, pode-se observar uma sociologia cognitiva, onde os indivíduos adquirem sua visão de mundo proveniente da agenda estipulada, ao longo do tempo, pelos *mass media*. O efeito é ressaltado pelo seu aspecto cumulativo. A mesma assimetria consta-se nesta abordagem referente à força dos *mass media* e a fragilidade do público ou dos indivíduos.

Outra hipótese dentre as Teorias da Comunicação para interpretar a relação dos jornais com o Museu Julio de Castilhos é a do *newsmaking*, ou a produção da informação. Lembra-se que essa informação é um modelo inscrito em um suporte de comunicação, o jornal, passível de uma intencionalidade. Para a informação tornar-se comunicação, ela necessita estar incluída como uma atenção pessoal de interesse ao leitor, que participando, faz com que ele pense, reflita, mude. Para comunicar, a informação necessita ser proposta sem neutralidade, sem reservas, sejam elas materiais ou imateriais.

A produção da notícia é a transformação em condições que tornam um fato virar informação na mídia e que cumpre com obrigações do jornalista e das rotinas produtivas empresariais, industriais e do mercado. Ciro Marcondes Filho, por meio de seu “Dicionário de Comunicação”, explica que o jornalista, por meio das técnicas de produção, organiza elementos relevantes ao processo de redação da notícia:

O domínio de técnicas narrativas relativamente padronizadas permite que o jornalista relate os fatos segundo uma organização discursiva reconhecida pelo leitor, no universo de um contrato de comunicação (MARCONDES FILHO, 2009, p. 275).

O mesmo autor enfatiza que uma notícia pode ser produzida por um jornalista⁶ ou fornecida ao veículo de comunicação (o caso do Museu Julio de Castilhos com o setor de divulgação). Cabe perceber quais são os interesses e posicionamentos embutidos dos agentes sociais que estão ligados na publicação da notícia, ou seja, as relações de poder.

Assim, a respeito de um acontecimento, estabelecem-se variáveis características de potencial e importância para transformá-lo em notícia, tais como: a hierarquia e a quantidade das pessoas envolvidas no acontecimento noticiável; o impacto sobre as pessoas e a relevância e significação do acontecimento, a novidade, relevância local, entre outros (MARCONDES FILHO, 2009, p. 273). Por sua vez, Antônio Hohlfeldt (2001) considera a produção da notícia como noticiabilidade, isto é:

Um conjunto de regras práticas que atinge um corpus de conhecimento profissional que, implícita e explicitamente, justifica os procedimentos operacionais e editoriais dos órgãos de comunicação em sua transformação dos acontecimentos em narrativas jornalísticas. Reúne o conjunto de qualidades dos acontecimentos que permitem uma construção narrativa jornalística e que os recomendam enquanto informação jornalística (HOHLFELDT, 2001, p.209).

A Figura 3 demonstra claramente essa perspectiva e, no que toca ao agendamento, evidencia o quanto os jornais contribuem para a valorização das relações políticas.

⁶ Dentre as ações profissionais consideradas pelas teorias da Comunicação o jornalista, o editor, o jornal podem ser considerados como o *gatekeepin*, ou o porteiro, quer dizer, selecionadores de notícias que são controladas e filtradas.



Figura 3 - Reportagem publicada no jornal Folha da Tarde em 03 de setembro de 1979, que trata da abertura de uma exposição comemorativa ao Sete de Setembro em que apareceram autoridades civis e militares no ato de abertura. Cópia digitalizada do Arquivo de reportagens do acervo da Biblioteca do MJC.

Fonte: Museu Júlio de Castilhos

Finaliza-se a questão das Teorias da Comunicação como forma de explicação sobre as possibilidades da imprensa se comunicar com o MJC nos jornais veiculados em Porto Alegre, do ponto de vista da consonância ou da hipótese denominada como “espiral do silêncio”. Pensar a partir de uma “espiral do silêncio”, como no caso do agendamento, também foi provocação de Elisabeth Noelle-Neumann nos anos 1970. Conforme cita Hohlfeldt (2001, p. 222), a pesquisadora preocupou-se com a opinião pública que é consensual, majoritária.

Na espiral do silêncio, há influência da opinião pública sobre os indivíduos. Esse poder simbólico da opinião pública trata do consenso, ou ficção, que uma minoria de pessoas exerce sobre a maioria, cujo receio de não ter sua opinião aceita daquilo que está na maioria, fica em silêncio e aceita as idéias, acolhe e introjeta expressões dessa maioria, como verdades absolutas.

Pode-se perceber aí, uma fissura de comunicação, que não é desinteressada nem impessoal, que passa para a determinação e o direcionamento. Opinião pública é diferente da opinião pessoal. A comunicação só é pública se muitas pessoas tiverem acesso a ela. Se na opinião da maioria dos leitores, os jornais estão para intermediários na construção de sentidos que ficam registrados na memória das pessoas, ao se apropriarem de temas do senso comum, esses jornais reforçam os imaginários de consenso, pela informação noticiada.

Luís Martino (2009, p.207) explica que o conceito central da espiral do silêncio considera que “[...] a opinião pública parece estar mais ligada à imposição, pelos meios de comunicação, de um ponto de vista previamente selecionado a respeito de um tema”. O autor reforça que “uma vez publicada, a notícia selecionada é a base para a construção da opinião coletiva, em que a fonte de informação é a mesma para um grupo grande de pessoas.” E esse é o que se pode observar com a variedade de jornais que tem a mesma abordagem nas publicações impressas sobre o projeto Cinema no Museu. Há de se levar em consideração que o ambiente, o meio social externo que os jornais tinham, influenciava na sua redação.

Estas foram discussões que levaram a interpretar a relação dos jornais Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Manhã, Folha da Tarde e Zero Hora, dos anos 1974-1980, a respeito do Museu Julio de Castilhos. Os desenvolvimentos da pesquisa em seus resultados serão trazidos à tona no próximo capítulo.

4 “CONTEÚDOS EXPRESSOS E IMPLÍCITOS: FAZER CRER E FAZER SENTIR”

Este texto mostra a análise sobre as matérias publicadas nos jornais veiculados em Porto Alegre entre os anos 1974-1980. Os jornais Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Manhã, Folha da Tarde, Jornal do Comércio e Zero Hora foram impressos que noticiaram entre outros assuntos, conteúdos diversos e opiniões sobre o Museu Julio de Castilhos. As notícias veiculadas partiam do Setor de Divulgação do MJC, buscando divulgar atividades e produzir familiaridade do público com determinadas ações da instituição.

No quadro desta pesquisa, notícia é a reprodução construída de um fato ocorrido na realidade pelo jornalista ou pelo jornal. Nelson Traquina (2008, p. 16) refere-se ao agendamento da notícia como “[...] uma seleção de acontecimentos que podem ser enquadrados”, ou seja, “[...] uma ideia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema”. O fato museal construído e transformado em notícia, com o agendamento feito no e pelo jornal, torna-se assunto de discussão pública. Essas modificações que o jornal faz dos acontecimentos utilizando a linguagem jornalística na fórmula “quem”, “que”, “onde”, “quando”, “por que”, e “como”, e nas “regras estilísticas (uma síntese direta e concisa, as palavras concretas, a voz ativa, a descrição detalhada, a precisão do pormenor)”, segundo explica Traquina (2008, 43) tem uma finalidade: “[...] para torná-lo interessante e impactar as pessoas, grupos, empresas, etc., de forma positiva, negativa ou indiferente (MARCONDES FILHO, 2009, p.273)”.

A notícia é um discurso, uma versão expressa do que o jornalista (ou o jornal) abordou a partir de uma (ou de várias fontes). De um modo geral, a matéria jornalística é publicada como novidade ou como reforço a uma ideia, mas pode se repetir, como no caso dos eventos noticiados no Museu Julio de Castilhos. As mesmas fontes, a mesma cobertura, influencia aos jornais que acabam comunicando o mesmo produto. Nelson Traquina (2008, p. 36) comenta que:

Os jornalistas partilham um pensamento de grupo. [...] as semelhanças na cobertura noticiosa sugerem um sistema de valores comuns entre as organizações- um sistema reforçado pela grande proximidade, a partilha de informações e a observação do trabalho de outros jornalistas [...]. Uma grande sobreposição na cobertura noticiosa [...]. Um pensamento de grupo comum é aquilo a que se chama de jornalismo em pacote, isto é, os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira. (TRAQUINA, 2008, p.26).

Pode-se perceber que a informação foi conduzida pelo Museu para ser transformada em notícia e que foi publicada pelos jornais com o intuito de acontecimento “novidade”. A

novidade é um critério da notícia que se apresenta como condição do ritmo de produção e circulação do jornal. Na produção mercantilista dos jornais, o tempo de “fechamento” da matéria para publicação, a intenção na articulação dos vocabulários utilizados, sempre pontuados pela necessidade da rapidez e do ineditismo se fazem com a agilidade da novidade. O fluxo de informações e acontecimentos deve ser constante para chamarem a atenção dos jornais (e dos jornalistas) que competem entre si, para manter o consumo do público e sobreviverem no mercado comunicacional.

Ao coletar o material para este estudo, percebeu-se que, conforme mostra a Tabela 1, o jornal *Correio do Povo* foi o impresso que mais divulgou o Museu de Castilhos no total dos anos analisados, seguido pela *Zero Hora* e *Folha da Tarde*.

Tabela 1 - Quantitativa das notícias divulgadas nos jornais sobre o MJC nos anos 1974-1980

Jornal/ano	1980	1979	1978	1977	1976	1975	1974	
Correio do Povo	9	14	26	8	14	13	17	101
Folha da Tarde	10	8	7	1	3	6	6	41
Jornal do Comercio	10	2	2	0	1	0	2	17
Zero Hora	17	3	8	1	3	4	10	46
Folha da Manhã	0	1	2	1	1	1	2	8
Diário de Notícias	0	11	0	0	3	3	23	40
TOTAL	46	39	45	11	25	27	60	253

Fonte: pesquisa da autora.

O *Correio do Povo* é um tradicional veículo da cidade de Porto Alegre (e do RS), criado ainda no século XIX por Francisco Caldas Junior. Ao longo de sua trajetória, o jornal *Correio do Povo* sofreu mudanças políticas, editoriais e econômicas, acompanhando as tendências empresariais e do mercado. Segundo Rüdiger (2003), sua independência política e sobriedade na redação das notícias lhe deram prolongamento de vida e confiabilidade dos leitores. No ano de 1975, chegou a uma tiragem de cerca de 60 mil exemplares, o que significa um sucesso para o jornal se manter, em vários sentidos. Conforme Francisco Rüdiger (2007, p. 368), a Caldas Junior, naquela época, despontava como a “verdadeira cara do Rio Grande” em suas publicações e posicionamentos editoriais. Nos anos 1980, o jornal enfrentou problemas financeiros, entrando em declínio, chegando a suspender a circulação, retomada em 1987 e vigorando até a atualidade.

Outros jornais se destacaram no cenário da imprensa porto-alegrense do período como concorrentes ao *Correio do Povo*, embora com vida curta: o impresso *Diário de Notícias*, o

jornal Folha da Manhã e o jornal Folha da Tarde. Tinham formato *standard* e diferenciavam-se pela perspicácia dos seus jornalistas no processo de produzir as notícias.

A Folha da Manhã, parceira do Correio do Povo na mesma Cia. Jornalística Caldas Junior, foi um jornal que começou a circular em 1969 para concorrer, abertamente, com o jornal Zero Hora. Conforme Henn (2003), a Folha da Manhã era produzida com inovações gráficas, buscando um aprofundamento interpretativo que buscava atingir um público caracterizado por jovens universitários. Teve seu auge nos anos 1974-1978 ao produzir matérias de enfrentamento à ditadura. Para Rüdiger (2007), a conquista de novos segmentos de mercado pela Folha da Manhã acabou em disputa de espaço com a Folha da Tarde, ocasionando, entre outras razões, recessão econômica na Caldas Junior. Como consequência, a Folha da Manhã fechou suas portas em 1980, quando se fundiu com a Folha da Tarde.

A Folha da Tarde, também pertencente à empresa Companhia Jornalística Caldas Junior, era um jornal vespertino criado em 1936, impresso em formato tablóide. Teve seu sucesso devido à aproximação com os tons populares, como a coluna policial e os esportes. Possuía um caderno específico de conteúdos relacionados ao lazer, as artes e à cultura em geral, no qual eram publicadas as notícias do MJC. O jornal teve colunistas e cronistas de renome jornalístico e literário que cativavam os leitores trazendo repercussão positiva ao periódico, pela relevância e pela integração com que abordavam o cotidiano da cidade de Porto Alegre. Circulou até 1984, quando a crise financeira suspendeu a periodicidade, ocasionando o fechamento do jornal.

O Diário de Notícias foi um dos principais jornais do Rio Grande do Sul. Francisco Rüdiger (2007) descreve a trajetória do Diário de Notícias como conservadora. O jornal integrava o conglomerado Diários Associados, pertencente a Assis Chateaubriand, empresário com fortes ligações políticas nos anos 1940-1950. A importância do jornal Diário de Notícias na história da cidade de Porto Alegre pode ser percebida no apoio a criação e na realização da Feira do Livro de Porto Alegre, devido à campanha de destaque dado à literatura e aos editores. Em 1954, teve início a sua decadência quando o jornal, acusado de ter posicionamento contrário ao governo, foi vinculado ao suicídio de Getúlio Vargas. O jornal foi depredado e incendiado por manifestantes populares, o que levou a decadência de sua aceitação junto ao público, culminando com o seu fechamento em dezembro de 1979.

O Jornal Zero Hora foi fundado em 1964 por Ary de Carvalho em substituição ao jornal extinto Última Hora. Foi adquirido como veículo impresso pelo grupo Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), criado em 1957. Desde o início de sua impressão, o jornal Zero Hora mostrou preocupação em desvincular o seu trabalho jornalístico de um compromisso

político, anunciando independência editorial. Evidenciou a sua ocupação como um jornal voltado para as questões locais e regionais com ligações nacionais. No ano de 1967, criou seu Caderno Zero Hora, hoje Caderno de Cultura. Em 1971, passou a circular diariamente e já em 1972 em todo o Estado (KELLER, 2014). Sua condição é ainda de grande relevância para a cidade, o Estado e o País.

O perfil e a posição dos impressos ajudam a balizar a frequência de divulgação e o teor das notícias sobre o Museu Julio de Castilhos. Para explorar as notícias dos jornais nesse estudo, condensaram-se os assuntos anunciados a respeito do Museu Julio de Castilhos em cinco categorias. Classificou-se a repetição de manchetes e temas publicados, resultando nas seguintes categorias:

- Eventos: exposições e Filmes;
- Divulgação: notícias e notas sobre inovações no cotidiano do Museu, tais como horários, novidades, curiosidades, cursos, obras, inaugurações, etc;
- Política Cultural: notícias e notas sobre ações estratégicas vinculadas às potencialidades institucionais em relação às demandas acionadas pelo Departamento de Assuntos Culturais da SEC (DAC/SECRS);
- Incorporação de acervos: as doações de acervos recebidas pela instituição ao longo da gestão, na maioria delas relacionadas a um vulto ou personagem histórico.

Na Tabela 1, mostrou-se que o jornal Correio do Povo foi o impresso que mais noticiou o Museu de Castilhos no total dos anos analisados, seguido pela Zero Hora e Folha da Tarde. Atribui-se a maior divulgação das notícias sobre o Museu no jornal Correio do Povo pela sua linha editorial clássica de referenciar preferencialmente fatos políticos e de governo. As notícias “culturais” do Museu eram exploradas pelo prestígio conquistado pela instituição com o passado e o símbolo da memória e da identidade que ele representava. Da mesma forma, o Museu Julio de Castilhos tinha vantagens nas publicações do Correio do Povo, dadas as suas características tradicionais, de maior alcance de público e menor sensacionalismo. A primazia do Correio do Povo na publicação das matérias em relação à Folha da Tarde acontecia pela razão do horário de publicação antecipado do jornal Correio do Povo sobre o lançamento vespertino da “Folha”, fazendo a concorrência entre os veículos (RÜDIGER, 2007, p. 370), mesmo que participassem da mesma empresa. Já o jornal Zero Hora, mais novo no mercado daquele período, sintonizado com expectativas de mercado, divulgava matérias no seu Caderno Zero Hora, voltado às questões culturais locais, tematizando um assunto, numa matriz mais voltada para os sujeitos. Considerando que os jornais Correio do Povo e Zero Hora foram os que se mantiveram atuando até os dias de hoje, ideologicamente opostos,

é interessante destacar que a década de 1970 já preconizava espaços para uma reinvenção política com a volta da democracia, repercutindo na atualização da forma de comunicação.

Tabela 2 – Quantitativo das categorias por assuntos divulgados no ano

Assuntos/ano	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	
Divulgação	16	9	15	7	12	7	3	69
Exposição	23	7	1	1	7	6	13	58
Filmes	12	2	1	1	6	15	19	56
Política Cultural	7	6	7	1	14	9	8	52
Incorporação	2	3	1	1	6	2	3	18
	60	27	25	11	45	39	46	253

Fonte: pesquisa da autora

Na Tabela 2, destaca-se que o perfil das notícias transmitidas para o público pelos jornais, como apresentará a Tabela 3, que confronta as particularidades editoriais. Verifica-se que, pela frequência com que aparecem, as categorias Divulgação, Exposições e Filmes são veiculados mais repetidamente nas publicações do que as que tratam de Política Cultural e de Incorporações. Pode-se perceber que os dados sobre os assuntos Política Cultural e Divulgação têm mais relação com as atividades internas do Museu tomadas para conhecimento do público e as demais: exposições, incorporações e os filmes, com os encargos desenvolvidos no Museu para o deleite do público, o que faz informações de participação e interesses diferentes.

Tabela 3 - quantitativa das categorias de assuntos divulgados por jornal

Jornal/Assunto	Exposição	Filmes	Divulga- ção	Política Cultural	Incorpo- ração	Total
Correio do Povo	19	16	34	25	7	101
Folha da Tarde	13	7	10	11	1	42
Jornal do Comercio	3	4	2	4	4	17
Zero Hora	13	17	7	5	4	46
Folha da Manhã	1	2	3	2		8
Diário de Noticias	10	9	15	4	1	39
TOTAL	59	55	71	51	17	253

Fonte: pesquisa da autora.

Na Tabela 3, o estudo apropria-se dos dados comparando o quantitativo de assuntos em relação aos jornais. Os resultados levam a observar que o Correio do Povo foi o jornal que tratou de expressar mais elementos relacionados com a divulgação do Museu para

conhecimento do público, seguido da Política Cultural, e ambos os assuntos levam a questões políticas. No quesito filmes, é praticamente equitativo nos jornais Zero Hora e Correio do Povo o interesse de noticiar. As projeções no Museu levam a perceber estímulo e aproximação da comunicação midiática nas ações museísticas. Nos jornais, a modernização institucional é constante, mas também o entretenimento sendo promovido pelo jornalismo.

O uso de imagens é também uma forma de comunicar. Os jornais estabelecem imagens como referências para ampliar a informação da notícia. A imagem fotográfica jornalística é empregada há bastante tempo, tendo seu desenvolvimento acentuado no período entre guerras do século XX, possibilitado pelos avanços tecnológicos dos equipamentos e técnicas fotográficas. Não pretendemos, sem condições para tanto, discutir o uso da fotografia pela imprensa, mas se valer das fotografias publicadas nas matérias que constam desse estudo para comentar, rapidamente, as possibilidades metodológicas de investigação do imaginário sobre o Museu nas fotos dos jornais. Percebemos que, para os jornais de Porto Alegre, no período de 1974-1980, foram usadas fotografias como forma de ilustração dos conteúdos debatidos nas matérias. As imagens publicadas como ilustração não tinham a perspectiva de documentar, denunciar, afirmar ou questionar o texto.

Peter Burke (2004), historiador, escreveu sobre imagens (incluindo a fotografia) como testemunhos visuais sobre os acontecimentos. O autor define que não há ingenuidade no lançamento de imagens. Ele afirma que “[...] os diferentes tipos de fotografias como fontes de informação para os diferentes tipos de história, revelam diferentes usos e pluralidades”, indicando intenção. Dessa forma, as fotografias nos jornais também servem como objeto de investigação, podendo revelar o movimento das instituições museológicas no sentido de auto-representação.

Tabela 4 - Quantitativa do conteúdo das imagens publicadas

Jornal/tipo de Enfoque da imagem	Patrimônio	Preservacionista	Outros	MKT	História	Subtotal jornal
Correio do Povo	12	1	2	14	3	32
Folha da Tarde	10	1	3	11	4	29
Jornal do Comercio				2	1	3
Zero Hora	9	1	1	4	1	16
Folha da manhã				2		2
Diário de Notícias	21			4	3	28
TOTAL GERAL	52	3	6	37	12	110

Fonte: pesquisa da autora.

Na Tabela 4, foram analisadas 110 imagens fotográficas publicadas nos jornais. As categorias criadas a partir das imagens foram:

- Patrimônio: referente às coleções do acervo do Museu.
- Preservação: imagens que mostram problemas de conservação do prédio do Museu (e da casa anexa incorporada em 1978).
- Outros: fotografias de pessoas em geral, convidadas de aberturas de exposições temporárias, visitantes, estudantes.
- MKT: fotografias do Diretor, de visitantes ilustres no Museu, de melhorias e promoções da instituição.
- História: fotos dos vultos e representações de fatos históricos.

Desse quantitativo, a maior parte delas refere-se ao patrimônio da instituição no sentido das coleções destacadas pelo jornal Diário de Notícias que provavelmente, por estar atrelada a empresa “Diários Associados” que tinha vinculações na Agencia Meridional de Notícias⁷, produtora de imagens nacionais e internacionais, desenvolveu interesse na produção de fotos de peças do acervo com apelo de representação regional e também por que a exploração da ilustração era parte de seu diferencial editorial. As imagens fotográficas classificadas na categoria marketing, ressaltadas pelo Correio do Povo e pela Folha da Tarde, periódicos generalistas nos relatos e mercantilistas no consumo da notícia, enfatizaram os produtos do Museu que interessavam ao poder político e econômico em atuação no período, legitimando o Museu e o Jornal perante as personalidades, numa dupla mediação de relações entre líderes e a sociedade. A publicação das fotografias da categoria História no âmbito da notícia mostra a localização do discurso historiográfico no Museu.

⁷ Ver Memorial Diários Associados. Disponível em: <<http://www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/decada70.html>>. Acesso em: 30 mai.2014.

Observa-se que as fotografias mais recorrentes nas matérias produzidas foram as que mostram acervos e o edifício sede do Museu. Isso leva a refletir e a problematizar a relação que a imprensa fez (e faz) dos propósitos e da definição de museu. As fotos introduzem e promovem o acervo e o prédio como patrimônios. Essa inserção iconográfica influencia visualmente a aproximação dos públicos para as ações do Museu. As fotografias na notícia também demonstram e confirmam para os leitores a abrangência histórica da instituição. Se a notícia é deteriorável, o Museu tem uma historicidade e uma solidez histórica. As duas instituições utilizam seus recursos e seus fetiches para fundamentar um discurso.

A seguir, tratar-se de dois casos de ação cultural do Museu, o Trem da Cultura e o Cinema no Museu, projetos que foram recorrentes nos jornais. Os projetos cumpriam dois critérios do jornalismo: o ineditismo da ação (para a época) e a presença de uma grande quantidade de pessoas.

4.1 PROJETO TREM DA CULTURA: A CULTURA NOS TRILHOS

Ao se analisar as notícias veiculadas na imprensa de Porto Alegre a respeito do MJC, encontram-se algumas relacionadas a um plano cultural desenvolvido pelo Museu, o chamado Trem da Cultura. Os anos 1975-1978 foram o período de promoção do projeto. Avaliaram-se onze matérias atinentes ao conteúdo Trem da Cultura, em que o Correio do Povo divulga o projeto em seis notícias. Mais uma vez, aquele jornal estrutura-se como o veículo que mais promove o Museu em suas edições.

Tabela 5 - Conteúdo do Trem da Cultura

Jornal/ano	1975	1976	1977	1978	Volume de publicações
Correio do Povo	-	4	-	2	6
Diário de Notícias	-	-	-	-	0
Folha da Manhã	-	-	-	-	0
Folha da Tarde	1	2	-	-	3
Zero Hora	-	2	-	-	2
Total					11

Fonte: pesquisa da autora.

O Trem da Cultura foi um plano de ação cultural que ocorreu durante a direção de Joaquim Carlos de Moraes, recebendo apoio do Departamento de Assuntos Culturais da SEC (DAC/SEC). A partir da cedência de dois vagões de comboio de trem pela Rede Ferroviária

Federal (RFFSA), teve como principal objetivo “oportunizar o contato direto com os bens culturais” com a itinerância de peças do acervo do Museu Julio de Castilhos às cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Na logística do projeto, o primeiro vagão conduzia peças selecionadas das coleções do MJC e o segundo servia como hospedagem dos funcionários escalonados na instituição para acompanhar o trajeto de viagem do Trem. À noite, eram exibidos documentários ou películas de curta-metragem ao ar livre. Os filmes procediam da parceria do Museu com os consulados e as embaixadas sediadas em Porto Alegre e com o Instituto Nacional de Cinema. O Trem da Cultura era uma extensão do Museu instalado na capital, uma versão em trilhos.

Conforme o Relatório do Museu Julio de Castilhos dos anos 1975-1978 na página nº 3, o Trem da Cultura visava oportunizar “[...] às populações do interior o contato direto com fontes históricas, promover a conscientização dos valores culturais e mobilizar as forças da comunidade para uma ação conjunta de preservação da memória nacional”. O projeto do Trem da Cultura foi criado pelo diretor Joaquim Carlos de Moraes e executado pelo Museu Julio de Castilhos, com dotação orçamentária do DAC/SECRS. Foi concebido, planejado e executado para enfatizar a atuação do estado no desenvolvimento cultural e de integração das populações do interior. Era o MEC que estabelecia tais diretrizes a partir das definições do governo ditatorial. Para a ditadura, a educação se completava com a cultura. O projeto colocou o Museu no circuito dos acontecimentos jornalísticos, potencializando a sua reprodução nas notícias publicadas.

Como tática direta de uma política estatal, o projeto revelava um programa da ditadura militar, o de integrar as populações do interior do Brasil, segundo a ideologia da integração nacional que seguia a doutrina da Escola Superior de Guerra (ESG). O governo ditatorial apostava que a “integração nacional”, o “o integrar para não entregar” iria garantir a defesa territorial e nacional. A integração também deveria promover e conscientizar sobre os valores da cultura como identidade, correspondendo à afirmação da nacionalidade. Essa política cultural estava alinhada mais para ferramenta e instrumento da burocracia estatal, visando manter a governabilidade, do que para o atendimento de demandas sociais e de direitos dos cidadãos.

No período da ditadura civil-militar a cultura era utilizada pelos militares para afirmação ideológica, especialmente o cinema e a arte cujas produções foram centralizadas pelo governo. Alguns órgãos foram criados para normatizar e controlar a produção artística, como a FUNARTE e a EMBRAFILME. O cenário da cultura no que se refere ao patrimônio cultural e a museológico tinha a política definida pelo SPHAN desde o 1º Encontro de

Brasília, em abril de 1970, que manifestou a política preservacionista por meio de recomendações aos secretários e dirigentes estaduais e municipais sobre medidas de valorização, utilização, responsabilidades e divulgação dos bens culturais considerados de interesse histórico e cultural para o país. As manifestações culturais pontuadas num dirigismo pedagógico eram incentivadas, conforme também pudessem ser aproveitadas pela educação, promovendo hábitos, valores e ações entendidas como adequadas aos cidadãos brasileiros.

Renato Ortiz explica que “as ações governamentais tendem assim a adquirir um caráter sistêmico, elitizado, centralizadas em torno do poder nacional” (ORTIZ, 1985, p. 82-83). Para o governo, a cultura não representava a totalidade de ações desenvolvidas pelo ser humano, cumulativamente. A revelação humana na arte, no teatro, na dança, na música, no artesanato, no cinema e em todas as outras possibilidades e formas de produção e manifestação, eram sumariamente controladas por cortes da censura. A cultura controlada era garantia de que a população receberia verticalmente, aquilo que a elite queria que se tornasse representativo. Renato Ortiz (1985) afirma que a censura não vetava e reprimia qualquer produção cultural, mas aquelas que possibilitassem a manifestação de determinados pensamentos considerados subversivos contra a ordem vigente. O sufoco com que a censura e a repressão asfixiavam os artistas não tirava deles a resistência e a criação. Ressalta-se que o estado autoritário promovia o capitalismo e o mercado cultural, especialmente quando do “milagre econômico”. A primeira iniciativa foi à criação do Plano de Ação Cultural, o PAC, em 1973, seguida pelo Plano Nacional de Cultura, o PNC, em 1975. O PNC foi uma estratégia que indicava a aproximação do Estado com a área cultural, voltada para a tradição e para a identidade nacional. No RS a emergência do nacional era conciliada com o regional pelo Museu Julio de Castilhos que procurava estabelecer coesão entre os dois discursos. Isso se pode perceber no projeto Trem da Cultura. Difundiam-se os acervos de representatividade da elite local concomitantemente com os de heróis nacionais, demonstrando a “opção” do RS na integridade nacional definida pelo “mito de origem” rio-grandense, ou seja, a Revolução Farroupilha.

A Figura nº 4 mostra uma notícia veiculada pelo jornal Correio do Povo no ano de 1978 divulgando o Museu, mas com destaque ao seu projeto Trem da Cultura. O texto anuncia:

[...] também o MJC vai às escolas, vai às praias, leva parte de seu acervo para maior divulgação do nosso patrimônio nacional. Com esse mesmo sentido, são promovidos trabalhos com a FEBEM e o Trem da Cultura que será realizado em novembro em dois vagões de trem, percorrendo as cidades de [...], divulgando a nossa cultura através de objetos e documentos significativos da nossa história.

O Trem da Cultura atraiu a atenção do Correio do Povo, mas de forma parcial. O jornal noticiou o intento inusitado ao Museu interessado mais na familiaridade e no relacionamento confiável com a instituição museológica que era parte de um órgão estatal, garantindo margem de segurança e credibilidade de fonte, já que provinha a informação do Setor de Divulgação. O agendamento destaca temas para preterir, ofuscar ou ignorar outros assuntos, e no caso do Trem da Cultura, era uma “informação plantada” (Hohlfeldt, 1008, p. 217) que garantia fluxo de informação constante e qualificado para as características do jornal em trazer notícias positivas ou negativas com a mesma equidade.

O Trem da Cultura teve início em março de 1975, partindo do mesmo eixo de deslocamento das cidades centrais do tráfego da RFFSA como: Porto Alegre, Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Santa Maria, Julio de Castilhos, Tupanciretã e Cruz Alta. Cada viagem do Trem durava, em média, 21 dias, permanecendo entre 2 ou 3 dias em cada localidade⁸. O “engajamento de todos é primordial para a preservação e inovação do patrimônio artístico e cultural do Estado”, anunciava o Diretor Joaquim Moraes nos jornais que vinham noticiar o projeto.

⁸ Informações coletadas das correspondências expedidas pelo diretor Joaquim Carlos de Moraes ao Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do RS, ao qual o MJC era administrativa e financeiramente subordinado. Ofício nº 187/74 arquivo permanente do MJC, CAIXA AP1 002 documento AP.1.040.



Figura 4 - Cópia digitalizada de recorte de página do jornal Correio do Povo de 29 de agosto de 1978. Fonte: Acervo do MJC, pasta de clipagens da Biblioteca.

Os objetos que eram exibidos no vagão do Trem foram selecionados a partir de várias coleções do Museu: de personagens da História do Brasil e do RS, bandeiras, bustos, estatuárias missionárias e outras peças relacionadas com a História do Brasil, peças relacionadas à epopeia Farroupilha e ao patrono do Museu Julio de Castilhos como, por exemplo, a sua máscara mortuária e outros objetos pessoais daquele personagem, as “Botas do Gigante”, peças indígenas, objetos militares. Além desses também itineravam os artefatos pessoais de vultos históricos tais como: Getúlio Vargas, Antonio Augusto Borges de Medeiros, Pinto Bandeira, Honório Leme, Raul Pilla, Pinheiro Machado, entre outros, que constam da museália da Instituição e ao longo do tempo, também de outras instituições do DAC/SECRS.

Cabe analisar os tipos de escolhas feitas pela equipe do Museu dos objetos dispostos na mostra Trem da Cultura. Eram selecionados para viajar os objetos sacralizados que pertenceram aos vultos e aos “heróis” e daqueles temas pontuados como fatos históricos oficiais. Pela escolha desses acervos, fica clara a opção do Museu em manter o elitismo legitimador dos interesses dominantes através do patrimônio. Os objetos expostos, enquanto construções histórico-culturais serviam para atendimento das demandas tecnocráticas e modernizadoras de um *“país que vai para frente”*. Lembra-se que a década de 1970 no Brasil esteve marcada por investimentos governamentais significativos na economia, consolidada pelo capital estrangeiro e pela acumulação capitalista, o que configurou a atuação do Estado (e do museu no projeto do Trem) como indústria cultural. O tema Trem da Cultura nos jornais gerava importância na agenda pública dos municípios e comunicava as intenções do governo federal e estadual sobre o processo cultural.

especifica que “todos” podem ter acesso e apropriar-se do assunto Trem da Cultura, formando uma opinião a partir da informação parcialmente apresentada.

O Trem da Cultura ocorreu em edições anuais. A primeira foi a de 1975, já acima referida. A segunda edição ocorreu em 1976, percorrendo os municípios de Cacequi, Bagé, Dom Pedrito, Livramento, Rosário do Sul, Alegrete e Uruguaiana. O terceiro ano do projeto, em 1977, percorreu as cidades de São Pedro do Sul, Jaguari, Santiago, São Borja, São Luiz Gonzaga, Santa Rosa, Guarani das Missões e Cerro Largo. No relatório do Museu para a DAC (1975-1978), o Trem da Cultura marcou visitação em 24 cidades, em 73 dias de exposições, com um público total de 284.991 pessoas. A realização da 4ª edição do Trem da Cultura, em 1978, completou a visitação ao interior do RS nas cidades de São Leopoldo, Esteio, Santa Bárbara do Sul, Carazinho, Passo Fundo, Getúlio Vargas e Erechim. Encerrou-se aí o projeto. Como ação pública, sedimentou bases na intenção pedagógica preconizada pelo governo militar.

Os jornais pesquisados apontam para a projeção do projeto Trem da Cultura junto às escolas. Entretanto, compete mencionar que, para os museus, um trabalho educacional não significa meramente a relação museu-escola, mesmo que esse tenha intrínseco em suas ações o caráter educativo. As metodologias são diferentes. As ações museológicas transversalizam as escolares. A ação educativa escolar é formal enquanto a ação museológica educativa está centrada no patrimônio, na experiência e nas relações de apropriação do público.

Com o Trem da Cultura, o Museu pode ter fortalecido o colonialismo cultural ao focalizar aquilo que era trazido de fora, por uma por uma instituição do centro (Porto Alegre) para o interior do Estado, como parâmetros de cultura e de museu. Por outro lado, o projeto Trem da Cultura possibilitava que os municípios viessem a questionar suas práticas educativas e patrimoniais, reconhecendo e valorizando seus patrimônios locais. Verifica-se que os conteúdos das notícias assinalam que o projeto partia da ideia de compor o MJC como um disseminador de cultura. Pode-se alegar que o museu tornou-se uma instituição do espetáculo, articulado como um aparelho informacional de transmissão. Se o Setor de Divulgação conduzia as informações para os jornais a respeito dos projetos do Museu como desvendamento cultural, as notícias mostram que a comunicação entre o Museu e a sociedade por meio dos jornais estava distorcida pela passividade.

Como um veículo de comunicação entre comunidades com fins de educação e conhecimento, proposta central do projeto Trem da Cultura, a instituição atingiu parcial e ideologicamente seus objetivos. Parcialmente, devido à carência da preocupação de tornar o museu, suas funções, linguagens, códigos, signos e seu patrimônio compreensíveis e

acessíveis para os visitantes. As narrativas propostas nas vitrines do Trem, pobres de exploração pela superficialidade de apresentação e carência de pesquisas, estabeleceram um discurso impositivo para os objetos face da pluralidade de hipóteses como vetores de representação da história nacional e regional. Como os *fast-food*, os projetos do Museu, no sentido reflexivo, alimentavam, mas eram pouco nutritivos. A comunicação pela exposição no projeto Trem da Cultura foi uma mediação cultural que funcionou. O projeto Trem da Cultura ampliou a comunicação, a experiência e o desafio museológico, carentes no contexto da paisagem museológica do interior do Rio Grande do Sul, no sentido de articular relações sociais e comunicacionais pela Museologia. Enfatiza-se o entendimento da comunicação como negociação, impacto, reação, realimentação, envolvimento, retorno e oxigenação, que são necessários para a comun-ação que, no contexto da ditadura militar, eram difíceis.

O Trem da Cultura foi um bom instrumento de relações públicas que qualificou a imagem da instituição, promovendo-a para novas audiências. Algumas gerações, provavelmente, tiveram a sua primeira experiência de contato com bens culturais e com os museus através de uma das edições do Trem da Cultura, situação que merece estudos mais detalhados.

Mergulhando nas tramas dos conteúdos dos jornais Correio do Povo, Folha da Tarde e Zero Hora, que repercutiram o Trem da Cultura em Porto Alegre, verificou-se que tais fixações de informação atenderam aos critérios do agendamento jornalístico. O agendamento detecta a massificação e tematiza na mídia os tópicos que se tornam conversa do dia a dia. A agenda da mídia passa a constituir as agendas pessoais e sociais. As poucas notícias sobre o Trem abordaram o projeto pela sua dinâmica e pelo seu sucesso em levar a cultura ao interior. Os periódicos, ao reconhecerem publicamente o “sucesso” do projeto nas notícias, podem estar formando a opinião pública para questionar a importância no e do Estado no desenvolvimento cultural da população. Lembra-se que havia jornalistas engajados contra os ditames do governo militar, não poupando de atacar sutilmente a produção cultural brasileira e aqueles que fossem considerados “alienados”. Assim, os jornais aplicavam o agendamento e a espiral do silêncio nas notícias sobre o Museu, reforçando como o Trem da Cultura era uma produção de sucesso.

4.2 O PROJETO CINEMA NO MUSEU

O Museu Julio de Castilhos, como portador de potencialidades comunicacionais, organizou e difundiu outro projeto que se tornaria marca da instituição nos jornais, o “Cinema no Museu”.

O projeto Cinema no Museu tratava de exibir filmes documentários e curtas-metragens de produção nacional e internacional com temas vinculados à história, cultura, arte e turismo. O projeto teve início em maio de 1974, com sessões em horários e dias variados. As exhibições ocorreram durante os seis anos da gestão Joaquim Moraes como uma ação integrada às normas estabelecidas pelo Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (DAC) de “levar cultura para todos”.

O “cinema” funcionava em uma sala do piso térreo do prédio do MJC que foi transformada em auditório para esse fim, mas também fazia parte da programação do Trem da Cultura como programação noturna. As películas eram disponibilizadas por meio de parcerias com o Consulado Americano, Consulado Alemão, Consulado da Espanha, Embaixada de Israel, Consulado do Japão, Consulado de Portugal, Aliança Francesa, III Exército, Prefeitura de Porto Alegre, Instituto Nacional de Cinema, INTERFILMES, entre outros, como mostra a Tabela nº 6, abaixo. O programa ideológico da ditadura militar investiu fortemente na produção de filmes e de projeções audiovisuais, criando o Instituto Nacional de Cinema e a Empresa Brasileira de Filmes que os distribuía. A EMBRAFILMES foi criada por Ernesto Geisel em 1974, com o propósito de o Estado regular a indústria cinematográfica. Trouxe proeminência dos temas nacionais e históricos nas produções de curtas e longas metragens, mas um gênero de cinema que obtinha aceitação do regime se destacou: as comédias. Conforme define o site, Breve História do Cinema Brasileiro (2014), “a estatal teria papel preponderante no cinema brasileiro até sua extinção em 1990”. “São dessa época alguns dos bons filmes da produção nacional: “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), de Bruno Barreto; “Chica da Silva”(1977), de Cacá Diegues e “Pixote, a Lei do Mais Fraco” (1980), de Hector Babenco. O fim do regime militar e da censura, em 1985, aumenta a liberdade de expressão e indica novos caminhos para o cinema brasileiro.

No panorama dos anos 1970, a valorização da ciência e da tecnologia era um aspecto de grande relevância para o governo ditatorial. Os temas da história eram sustentados por leis capitais e por códigos de verdade aprisionados pelo caráter estatal. Os documentários exibidos demonstram isso. A produção nacional de cinema (e da cultura em geral) sofria dirigismos e cortes pelo controle da censura, intolerante aos assuntos ditos inadequados. Com a vigência

do Ato Institucional nº 5, os filmes eram cortados pela censura, chegando ao ponto da incompreensão de trechos inteiros recortados, situação que só terminou com a abertura política.

Os filmes liberados para exibição no “Cinema no Museu” datavam de produções dos anos 1940, muitos deles produzidos por um cineasta chamado Humberto Mauro (o Descobrimento do Brasil, 1937; Céu do Brasil, 1939) e já aprovados pelo extinto DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura Vargas. Os documentários deste cineasta centravam-se em produções educativas curtas, com funções didáticas, ao gosto da ditadura militar. Cedidos por parceiros de consulados, embaixadas ou de órgãos do governo esses documentários e curtas-metragens eram próximos das aspirações da elite. Os curtas-metragens e os documentários eram amplamente utilizados com a finalidade educativa e promocional, em razão do tempo de exibição mais curto, mas também por tratarem de assuntos não polêmicos. Exibiam uma imagem positiva do país.

Segundo o artigo de Gustavo Gonçalves (2006), ao tratar do panorama dos documentários no Brasil, este mostrou que aquele gênero cinematográfico também teve a produção no período da ditadura militar, mas se voltou para o olhar do interior do país, valorizando os interesses regionais. O autor coloca ainda que na década de 1970 diversos cineastas se embrenharam pelo País a fim de buscar experiências estéticas e para produções documentais que levassem a “revelar o país desconhecido através de uma linguagem experimental e inovadora” (GONÇALVES, 2006, p. 85). Analisar esses materiais que eram projetados no e pelo museu permite que se perceba uma determinada época. Examinaram-se 253 notícias publicadas nos periódicos impressos sobre as projeções no Museu e constatou-se que 56 delas, como apresentam a Tabela nº 6, se referiram ao Cinema no Museu.

Tabela 6 – Quantitativa de notícias sobre o projeto Cinema no Museu nos jornais de Porto Alegre 1974-1980

Jornal	Frequência
Correio do Povo	16
Folha da Tarde	7
Jornal do Comercio	4
Zero Hora	17
Folha da manhã	2
Diário de Noticias	9
Total	55

Fonte: pesquisa da autora.

Pela frequência com que aparecem notícias constata-se que os jornais Correio do Povo e Zero Hora deram maior destaque ao Cinema no Museu. Esses dois veículos se preocupavam em construir uma fonte de informação para um maior número de pessoas e o Museu, com seu projeto, acabavam fazendo parte desse pacote de informação, recheando as páginas de variedades desses jornais.

Tabela 7- Denominação de alguns dos títulos dos filmes exibidos no projeto Cinema no Museu

TÍTULO DO FILME EXIBIDO
Parcerias de exibição entre 1974-1979.
Consulado do Japão, Consulado da França, consulado Americano, Instituto Nacional de Cinema, Instituto Cultural Brasileiro Alemão, CEEE, Exprinter, Aliança Francesa, Consulado de Israel, III Exército, Brigada Militar, Prefeitura de Porto Alegre, Secretaria de Turismo do RS, FEPLAM, Filmoteca da PUCRS,
Documentário: Batalha de Guararapes
Filme: “Jamboree da amizade”
Filme “ O Descobrimento do Brasil”
Documentário Barão do Rio Branco
Documentário José de Anchieta
Documentário Machado de Assis
Documentário sobre Paul Klee
Documentário sobre Guimaraes Rosa
Documentário sobre o Museu Histórico Nacional
Curta metragem “Zepellin” do Festival de Gramado
Documentário sobre a 2ª GM
Documentários sobre a
Semana da Pátria
Filme “Carmina Burana”
Documentário sobre Tiradentes e a inconfidência Mineira
Documentário: “ A primeira missa”
Filmes “nacionais”
Documentário sobre Heróis nacionais
Documentário sobre Charles Chaplin
Filmes sobre aviação
Documentário sobre a FEB

Filme sobre a Alemanha
Filme Japonês
Filme: Independência ou Morte!
Documentário: “A Amazônia e o desafio da integração”
Documentário: “A estrada e o Rio”
Documentário: sobre Barroco Alemão
Documentário: sobre a vida de Garibaldi
Tributo a Plácido de Castro e aos bandeirantes
Documentário: “Exaltação a Osvaldo Aranha”
Documentário: “O espelho da Alemanha”
Documentário: sobre Carlos Magno
Curta-metragem: Mestre Ismael
Documentário: sobre Gafieira
Documentário: O Despertar da Redentora princesa Isabel
Curta-metragem: “O Pantanal do Mato Grosso”
Documentário: “O palácio dos arcos” (Brasília)
Filme: “Descobrimento do Brasil”
Documentário: “A Bretanha de Hoje”
Filme: Anchieta, o apóstolo do Brasil.
Documentário: “O sol sobre a Terra”
Filme: “O caçador de esmeraldas”

Fonte: Pesquisa da autora.

Ao apresentar a tabela 7, mostramos apenas alguns nomes dos filmes projetados no Cinema no Museu. Isso se deve ao fato de nem todas as notícias descrevem o título. O conteúdo manifesto nos jornais Correio do Povo, Folha da Manhã, Folha da Tarde, Diário de Notícias, Jornal do Comércio e Zero Hora acerca do projeto “Cinema no Museu” permite verificar que sistematicamente os temas de exibição eram variados, como se podemos perceber pela Tabela 8. As notícias sobre as projeções, quando tratam de fatos e personagens históricos, reproduzem o recurso da linha de tempo da história oficial, situando os filmes política e ideologicamente no contexto de ensinar a História do Brasil, projeto apoiado também pelos parceiros que disponibilizavam os filmes. Em alguns países (Estados Unidos, Alemanha, União Soviética, Canadá, Inglaterra e França, por exemplo), o cinema já era usado como recurso pedagógico desde o período entre guerras.

Tabela 8 - Enfoque das exposições do projeto Cinema no Museu

Jornal/FILME	Alemão	Americano	Curtas	Documentários	Histórico Nacional	Israel	Japão	Turístico	total
Correio do Povo	2	1	1	3	8		1		16
Folha da Tarde	1		1		5				7
Jornal do Comercio				2	3				5
Zero Hora	2		2	3	6	1	1		15
Folha da manhã			1		1		1		3
Diário de Notícias	2		1		4		1	1	9
Total	7	1	6	8	26	1	4	1	55

Fonte: pesquisa da autora.

Vale lembrar o enfoque deste estudo para as matérias publicadas que eram lançadas pelo Setor de Divulgação do Museu, a fim de promover as atividades e eventos realizados pela instituição. Por parte dos jornais, as notícias publicadas sobre o “cinema” eram leves, sem consequência, sem detalhamento e generalistas, com caráter de entretenimento, carecendo de revisão sobre a visão imposta da História sustentada pelo Museu. Percebe-se que os conteúdos dos filmes apresentados nas projeções do Museu eram direcionados no sentido de conscientizar o público sobre a relevância da cultura nacional e isso pode se exemplificado salientando a Figura 6, que trata de matéria publicada no jornal Diário de Notícias de 11 de maio de 1979, expedida pelo Setor de Divulgação do Museu. Para isso, apresentavam cenários e adventos históricos passíveis de questionamentos dados à cristalização da formulação discursiva da história oficial, especialmente sobre as condições econômicas, sociais, políticas e culturais do país.



Figura 6 - Reprodução fotográfica do recorte de jornal Diário de Notícias de 1979 coladas sob folha de papel em pasta de recortes do acervo da Biblioteca do Museu. Imagem da autora. Percebe-se escrito a mão a indicação de que a notícia partiu do setor de divulgação do Museu.

Fonte: pesquisa

Interessa destacar a posição da imprensa ao divulgar esses filmes. Os documentários e os curtas-metragens, em sua maioria, eram negligenciados nos circuitos comerciais, quem

sabe pela falta de simpatia do público pelos gêneros de curtas e de documentários, mas noticiados como eventos bem populares no museu. A considerar a realidade da época sobre a aquisição de jornais cotidianamente, e da frequência aos cinemas, essas práticas culturais não eram acessíveis financeiramente a todos os públicos, fator que pode ter contribuído para a continuidade do projeto por tanto tempo. Assim, é possível percebermos que a relação de comunicação entre os públicos e as instituições (museu e jornais) se fazia incompleta no projeto “Cinema no Museu”. A proposta de educação e de comunicação por meio do projeto Cinema no Museu, incentivado pela divulgação feita pelos jornais, tornou-se uma ação de conscientização. Documentários e curta-metragens como gênero de cinema mostram olhares da atividade cotidiana, real, prática, diferente das encenações dramatizadas do cinema de estúdio que vai às salas comerciais. Ao adotar esses meios de comunicação e projetá-los como discurso institucional na imprensa, o diretor Joaquim Carlos de Moraes, pelo Museu Julio de Castilhos, cumpriu com a proposta integracionista, instrutora e conservadora dos governos estadual e federal na sociedade do RS, sobre a cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos museus contemporâneos o humano é o centro dos interesses. É para as pessoas que museus e jornais comunicam, enquanto se constituem como espaços que medeiam ações humanas, estabelecendo seus discursos sobre o cotidiano, sobre a história e fazendo a memória coletiva, concebendo e reproduzindo significados. Os museus e os jornais produzem subjetividades e sociabilidades. São espaços supostamente considerados aptos a produzi-la estabelecendo relações de poder.

“Fazer Crer, Fazer Sentir: o Museu Julio de Castilhos na imprensa porto-alegrense, 1974-1980” teve a intenção de provocar reflexões sobre o processo de comunicação no museu, não apenas em relação à expografia, mas chamando a atenção para a imprensa como fonte de relação com o campo da Museologia. As informações sobre as atividades divulgadas pelo Museu Julio de Castilhos nos jornais foram produtos de agentes vivenciando uma sociedade e um tempo de exceção de direitos e de opiniões. Assim, veicularam e reforçaram um olhar despolitizado sobre a cultura e sobre o papel do Museu. Foram divulgadas informações oficiais, mostrando o alinhamento da instituição e do público interno a ela (seus funcionários e diretor) com o poder constituído do Estado que tinha uma visão estratégica sobre a razão e o trabalho a ser feito por aquela Instituição.

Dentre as questões propostas neste trabalho, inicialmente interessa refletir sobre o modo como os jornais divulgaram o Museu Julio de Castilhos, ou seja, pelo discurso de modernização, de instituição dinâmica, didática e pedagógica, o que na verificação dos dados e na prática estabelecida com os recursos das mostras do Trem da Cultura e dos filmes projetados pelo Cinema no Museu, não se estruturou. A estratégia de mudar a imagem e a cultura do Museu por meio dos jornais, apresentado como moderno foi um passo importante na história institucional e da comunicação museológica. Mas foi principalmente, um artifício verbal sem intenção trabalhar uma linguagem transformadora da realidade histórica. O Museu manteve um forte vínculo com o passado, o relacionamento com o público não se fez pela interação, pela trocas de valores e de significações. Os olhares e efeitos não previam racionalização de um novo método museológico e museográfico.

Estabeleceu-se uma relação concomitante de produção de notícias entre o Museu e os jornais, sobre os acontecimentos e ações culturais do Museu. Para o Museu as notícias trouxeram visibilidade. Para os jornais, o Setor de Divulgação apresentava acontecimentos noticiáveis como as exposições, tratamento técnico das coleções, planos e projetos confiáveis e de aceitação pública. As notícias sobre as atividades e projetos, na frequência quinzenal com

que eram publicadas, tornaram-se estratégias em que se podem identificar a Teoria da Espiral do Silêncio, cujo efeito desejado era de que quanto maior a frequência de notícias que a imprensa publicava, menor a controvérsia e a rejeição do Museu. O resultado esperado era impregnar a opinião pública e o Governo de uma imagem favorável à Instituição.

A respeito das informações fornecidas pelo Museu aos jornais para serem transformadas em notícia, as práticas e os projetos, na forma como eram construídas e apresentadas, valorizava a imagem institucional. Desde que perdeu sua primazia de instituição cultural do Estado pela instauração de outras com propósitos semelhantes na construção identitária do RS, o museu buscava aproximação com a sociedade. A imprensa fazia comentários em algumas reportagens, apresentando um Museu com problemas: constantes fechamentos, danos na infraestrutura, poucas aquisições de acervos e carência de recursos, situações que, inclusive, causavam indefinições sobre o papel do Museu. Um fato significativo que se pode observar é que em várias matérias, os jornais se referiam ao MJC com diferentes denominações: Museu do Estado, Museu Histórico e Museu Julio de Castilhos.

Os projetos extramuros e o discurso sobre “a dinâmica e modernização do Museu” eram informações articuladas pelo Museu, com a configuração de modificar a imagem institucional na imprensa. Os projetos extramuros, Cinema no Museu e Trem da Cultura, não recuperaram a posição política e cultural da instituição pela visibilidade como era o efeito desejado pela Instituição. O Trem da Cultura e o Cinema no Museu foram projetos inovadores levados às populações periféricas, cujo maior desafio ao Museu foi o de gestar o patrimônio na perspectiva de serviço social. A perspectiva do relacionamento com as populações do interior era de aproximação da experiência museológica com a “popularização da cultura”, evidentemente aquela consagrada pelo Estado. Nas cidades do interior do Estado, o Trem da Cultura abriu para muitos a primeira aproximação com o universo museológico e com a problemática da museologia e da preservação patrimonial, sem reflexão e apropriação de artefatos e expressões culturais de segmentos sociais que se encontravam à margem dos processos de patrimonialização até então dominantes. A cultura permanecia dentro dos padrões estabelecidos pelo estado, no imperialismo cultural do centro (MJC) sobre a periferia (interior do RS) já que não foram incorporados aspectos e particularidades regionais aos seus produtos (Trem e Cinema), nem nas relações de comunicação com os públicos pelos jornais.

Os jornais publicavam notas sem grande extensão a respeito das iniciativas, que se mostravam interessantes, pelo volume quantitativo de visitas, especialmente de escolares e da mobilidade de deslocamento atingindo várias localidades. O Museu em seu Setor de

Divulgação percebeu a flexibilidade, o interesse, a aceitação e a credibilidade dos jornais frente ao público como vantagens estratégicas de divulgação e destaque de suas ações.

O Trem da Cultura atendia ao público externo ao Museu, sendo considerado um sucesso pelo Diretor, ao referir-se ao projeto. Não houve uma ampla difusão da ação nas páginas dos jornais de Porto Alegre durante os anos em que o trem circulou pelo Estado. Apareceu em apenas onze notícias em quatro anos de edição, o que não minimiza a singular ousadia por parte da direção do Museu e da interação das populações do interior do estado com o acervo, mostrando um verdadeiro “gabinete de curiosidades”. A respeito de seu conteúdo, não se identificou comentários nos jornais, mas vale assinalar que, ao mostrar objetos que destacavam personagens, vultos e fatos da concepção positiva e elitizada da história, o projeto Trem da Cultura não rompia a representação do Museu como veículo de glorificação da história das elites. Mesmo que estivesse voltado para os públicos externos, refletia a visão dos seus agentes e não fazia reconhecimento das especificidades e diversidades dos lugares percorridos.

O poder público, a partir da Diretoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do RS, quando apoiou e contribuiu com o Museu na utilização pública dos acervos institucionais e nas parcerias que possibilitaram a execução dos projetos Trem da Cultura e Cinema no Museu, compôs uma noção do que era considerada cultura, para essas populações, mas também para os frequentadores das exposições dos filmes no Museu e nos vagões do Trem da Cultura, pelo gênero documentário de temas nacionalistas. Como plano de política pública, os projetos foram interessantes, mas no plano da divulgação na imprensa, pode-se destacar que os filmes tiveram o maior número de inserções nos jornais.

O projeto Cinema no Museu está entre os assuntos que mais interessaram aos jornais, especialmente Correio do Povo e Zero Hora, que foram os que mais noticiaram os filmes exibidos. Os dois jornais eram concorrentes e tinham se especializado nos assuntos das variedades, cultura e lazer em cadernos temáticos. O Cinema no Museu era notícia apropriada como entretenimento, compondo esses encartes. A constância com que as notícias sobre o projeto Cinema no Museu foi repetida (no ano de 1979-1980 eram publicações semanais), impregnava a opinião das pessoas de uma imagem de “modernização” do Museu e supressão de seus problemas. Espiral do Silêncio e Agendamento. O Museu apresentado pelos jornais era também, um meio de comunicação.

É relevante o levantamento das informações prestadas pelos jornais como fontes de reflexão da história dos museus e da própria Museologia. Os temas promovidos pelos jornais não significam ser os mais relevantes para a instituição, uma vez que trabalham com

agendamento de assuntos. A respeito disso, cabe comentar que os jornais estiveram envolvidos com o Museu Julio de Castilhos, não deixando de referi-lo pela atualização que o Setor de Divulgação fazia dos acontecimentos institucionais na imprensa, o que leva a concluir que o discurso veiculado nos jornais corresponde a uma elaboração da autoimagem do Museu Julio de Castilhos.

Os jornais, independentemente do período, do local ou do aspecto que abordam sobre as instituições museológicas, trazem entre si muitos usos e sentidos a serem explorados para o entendimento da relação de comunicação estabelecida entre essas instituições. Os museus e os jornais compartilham de um mesmo universo que é o humano, por isso, estimulam reflexões. Fazem as pessoas crer e sentir e contribuem para qualificar afinidades ou mudar processos criados.

REFERÊNCIAS

- BARBUY, Heloisa. A comunicação em museus e exposições na perspectiva histórica. BENCCHETRIT, Sarah; BEZERRA, Rafael Z.; MONTENEGRO, Aline (Orgs.). **Museus e comunicação**: exposição como objeto de estudo. RJ: Museu Histórico Nacional, 2010. Livro do Museu Histórico Nacional.
- BENCHETRIT, Sarah. Os museus e a comunicação. In: BENCCHETRIT, Sarah; BEZERRA, Rafael Z.; MONTENEGRO, Aline (Orgs.). **Museus e comunicação**: exposição como objeto de estudo. RJ: Museu Histórico Nacional, 2010. Livro do Museu Histórico Nacional.
- BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P.S. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museu, pavilhões de fontes hidrominerais. In: CHAGAS, Mario (org.) **Revista do Patrimônio**: Museus, Antropofagia da Memória e do Patrimônio, n.1/2005. IPHAN, Brasília, p. 132-147.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. RJ: Bertrand, 2009.
- BOURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSP, 2004.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BRUNO, Cristina. Museologia e comunicação. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: Centro de Estudos de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1996. v. 9.
- BRUNO, Cristina; ARAUJO, Marcelo. Exposição museológica: uma linguagem para o futuro. **Cadernos Museológicos**, RJ: Secretaria de cultura da Presidência da Republica, IBRAM, v. 1&2, p. 12-17, 1999.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CHAGAS, Mario. **A imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. RJ: MINC/ IBRAM, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. SP: Contexto, 2007.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 1997.
- CURY, Marília Xavier. A busca pela autonomia: museologia, museus e globalização. ICOFOM LAM 2002, XI Encuentro Regional Del ICOFOM LAM, Cuenca E Ilhas Galápagos. **Anais...** Equador, 26 a 30 de outubro de 2002. p. 54-73.
- _____. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. O sujeito do museu. **Revista MUSAS**, n. 4, p. 87-96, 2009.

_____. Comunicação museológica: uma perspectiva teórico-metodológica de recepção. **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Acesso em: 23 abr.2014.

DIAS, Rodrigo. Em busca da definição: mas afinal... O que é mesmo documentário? **Revista de História e estudos culturais**, v. 6, ano VI, n. 2, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em 01 abr.2014.

DREIFUSS, René. 1964: **a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 23 ed.

FERREIRA, Giovandro M. As origens recentes: os meios de comunicação de massa pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 99- 119

GOMES, Beatriz M. A comunicação em museus e a interpretação do patrimônio : um diálogo possível e bem vindo. In: BENCHETRIT, Sara; BEZERRA, Rafael; MAGALHÃES, Aline (Orgs.). **Museus e comunicação: exposição como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 325-356.

GOMES, Victor M. R. Uma reflexão sobre a construção de identidades e a comunicação no contexto das organizações em rede. **Revista Em questão**, Porto Alegre, v. 17. n.2. p.221-224, jul./dez., 2011.

GUTFREIND, Cristiane; RECH, Nathalia S. A memória em construção: a ditadura militar em documentários contemporâneos. **Revista em Questão da FABICO/UFRGS**, Porto Alegre, v. 17, n.2, p.133-146, jul./dez.2011.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 187-278

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JANEIRO, Ana L. **A técnica da análise de conteúdo nas ciências sociais**. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224260109P6yXY4bm6Vt51JF8.pdf>>. Acesso em: 09 . jun.2014.

KUHN, Fabio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LOPES, Luis Carlos. Comunicação e museus: o material e o simbólico. **Conexão, comunicação e cultura**. Caxias do Sul, vol. 1, n. 1. 2002. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

LUCA, Tânia R. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-155.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINO, Luis Mauro. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 11-27

MENESES, Ulpiano B. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Museu Paulista: história e cultura material**, v. 2 jan/dez, 1994. SP: editora da USP, 1994.

MENESES, Ulpiano B. A comunicação/informação no museu: uma revisão de premissas. In: BEVILACQUA, Gabriel; MARINGELLI, Isabel (Org.). **Atas do I Seminário de Informação em Museus**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p.11-23.

MIGUEL, Luis Felipe. **Política e mídia no Brasil: episódios da história recente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PIRES, José Calixto; MACEDO, Kátia B. **Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a05.pdf>. Acesso em 24 mai. 2014.

RODRIGUES, Cristina P. **A América Latina na grande imprensa brasileira: uma análise de conteúdo nos jornais Folha de São Paulo e o Globo**. Trabalho de Conclusão Dde Curso (Bacharelado em Comunicação Social). FABICO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://sabi.ufrgs.br/F?RN=315314386>>. Acesso em: 23 mar.2014.

ROQUE, Maria Isabel. **A comunicação no museu**. Disponível em> <http://www.academia.edu/4057469/A_comunicacao_no_museu>. Acesso em: 15 mar.2014.

RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. In: FERREIRA, Giovandro M. As origens recentes: os meios de comunicação de massa pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 131-151

_____. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 a atualidade. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, NELSON (coord.) **República: da revolução de 1930 a ditadura militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 4 (coleção Historia Geral do RS). p. 355-386

- SANJAD, Nelson. BRANDÃO, Carlos R. A exposição como processo de comunicação. In: JULIÃO, Leticia (Coord), BITTENCOURT, José Neves (Org). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de MG, 2008. p. 24-69.
- SANTANA, Cristiane B. **Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno**. BRODOWSKI (s.p): ACAM PORTINARI; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011 (Coleção Museu Aberto).
- SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. Coleção primeiros passos.
- SANTOS, Maria Célia M. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/DEMU, 2008. Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4.
- SANTOS, Myriam S. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 53-73, jun. 2004.
- SELIGMAN, Laura; PANIZ, Julia. **Jornalismo e mídias sociais: análise de conteúdo**. Disponível em: ><http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1066-1.pdf>>. Acesso em 09 jun.2014.
- SCHEINER, Teresa. Museologia e apresentação da realidade. **XI Encontro do Subcomitê Regional do ICOFOM para América Latina e Caribe - ICOFOMLAM**. Galápagos, Equador. 23 a 30 de outubro de 2002.
- _____. O museu como processo. In: JULIÃO, Leticia (Coord), BITTENCOURT, José Neves (Org). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de MG, 2008. p. 34-78.
- SILVEIRA, Andrea R. Museu Julio de Castilhos: apontamentos museológicos. In: SILVEIRA, A; CAPRA, L.(Orgs.) **O papel dos museus históricos no mundo contemporâneo**. Porto Alegre, 2010, p. 17-29.
- SILVEIRA, Andrea R. **O Museu Julio de Castilhos no período 1960-1980: acervos, discursos, representações e práticas através de uma exposição**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- SIRENA, Mariana. O Museu na imprensa: a cobertura local da inauguração do Museu Ibero Camargo. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27913/000767937.pdf?...1>>. Acesso em 15 mai.2014
- SFEZ, Lucien. **A comunicação**. São Paulo: Martins, 2007. Coleção Tópicos Martins.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade de interpretação transnacional**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

ANEXOS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E C

Obras soviéticas serão ^{CP} mostradas em Porto Alegre ²⁷⁻¹⁰⁻⁷⁴

Porto Alegre assistirá, a partir da próxima terça-feira, dia 29 de outubro, mais uma promoção que integra o atual intercâmbio cultural Brasil-U. R. S. S. Duas exposições — uma de objetos de cerâmica e a outra de marcadores de livros tratados artisticamente — serão apresentadas no Museu Júlio de Castilhos. As mostras procedem de Moscou e foram montadas exclusivamente para um giro pelas principais cidades brasileiras. O roteiro, que inclui Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo começa em Porto Alegre. Para tratar da montagem das peças está nesta capital, desde sexta-feira passada, a professora Nina Babourina, formada em História da Arte pela Universidade de Moscou e atual conservadora da Biblioteca Lenin, também na capital soviética.

...AS CERAMICAS

Nina, que se expressa perfeitamente em francês — explica os detalhes da mostra de cerâmica: São 106 trabalhos decorativos — pratos, vasos, ânforas etc. — criados nos últimos cinco anos exclusivamente para serem mostrados no Brasil. Todos os trabalhos são obras de pessoas do povo não havendo entre estes nenhum artista conhecido”.

Segundo Nina, as cerâmicas, produto de artesanato popular, são as mais representativas de diversas regiões da URSS, (Lituânia, Ucrânia, Estônia e outras) tendo a comissão, selecio-

nadora dos 106 trabalhos, escolhido as peças que são as mais típicas e tradicionais de todas as províncias e regiões soviéticas.

OS MARCADORES DE LIVROS

Nina desconhece o número exato de marcadores de livros que serão expostos no Museu Júlio de Castilhos mas situa seu número entre 300 e 400. Ao contrário das cerâmicas, os artistas que criaram os marcadores de livros são conhecidos e apreciados não só na URSS como em outros países da Europa. Entre os mais famosos, Nina destaca Kelaschikow, Kravzeow e Zoljackowski. Os trabalhos são dos últimos dez anos e, a exemplo das obras de cerâmica, visitam pela primeira vez a América e incluem criações das várias regiões que formam a URSS.

INAUGURAÇÃO DAS MOSTRAS

Essas duas exposições serão inauguradas simultaneamente, no dia 29 de outubro às 20h 30min. nos salões do Museu Júlio de Castilhos (Duque de Caxias, 1231) e ficarão em Porto Alegre durante uma semana. No Rio Grande do Sul a mostra foi realizada com a colaboração do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, do Museu Júlio de Castilhos e da Embaixada Soviética no Brasil.

museus *D. elotuevar 33/8/74*



**Entre no
Museu
e...veja**

JJÚLIO DE CASTILHOS — (Rua Duque de Caxias, 1231)
— apresentando objetos indígenas encontrados na
região das Missões, o quarto de Júlio de Castilhos
a primeira Constituição do Estado e outros docu-
mentos antigos que contam a história do Rio Gran-
de do Sul. Aberto de terça a domingo das 8,30 às
12 horas e das 14 às 17,30 horas. Exposição Histó-
rica em homenagem ao "Dia do Soldado". Fica até
1.º de setembro.

Diário de Notícias, 13 de agosto de 1974

EXPOSIÇÃO



Em homenagem à Semana do Exército, o Museu Júlio de Castilhos inaugurou, ontem pela manhã, uma exposição relembrando personalidades e datas ligadas à história do Exército brasileiro. A solenidade foi presidida pelo general Oscar Luiz da Silva, comandante do III Exército, com a presença do secretário da Educação e Cultura, Mauro Costa Rodrigues; do comandante brigadeiro Leonardo Teixeira Collares; generais das guarnições de Porto Alegre. A exposição ficará aberta até o dia 30, das 8h30min às 12h e de 14h às 17h30min, às terças, quintas e sextas-feiras. Aos sábados e domingos o Museu Júlio de Castilhos só abre à tarde. As quartas-feiras estará aberto das 20 às 22 horas.

Folha da Manhã - 5/9/74

Museu mostra história nas escolas de vilas

Desde o dia 20 do mês passado, o museu Júlio de Castilhos está levando parte de seu acervo histórico às escolas da capital. Segundo seu diretor, Joaquim Carlos de Moraes, a promoção é inédita no Brasil e está sendo "um êxito invulgar, com grande parte das comunidades visitadas participando". A primeira a ser contemplada foi a da Vila Ipiranga, no último dia 20. As sessões constam da mostra de peças históricas (arte indígena, espadas, objetos e curiosidades em geral) e projeção de slides mostrando peças isoladas do Museu. Participam dois professores (um de história e um técnico) e o diretor.

Graças à sua receptividade a promoção continuará realizando-se de duas a três vezes por mês e restringindo-se por enquanto apenas a Porto Alegre, de acordo

com Joaquim de Moraes: "Ele será sempre feito na área educacional distante do centro da cidade, por causa da dificuldade que alguns têm em vir ao Museu. Desta maneira, estaremos despertando e incentivando esta vontade". Já foi visitado também o Instituto Reeduacional Professor Luís Dourado e amanhã será a vez da Ilha da Pinhada. Segundo Joaquim já foram atingidos mais de 300 colegiais.

CANHÕES

Os canhões achados por operários nas imediações do QG do III Exército e doados pelo general Oscar Luís da Silva ao Museu Júlio de Castilhos ainda não foram limpos, de acordo com o diretor. Por isso, ele e os historiadores que estiveram vendo as peças não podem ainda precisar exatamente de que ano datam. A

mesma coisa acontece com as ossadas, que ainda não foram examinadas por técnicos. Joaquim de Moraes acha "muito difícil" estabelecer uma idade para os canhões:

— Isso só poderia ser tentado depois dum levantamento feito não só por historiadores, mas também por técnicos munidos de aparelhos adequados, para a averiguação da prova material.

Mas Moraes não sabe se existem aparelhos sofisticados em Porto Alegre para a realização deste exame. Acha que a pesquisa será feita só por meio de consultas e pesquisas bibliográficas. E, como o historiador Riopardense de Macedo, no momento apenas pode garantir que os canhões são muito parecidos com os expostos no pátio do museu, pertencentes à época da Revolução Farroupilha.

JORNAL DO COMÉRCIO

22.2.74

DIMENSÃO

Paulo BECCON

**MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS
RECEBE DIPLOMA DE 1854**

O Museu Júlio de Castilhos recebeu a doação de um diploma em pergaminho que foi outorgado ao dr. Félix Xavier da Cunha — deputado estadual, poeta e escritor — pela Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo, em data de 21 de novembro de 1854. A doação foi feita pelos netos daquele homem público, Edgar da Cunha Vasconcellos e Josephina da Cunha Vasconcellos e, também, em nome do ministro Ranulpho Bocayuva da Cunha. O diploma, em pergaminho, foi recebido por Joaquim Carlos de Moraes, diretor interino do Museu Júlio de Castilhos, que declarou na oportunidade "O elevado gesto dos doadores de tão importante documento, enriquecendo o acervo do Museu, que serve como exemplo do amor ao bem público e deveria ser seguido por todos os que são detentores de material que pertenceram aos grandes vultos da nossa história."



Este foi o momento da entrega do importante documento, vendo-se da esquerda para a direita, a professora Ana Maria Cabral — responsável pelo Setor Técnico do Museu, Joaquim Carlos Moraes — diretor interino e os doadores Edgar da Cunha Vasconcellos e Josephina da Cunha Vasconcellos.

Artesanidades

Como posso ir em determinada direção, se eu não sei que caminho tomar? (John Lennon)

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS: UM PARALÍTICO QUE COMEÇA A ANDAR.



Joaquim de Moraes, o administrador



Dos Sete Povos, uma sala ameaçada pelos cupins.

Para fazer do antigo Museu Júlio de Castilhos o que ele é agora foram necessários quatro anos e meio, tempo em que Porto Alegre ostentou o título de única

PARALÍTICO QUE COMEÇA A ANDAR.

TUDO AINDA É MUITO ARTESANAL, COMO ALGUNS CARTAZES FEITOS COM CARTOLINA E PINCEL ATOMICO, MAS O ADMINISTRADOR TEM PLANOS. ANTES DE QUALQUER COISA ELE QUER INCLUIR O MUSEU NA LISTA DOS SHOWS E ESPETÁCULOS DA CIDADE, PROMOVENDO CONCERTOS, APRESENTAÇÕES DE BANDAS E PROJEÇÕES DE SLIDES, CONTANDO A HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE.

sabe... e examinando cada manhã a limpeza das vitrines e do assoalho impecável, o administrador tem grandes planos para um futuro que, faz questão de salientar, não será

capital brasileira sem um museu histórico. Claro que não foi por falta de História, mas de condições mínimas para acolher um mínguaço acervo histórico, na sua maioria doado por famílias da capital e mesmo do interior do Estado.

Recebido em setembro de 73 na mesma (mas agora restaurada) casa de Júlio de Castilhos (Duque de Caxias - 1231), o governo gastou mais de Cr\$ 300.000,00 para salvar o museu dos cupins e da umidade que deixava um cheiro que justificava a ideia, que muitos, ainda têm de museus: um lugar escuro, cheirando a mofo e à poeira sedimentada, talvez contemporânea dos próprios objetos que a acolhia. Mas parece que as coisas mudaram um pouco. Hoje o Museu Histórico Júlio de Castilhos, nas palavras de Joaquim Carlos de Moraes, que está respondendo pela direção - já não é um depósito de coisas velhas e imprestáveis das quais ninguém sabia a origem, mas um centro de cultura tão importante quanto uma Universidade. Ele é um paralítico que começa a andar.

Falta de verbas, o eterno problema - Quando se sabe que os gastos com a seleção brasileira sobem a Cr\$ 150.000,00 por dia e que este dinheiro sai das verbas do Ministério de Educação e Cultura, é muito surpreendente constatar a vergonhosa pobreza do acervo do Museu. "O que tem está muito bem arrumadinho, mas é pena que não tem nada", comentário de alguns turistas americanos que visitavam o museu e que pode ilustrar a realidade. Alguns móveis aqui, uma liteira ali, bonitos leques de estilo açolá e mais algumas roupas e medalhas de Júlio de Castilhos e outras figuras dispostas nas novas mas escuras vitrines é o que se pode ver. Entretanto, o mais surpreendente é a pobreza da Sala Indígena. Seguramente, qualquer museu médio de antropologia na Europa (como o de Genebra, na Suíça) pode apresentar peças de maior valor que o nosso. Nada de extraordinário, de raro. Uma viagem turística ao Alto Uruguai proporcionaria objetos bem mais interessantes que os expostos durante a Semana do Índio. Além disso, os cartazes informativos não conseguem situar a origem dos objetos, deixando o visitante sem saber quase nada. Afirmando que há muito tempo o Museu não tem verbas para novas aquisições e que deixou de adquirir a espada de Bento Gonçalves por falta de dinheiro, o responsável usa de toda sua boa vontade e poder de imaginação para dar valor a cada peça. Mas tudo é muito artesanal, como alguns cartazes feitos com cartolina e pincel atômico, aproveitando figurinhas de índios bonitos e reluzentes.

Os novos planos - Entusiasmado com a casa restaurada - "É uma pena que não se pode salvar o teto. Os cupins e as goteiras,



Singela comemoração para uma raça em extinção.



Os ensaios para se criar salas-ambientes.




multo custam. Antes de qualquer coisa, ele quer incluir o Museu na lista dos shows e espetáculos da cidade, como se faz na Europa. Concertos de música erudita e popular, projeção de slides contando a história de Porto Alegre e do RG Sul e até apresentações de bandas no pátio cheio de canhões de guerras de dois séculos, são algumas das ideias que ele tem. De concreto, agora vai sair um Curso de Alto Nível de Museologia, com início dia 7 de maio, ministrado pela professora Altha Phebo, do Rio de Janeiro, com cursos superiores na Europa. É aberto a todos e a inscrição custa Cr\$ 80,00. Mas as ideias não ficam por aqui. Treinamento de professoras de História para futuras aulas no próprio Museu, projeção de slides nas segundas-feiras para os colegas - exposições de trabalhos artísticos feitos pelas crianças da cidade, saraus musicais e até desfile de modas no pátio dos canhões vão compor, segundo a direção, as falhas que agora não se pode remediar, como a falta de um restaurador, de novas peças, de iluminação da fachada do prédio e outros detalhes.

Guias políglotas - Um fato surpreendente é a existência de dois guias realmente capacitados, prontos a receber visitantes estrangeiros, de língua francesa, inglesa, italiana, grega, árabe, espanhola e alemã. Um é o professor de pintura Flavio Rocha, que também trabalha como Relações Públicas do Museu e outro é a professora de línguas Helena Idanau, egípcia de nascimento, ambos com formação histórica. Segundo o professor Rocha a opinião dos turistas estrangeiros é "boa", mas o que o surpreende muito é o conhecimento das pessoas que vêm do interior sobre a história do Estado. Os universitários geralmente ignoram o que vêem, não demonstrando muito interesse.

Documentos autênticos dos Inconfidentes - Visitando as pressas o comércio local e conseguindo somente na loja Wolens um manequim emprestado, o Museu prepara agora uma pequena sala para comemorar a Semana de Tiradentes. O mais original, porém, vai ser a exposição de documentos autênticos de Inácio José da Silva Alvarenga, Joaquim Silveiro dos Reis - o Traidor, e Tomás Antônio Gonzaga, além de um fac-símile da assinatura de Tiradentes. E se espera que a média diária de 100 visitantes aumente consideravelmente na próxima semana. E, para que até os operários possam ver a exposição, o Museu deverá permanecer aberto sábado à noite. E Também se espera que, para a ocasião, já possamos ver a venda de cartões postais e slides do acervo que firmas locais patrocinam para a promoção do Museu, que fica aberto de terça a domingo das 9:30 às 12:00 e das 14:00 às 17:30.

Zero Hora, 22 de outubro de 1974

**Exposição em homenagem
ao Dia do Soldado**



2014.3.25

Duque de Caxias.

Encerra-se hoje a exposição em homenagem à Semana do Soldado, no museu Júlio de Castilhos, órgão do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo. A mostra cultua o patrono do exército brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, e daqueles que defenderam a pátria. Vários objetos, fotografias, armas, uniformes e condecorações pertencentes a vultos da história brasileira integram a exposição, além de peças de artilharias utilizadas nas diversas campanhas em que tomou parte o exército nacional. Entre as históricas e valiosas armas brancas exibidas nas vitrines, há uma espada de ouro, que chama atenção não somente pelo seu valor monetário, mas por ter sido mencionada no livro de reminiscências do Marechal José Machado Lopes, "O 3º Exército na Crise da Renúncia de Jânio Quadros".

EXPO-DAC/SEC:

Enfim, a Cultura Gaúcha à Disposição de Todos

Luiz Souza Costa

A extensão da cultura de um grupo social pode ser medida pelas manifestações de toda ordem emanadas do espírito e do gênio inventivo desse grupo, seja ele representativo de um continente, país, estado ou cidade. Igualmente, de uma fase histórica marcada no tempo através de realizações diversas, nas artes plásticas, na literatura, na música e no teatro.

Nesse sentido, ganha especial significação a mostra promovida pelo Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, aberta ao público no dia 14 passado, no salão de festas da Universidade Federal. Talvez devido à afirmativa do próprio secretário Airton Vargas, em recente entrevista à imprensa, de que "a SEC vem sendo mais uma secretaria de "educação" do que de "cultura", decidiu o órgão, através de uma política de interiorização da cultura rio-grandense, levar aos 232 municípios gaúchos toda sorte de manifestação artística atualmente em desenvolvimento no Rio Grande do Sul.

A chamada EXPO-DAC/SEC-75 conta com a participação das dezesseis instituições culturais afetas ao Departamento de Assuntos Culturais da SEC, reunidas num trabalho integrado de divulgação, junto ao público, dos resultados obtidos durante os seis meses de gira cultural pelo interior do Estado. A mostra se estenderá até o dia 2 de outubro e estará aberta à visitação no horário das 9 às 22 horas de todos os dias, ininterruptamente.

AÇÃO INTEGRADA

Segundo o diretor do DAC, Paulo Amorim, "para se compreender a amplitude de ação do Departamento, é necessário conhecer também o trabalho desenvolvido pelas instituições a ele vinculadas, com funções e finalidades específicas, que são o Arquivo Histórico; Biblioteca Pública do Estado; Biblioteca Infanto-Juvenil Lucília

Minssen; Biblioteca Pública Infanto-Juvenil São João; Biblioteca Pública Infanto-Juvenil Professor Romano Reif; Discoteca Pública Natho Henn; Escolinha de Arte Porto Alegre; Escolinha de Arte Carlos Barone, em Passo Fundo; Escolinha de Arte Odessa Macedo, em Bagé; Instituto Estadual do Livro; Museu Júlio de Castilhos; Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul; Museu de Arte do Rio Grande do Sul; Museu Histórico Farroupilha em Piratini e Teatro São Pedro."

RESULTADOS

O diretor do DAC/SEC lembra, a respeito, o destaque que aqueles seis meses de atividade artístico-cultural obtiveram, traduzido no alcance total e diversificado dos 232 municípios do Estado cobertos pela ação cultural do Departamento, a abertura dada à música popular jovem, a valorização artística rio-grandense de uma maneira geral, o desenvolvimento colimado do teatro gaúcho, a dinamização do patrimônio histórico gaúcho, o incentivo à criação de hábitos culturais na comunidade rio-grandense, o desenvolvimento do mercado de trabalho para os artistas em geral e, ainda, a importância trazida a Porto Alegre com a apresentação, aqui, de Margot Fonteyn e do Ballet Stagiunm.

INTERIOR

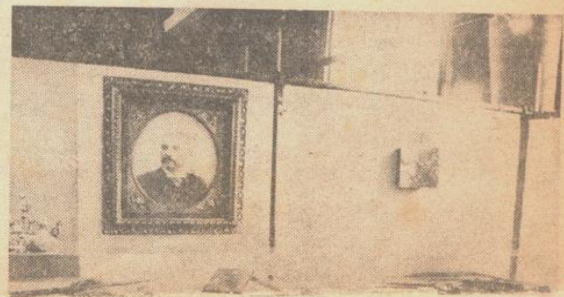
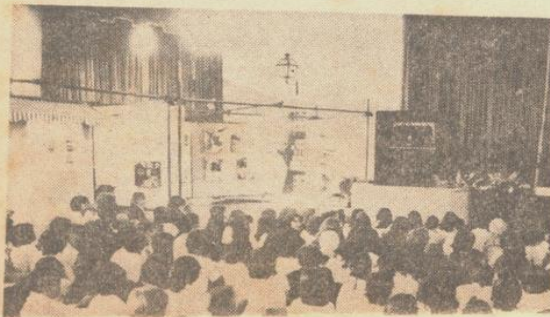
A mostra que agora vem de ser mostrada ao público de Porto Alegre refere-se aos espetáculos artísticos apresentados pelo DAC no interior do Estado, de 15 de março a 30 de setembro, destacando-se concertos e recitais, sessões de cinema, concursos, espetáculos de ballet, seminários, exposições, conferências e palestras, espetáculos teatrais, simpósios, encontros culturais, co-edições e publicações, pesquisas, apresentações folclóricas e festivais,

num total de 930 promoções. Além disso foram realizados 78 cursos abrangendo praticamente todas as manifestações do terreno artístico-cultural tanto artesanal como técnico-instrumental. Houve cem exposições de diferentes modalidades, tudo atingindo um total de 130 mil pessoas.

No campo literário foi dado amplo apoio aos autores gaúchos, incentivando-se a pesquisa científica e literária através da ação do Instituto Estadual do Livro. Lançamentos importantes como as obras "Amálgama" da poetisa Lara de Lemos, "Pé de Pilhão", de Mário Quintana, "Os Homens Precários" — estudo crítico sobre o dramaturgo gaúcho Qorpo Santo, realizado por Flávio Aguiar, além de obras sobre a imigração alemã, a colonização italiana e um estudo sobre os interesses e hábitos de leitura dos alunos do 2º grau. Tudo isto pode ser visto na EXPO DAC/SEC, através de audiovisuais das 16 instituições ligadas ao Departamento, em apresentações ininterruptas das 9 às 22 horas de todos os dias, até 22 de outubro, quarta-feira.

PROGRAMA

A programação já realizada, a partir do dia 16, teve o seguinte desenvolvimento: 20h30min — palestra a cargo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, sobre "As artes plásticas no Estado"; dia 17 — apresentação, pelo Instituto Estadual do Livro, de um audiovisual sobre "Literatura Rio-grandense"; dia 18 — falou o historiador Riopardense de Macedo sobre a "História do Museu Farroupilha"; dia 19 (hoje, portanto) — programação a cargo do Museu Arqueológico do Estado; dia 20 (amanhã) — apresentação de audiovisuais pela Biblioteca Pública; dia 21 — Discoteca Pública Natho Henn, sobre diversos compositores clássicos; dia 22 — o Museu Júlio de Castilhos e o Teatro São Pedro apresentarão palestras e projetarão filmes.



89



O Museu Estadual Júlio de Castilhos será reaberto à população no dia 19, assinalando o transcurso da Semana Farroupilha

Museu do Estado em Nova Fase Vai Reabrir Dia 19

O governador Euclides Triches presidirá no próximo dia 19, às 16h30min, a solenidade de reabertura do Museu Estadual Júlio de Castilhos, que nos últimos meses passou por uma reforma total, determinada pelo próprio chefe do Executivo rio-grandense.

A restauração do prédio incluiu desde a recuperação do teto e do assoalho até a substituição do mobiliário, que era de madeira e agora é de peças de metal. Quanto aos objetos que compõem o acervo do museu, foram todos examinados por uma equipe da Secretaria de Educação e Cultura cabendo ao pintor Nelson Boeira Faedrich a restauração de várias telas.

NOVA DISPOSIÇÃO

O montante aplicado nas obras de recuperação do Museu Estadual Júlio de Castilhos foi de 200 mil cruzeiros. Os trabalhos foram supervisionados pelo cel. Moacyr Domingues, diretor do museu, que, entre outras medidas, determinou a alteração da disposição das salas, passando o setor administrativo para a parte térrea do prédio, isolando-a, assim, das salas que serão visitadas pelo público. Na parte dos fundos do museu, em área de 700 metros quadrados, foi implantado um jardim e instalado um parque infantil.

ROTEIRO

A partir da reabertura do museu, os visitantes poderão percorrê-lo de acordo com este roteiro Sala Porto Alegre Antiga — com telas, vestimentas, mobiliário, objetos e miniaturas de tipos carac-

terísticos da época; Sala da República — com telas e objetos; Sala Farroupilha — com vestimentas, objetos, armas e telas; Sala Indígena — com diversos objetos representativos da cultura indígena; Sala das Missões — com objetos e imagens; Sala de objetos variados, selas, curiosidades, instrumentos de tortura da época da escravatura e armas; e Sala Júlio de Castilhos — onde foi montado o escritório e o quarto que pertenceram ao Presidente do Estado.

Ao todo, o Museu Estadual Júlio de Castilhos reunirá, nesta nova fase, aproximadamente 3.600 peças.

Doação ao Museu

A toga, a beca e a pelerine que pertenceram ao homem público dr. Raul Pilla foram doadas ao Museu Júlio de Castilhos através de sua irmã Judith Pilla Licht. Estas peças juntam-se a outras já doadas pela família, enriquecendo o acervo do Museu Júlio de Castilhos.

A doação encontra-se exposta à visitação pública no Museu Júlio de Castilhos, na Rua Duque de Caxias, 1231.



Faixa de Chefe de Estado de Francisco Solano Lopez, no acervo do Museu Júlio de Castilhos.

Paraguai quer de volta faixa de Solano Lopez

Uma das peças mais preciosas do acervo do Museu Júlio de Castilhos, a faixa de

Chefe de Estado de Francisco Solano Lopez, poderá deixar o patrimônio da entidade, se as autoridades brasileiras atenderem a antigo anseio do governo paraguaio, que quer de volta suas relíquias.

A peça foi comprada por Borges de Medeiros, então presidente do Estado, dos srs. Arnaldo e Otacilio Barbedo e doada por ele ao museu. Como ela foi obtida pela família Barbedo é um dado que até hoje se mantém ignorado.

Confeccionada em jérsei e fios dourados, em três cores, azul monastrol, branco e vermelho, com dois metros de comprimento e nove centímetros de largura, tem ao meio um escudo das armas paraguaias, sobre um campo de cetim branco, vermelho e azul. No centro, há uma elipse, com um leão de frente, em ouro, um barrete frigio e uma espada com raios, também de ouro. Ramos de folhas e frutos de tabaco em ouro, que completam a relíquia.

De acordo com os historiadores que pesquisaram a Guerra do Paraguai, a faixa foi retirada do corpo de Solano Lopez, logo após a sua

lança, desfechado pelo soldado brasileiro Chico Diabo. Mantendo ainda pequenas manchas de sangue, a faixa não pode ser manuseada, permanecendo intacta na vitrina das relíquias da Guerra do Paraguai.

poncio do povo
10/12/75

MUSEU VAI PROMOVER MAIS: GANHOU ESPAÇO

Após 72 anos de luta por espaço, o Museu Júlio de Castilhos ganhou uma área de mais de 800 metros quadrados para ampliação de suas instalações. A primeira medida, conforme o diretor, professor Joaquim Carlos de Moraes, é a de ampliar as salas de exposição permanente, pois 50% do acervo permanece guardado por falta de espaço. As promoções de cursos, sessões de cinema, exposições temporárias e modernização da biblioteca serão outras conseqüências práticas do aumento de espaço.

Em 1903, quando o Museu foi criado, tinha o objetivo de reunir e classificar os produtos do Rio Grande do Sul e todos os elementos úteis ao estudo da

evolução histórica e cultural do Estado. Em 1907 ampliou suas instalações com a doação da residência de Júlio de Castilhos e desde esta data foi crescendo o acervo e a luta por mais espaço. Atualmente, o museu tem mais de seis mil peças que mostram desde a cultura indígena até as manifestações e tendências da arte de hoje. Com as novas instalações, chegará mais próximo ainda do seu objetivo de levar a cultura ao povo, pois poderá ampliar suas apresentações a escolas, quartéis e fábricas. O museu vem recebendo uma média de 400 visitantes por dia, funcionando todos os dias menos segundas-feiras, das 9 às 12h e das 14h às 17h30min.



Espaço oferecerá condições para apresentar melhor as peças

Folha da Manhã
18/11/75

Bandeira gigante no acervo do museu



A maior bandeira do Brasil foi entregue ao Museu Júlio de Castilhos, onde poderá ser apreciada por todos os interessados.

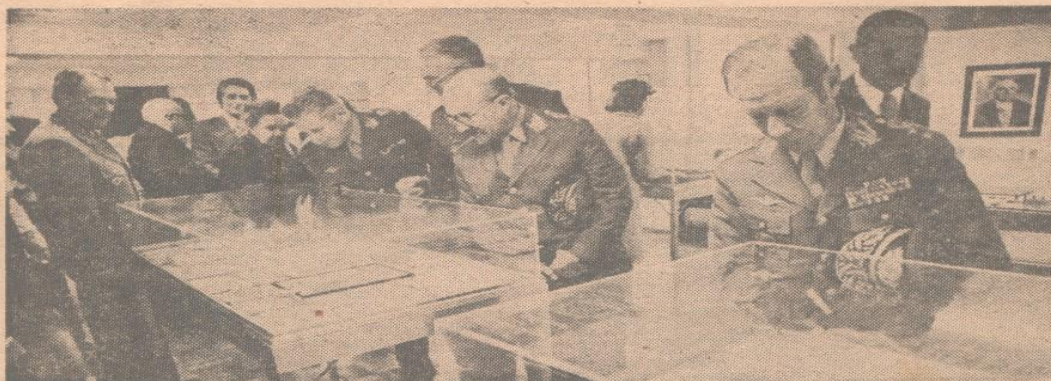
A maior bandeira Nacional já confeccionada, com 260 metros quadrados e pesando 56 quilos, foi doada ontem à tarde ao Museu Júlio de Castilhos, através do secretário Mauro da Costa Rodrigues, que a recebeu do deputado Pedro Américo Leal, presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado. Presentes ao ato de doação o deputado João Carlos Gastal, presidente da Assembleia Legislativa, a professora Antonieta Barone, diretoria do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, o delegado Werter Maranghelli e a diretora substituta do Museu, Maria José Daudt Kokót.

Falaram na ocasião o deputado Pedro Américo Leal e o secretário de Educação e Cultura, destacando o significado da doação. A bandeira gigante, que poderá agora ser apreciada por todos os interessados no Museu Júlio de Castilhos, tremulou durante 30 dias, de outubro a novembro de 1973, em mastro especial de comando eletrônico na Praça dos Três Poderes em Brasília, ofertada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. Durante aquele tempo ela foi guardada pela Marinha de Guerra. Seu hasteamento, no dia 7 de outubro, contou com a presença do vice-governador Edmar Fetter, dos deputados Pedro Américo Leal e Carlos Giacomazzi, da Comissão de Educação da Assembleia. Logo após seu hasteamento, um grupo regionalista do Rio Grande do Sul apresentou números folclóricos, dando à solenidade, na ocasião, um toque tradicionalista.

Considerada como troféu histórico, a bandeira passa agora a integrar o acervo histórico do Museu Júlio de Castilhos.

Folha da Tarde
08/03/75

Objetos do ex-Governador Valter Jobim foram entregues ao Museu. O Gen. Oscar Luís da Silva percorreu a exposição em homenagem aos Pracinhas.



Museu mostra epopéia da FEB

A Canção do Expedicionário, entoada por alunos do colégio Pio XII, inaugurou a exposição em "Homenagem ao Pracinha" no Museu Júlio de Castilhos hoje pela manhã. Presentes ao ato o comandante do III Exército, general Oscar Luís da Silva, Secretário da Educação, Ayrton Vargas e das Minas Energias Valter Jobim Filho, além de diversas autoridades civis militares e ex-pracinhas.

A mostra em homenagem aos brasileiros que lutaram durante a Segunda Guerra Mundial, na Força Expedicionária Brasileira (FEB), está integrada aos festejos da Semana da Pátria. A inauguração ocorreu às 10 horas e em seguida todos os presentes

percorreram as dependências do Museu, enquanto as autoridades se reuniram na sala da direção para presenciarem a entrega da mais nova aquisição do Júlio de Castilhos.

PERTENCES DE VALTER JOBIM

Uma caia e bomba de chinarão com suporte de ouro e prata, uma faca de prata, uma caneta de ouro (lembrança dos ferroviários), um tinteiro de prata (presente de amigos), um retrato emoldurado e o diploma de governador, recebido do Tribunal Regional Eleitoral, em 1946. Todos estes objetos foram entregues, ao Museu Júlio de Castilhos, pelo secretário das Minas e

Energia, Valter Jobim Filho que acompanhado da sra Ana Niederauer Jobim, despediu-se solenemente dos pertences do seu pai o já falecido ex-governador do Estado, Valter Jobim.

Dona Ana, esposa do ex-governador falecido, esteve muito emocionada durante os poucos minutos que demorou a solenidade e não escondeu as lágrimas. O secretário das Minas e Energia, disse apenas:

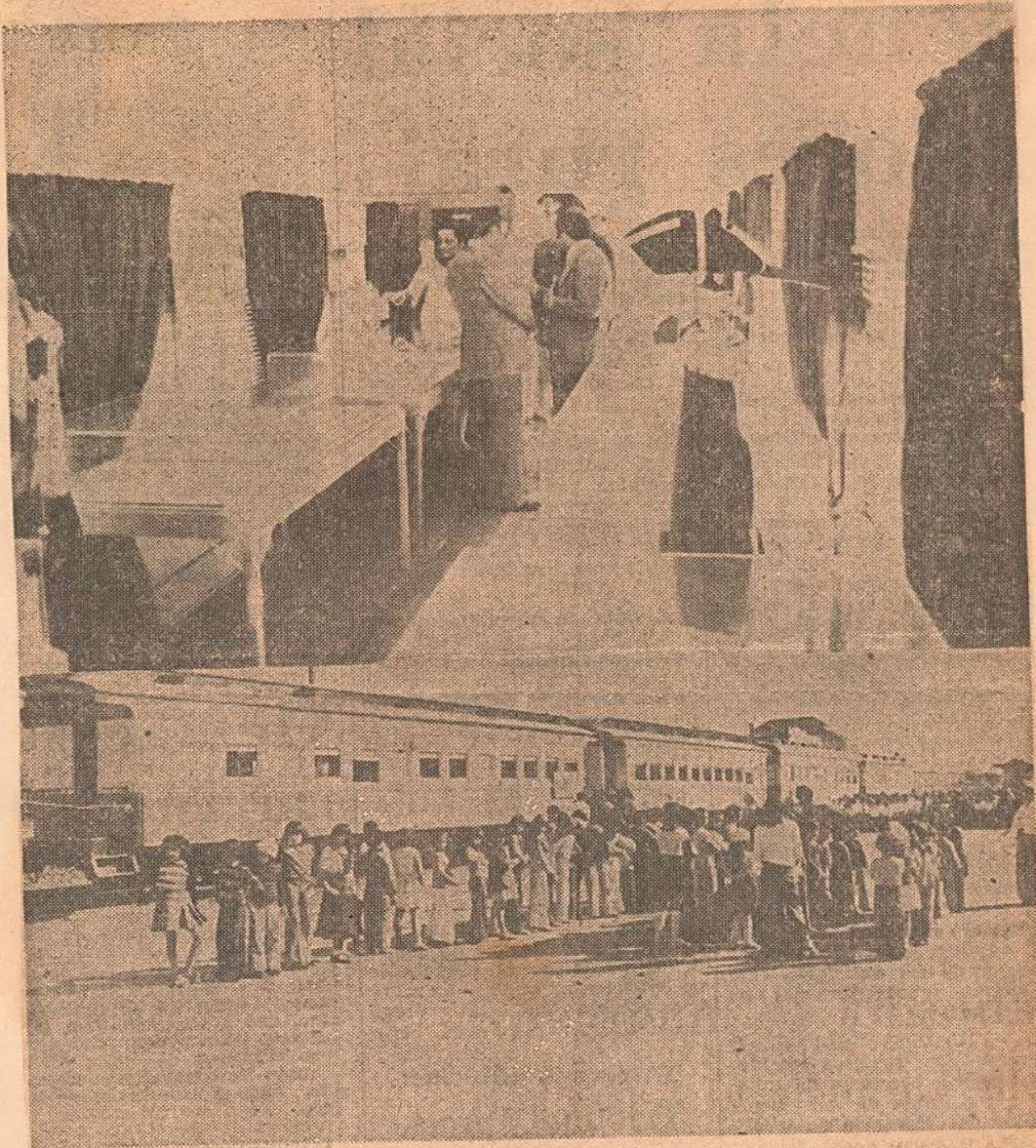
— Tenho o prazer de entregar estes objetos tão queridos para toda a família, por terem pertencido ao meu pai a este Museu. Em seguida o secretário da Educação Ayrton Vargas, fez um agradecimento, dizendo que era uma honra receber aqueles pertences, "pois são uma lembrança viva de um dos mais honrados homens públicos do Estado e que sempre foi um exemplo para nós".

A EXPOSIÇÃO DO PRACINHA

Fotografias do embarque dos pracinhas, no Rio de Janeiro, e registros do retorno estão na exposição. São revistas, jornais antigos, fotos e informes pertencentes a expedicionários já falecidos que ilustram os 239 dias de ação da FEB na Itália, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. A saída do Brasil, das primeiras tropas, foi dia 6 de setembro de 1944 e o retorno começou dia dois de maio de 1945. Estiveram em cidades italianas 25.334 soldados e oficiais da ... FEB e da Força Aérea Brasileira (FAB). Destes 451 morreram e 2.722 foram feridos. Muitos faleceram no Brasil em consequência dos ferimentos recebidos e outros ficaram mutilados.

ANEXO C – 1976

Correio do Povo SABADO, 1.º DE MAIO DE 1976



TREM DA CULTURA EM BAGÉ

Cumprindo seu giro pelo interior do Estado, o Trem da Cultura, chegou ao município de Bagé, levando em seus vagões 300 peças do patrimônio histórico do R. G. do Sul. A iniciativa do Museu Júlio de Castilhos, numa promoção da Secretaria da Educação e Cultura, através de seu Departamento de Assuntos Culturais, tem recebido todo o apoio, ao chegar a cada cidade. Após ter sido aberta oficialmente à visitação pública do Trem da Cultura, pelo prefeito de Bagé, a exposição recebeu a visita de 1.150 bageenses. Na ocasião, as autoridades do município foram recepcionadas pela comitiva integrada por Joaquim Carlos Moraes, diretor do Museu Júlio de Castilhos, Moacir Domingues, diretor histórico e Décio Manske, diretor de relações públicas da Rede Ferroviária Federal. Amanhã, o Trem da Cultura, desloca-se de Bagé para o município de Dom Pedrito e no dia quatro chegará a Santana do Livramento, onde ficará instalado no largo, em frente a gare da Viação Férrea.

Após várias reformas Museu reabrirá hoje

Após dois meses de fechamento para reformas e melhorias internas, o Museu Júlio de Castilhos reabre hoje em seu período normal de visitação. Além da pintura de todas as salas, da mudança dos revestimentos das vitrines, o acervo foi reorganizado, visando maior conforto para o público.

De acordo com informações do diretor, Joaquim de Moraes, o prédio do Museu sofreu muito com as demolições do antigo colégio Anchieta, cujas paredes eram geminadas. Goteiras, rachaduras e outros problemas foram surgindo, obrigando o Departamento de Assuntos Culturais da SEC a fechar o prédio por algum tempo. Aproveitando o recesso, o diretor procedeu as melhorias, como criação de uma pequena biblioteca, colocação de um tapete vermelho à entrada e mudança das peças expostas.

Os resultados são muito positivos. O museu tornou-se mais claro, aberto, destacando o acervo em cores escuras e pesadas. Assim, ao entrar, o visitante vislumbrará um local limpo, organizado, onde oito guias, formados em História se prontificam a acompanhar quem chega. A primeira sala está constituída com elementos da história indígena do Estado — várias pontas de flechas, cocares, redes, painéis figurativos, demonstrando o modo como eram usados os instrumentos. Após, a Sala das Missões, onde se destaca um amplo mapa na parede fixando geograficamente a localização dos Sete Povos. Depois, as salas do Brasil Império, República, com medalhas, vestimentas, armas, etc. Os locais que mais despertam a atenção são o dormitório de Júlio de Castilhos, seu gabinete montados com perfeição, e uma carruagem e um landau do go-

vernador Carlos Barbosa, restaurados pelo Arsenal de Guerra, de Getúlio Vargas.

Fechando às segundas-feiras e reabrindo às terças, das 8h às 12h e das 14h às 17h30min, o Museu chega a registrar uma média de 200 visitas diárias, das quais 80% são jovens. A biblioteca, com aproximadamente 2 mil volumes especializados em história, museologia, etnologia e antropologia, é uma das novidades para maior atração do público. Está situado à frente do pequeno auditório onde se efetuam cursos e projeções de filmes culturais e turísticos.

Aliás, no tocante aos cursos, o Museu iniciou ontem um sobre patrimônio histórico, a cargo de Leandro Telles. Como a procura foi intensa, a promoção se repetirá no dia 13 do próximo mês, também com aulas práticas e visitas à locais históricos da cidade. Em outubro, Adail Bento Costa fará um curso sobre Evolução do Mobiliário, que já está chamando a atenção do Estado. Nos três acontecimentos, será oferecido certificado de participação, sendo que a taxa de matrícula é de 50 cruzeiros. Logo após, serão reiniciadas as sessões de cinema das quarta-feiras à noite.

Hoje, o Museu Júlio de Castilhos conta com um acervo de cerca de 3 mil peças e mais duas mil que estão sendo catalogadas. Pretende o diretor Joaquim de Moraes efetuar uma rotatividade das peças em exposição e dar prosseguimento ao Trem da Cultura, que tanto interesse despertou no interior. Porém, esta última atividade será desenvolvida somente em março do próximo ano, quando deverão estar sendo iniciadas as obras de ampliação do Museu, com a construção de outro prédio vizinho.



Folha da Tarde, 12 de agosto de 1976

Coleções reorganizadas: Exposições bem mais educativas

As cores inertes do Museu Júlio de Castilhos — órgão do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura — eram escuras, o que lhe dava um ar pouco agradável, além de não ressaltar seu valioso acervo, distribuído de maneira desordenada pelas salas do museu.

Na próxima terça-feira, depois de 60 dias de reformas e restaurações, ele reabre totalmente remodelado, "em condições de fazer com que as agências de turismo não se envergonhem mais de incluí-lo em seus programas", como diz seu diretor, Joaquim Carlos de Moraes, e "funcionando como uma verdadeira sala de visitas da cidade". Mais ainda: "Por tudo que se fez, ele agora está mais moderno e mais didático".

Por este motivo ele calcula que a média de 200 visitas recebidas antes da reforma será ampliada em pelo menos 50 por cento, graças a estas características, especialmente porque teve o cuidado de enviar um convite a todos os diretores de agências de turismo de Porto Alegre para que conheçam o museu e porque os universitários, os grandes frequentadores, "passarão a se interessar mais".

Para isso foi feita "uma verdadeira revolução" nas instalações do museu, a começar pela troca da pintura interna, adotando-se o branco para todas as peças, com a finalidade de ressaltar o material exposto — as portaladas também foram pintadas de branco.

Além disso, as vitrinas foram forradas de acordo com as peças expostas — amarelo para a madeira, por exemplo, tons claros para as roupas — sem contar o polimento do mármore do "hall" de entrada, a reconstituição das molduras e dos próprios quadros que completam o acervo do museu.

Independente destas reformas, foram reorganizadas as exposições, com a seleção das peças mais importantes e a sua colocação de maneira didática, com desenhos mostrando como se usava e como eram feitas, como é o caso da parte indígena.

Através da colaboração do professor Fernando Maia e de um grupo de alunos que fazem parte da Fundação do Índio, do Colégio Anchieta — inclusive com a doação de algumas peças — a coleção foi estruturada novamente, desta vez obedecendo uma rigorosa ordem cronológica, para substituir o sistema de coleção de objetos semelhantes.

São estes detalhes que estão garantindo ao museu uma característica didática, como quer Joaquim Carlos de Moraes, "já que estamos atendendo a critérios modernos de organização, aos moldes da maioria dos grandes museus nacionais e estrangeiros".

Um exemplo citado por ele é a maneira com que foram dispostas as exposições, fazendo com que os visitantes sigam um roteiro pré-estabelecido. Assim, tudo inicia no "hall" de entrada, com o busto de Júlio de Castilhos, o quadro de Panto Bandeira, o busto de Borges de Medeiros até o quadro de Pedro II, onde o caminho é forrado por uma passadeira vermelha.

A primeira exposição é a sala indígena, que mostra a pré-história brasileira, seguida das Missões Jesuíticas, com sinos, cadeiras, um banco em forma de animal, uma imagem da virgem feita por um escultor índio e objetos de uso pessoal e ornamental.

A seguir está a sala da Colônia e Império, composta por três vitrinas: Brasil-Cotônia, Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai. Depois vem o corredor — com uma coleção de bandeiras históricas e quadros — o quarto de Júlio de Castilhos — com objetos de uso pessoal e de seu escritório — e a sala da República — com os retratos de Váiter Jobim, Getúlio Vargas, Ernesto Dornelles e a sala que pertenceu ao Marechal Deodoro da Fonseca, usada para passar revista nas tropas na Proclamação da República.

Por fim, a sala de Porto Alegre Antiga, com exposição de indumentárias masculinas e femininas e o carro de Carlos Barbosa, presidente do Estado, totalmente reconstituído. Descendo as escadas, a sala de exposições temporárias — agora formada por curiosidades do museu — o auditório onde são dados cursos — Leandro Telles estará começando um, dia 16, sobre Patrimônio Histórico de Porto Alegre — conferências e sessões de cinema e a biblioteca, com 1.500 volumes sobre história, arqueologia, antropologia e arte.

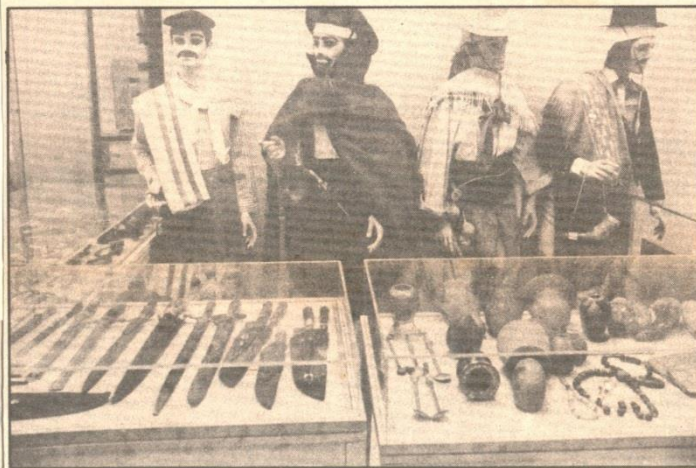
Joaquim Carlos de Moraes diz que foi fundamental a colaboração do Departamento de Assuntos Culturais e do próprio Secretário da Educação, "porque graças a seu empenho conseguimos contar com verbas que não estavam no orçamento", o que poderá ampliar seu trabalho com "as doações de peças históricas por parte de famílias gaúchas".



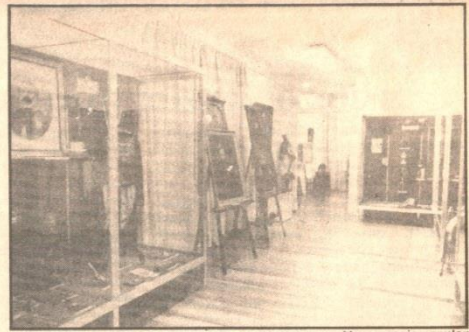
Um acervo valioso, antes pouco valorizado

O MUSEU REABERTO (De roupa nova)

Uma carruagem pertencente ao terceiro presidente do Estado, Carlos Barbosa, uma liteira de Minas Gerais, usada no período da escravidão, uma xícara para bigodes do início do século e uma Nossa Senhora das Missões, com características indígenas, esculpida em madeira pelos índios das Missões são algumas das peças que podem ser vistas novamente no Museu Júlio de Castilhos, na rua Duque de Caxias, 1231. Fechado há dois meses, o museu reabriu ontem, de roupagem nova, recebendo já nesse primeiro dia mais de cem pessoas, número considerado muito bom, apesar da chuva, por seu diretor Joaquim de Moraes.



Museu não cobrará ingressos para não perder público



Diretor quer Museu mais popular

Objetivo do diretor é a popularização

Uma das maiores preocupações do diretor do Museu Júlio de Castilhos é popularizar, cada vez mais, o órgão. Um museu histórico, diz Joaquim Carlos de Moraes, é muito diferente de um museu de ciências ou de artes: o histórico é mais acessível, é voltado para o povo e daí a necessidade de ser, por exemplo, gratuito.

Joaquim de Moraes diz que Cr\$ 2,00 ou Cr\$ 3,00 de entrada que fosse cobrado, faria falta para um estudante ou operário e, conseqüentemente o afastaria. O museu, diz ele, recebe uma média diária de 200 pessoas e esse número se reduziria em 50% se fosse cobrado ingresso. Além disso, justifica ele, no Rio Grande do Sul ainda não há ambiente para que se cobrasse e, sendo o Estado o interessado em levar cultura para o povo cabe-lhe suportar este ônus.

E também para atrair mais visitantes que o Museu tem horários de visitação inclusive aos sábados e domingos. Isso possibilita que os chefes de família possam levar seus filhos. Já o trabalho realizado junto às escolas tem o objetivo de motivar as crianças e, através delas, os seus pais.

O Museu Júlio de Castilhos tem ainda uma biblioteca com cerca de dois mil livros, principalmente sobre a história do Rio Grande do Sul. Organizada pela professora Elena Kröbath, a biblioteca mantém contato com 90 centros culturais de todos os continentes desde a África até a Ásia e ainda com outras 60 instituições no Brasil. Desses órgãos, o Museu Júlio de Castilhos recebe com grande freqüência, publicações sobre artes, história, antropologia e ciências.

PRESERVAÇÃO

Criado a 30 de janeiro de 1903, pelo então presidente do Estado, Borges de Medeiros, o Museu Júlio de Castilhos só recebeu esse nome em 1907. Sua importância, diz o diretor Joaquim de Moraes, está no fato de ser nos museus históricos — segundo opinião unânime — o único lugar onde se pode preservar para o futuro o patrimônio de uma época.

Além disso, segundo Joaquim de Moraes, há ainda o fato de serem os museus — na medida em que mostram e ensinam a história — um grande aliado do turismo de todos os países. "Sem história, assinala ele, não há turismo e ele é muito importante no Brasil, um país que está tendo um grande desenvolvimento nesse setor."

Joaquim Moraes fala ainda nas dificuldades encontradas na preservação do patrimônio e lembra que muita coisa já foi perdida, apesar de haver ainda muito o que fazer. Muitas vezes, explica, o governo do Estado nada pode fazer por falta de verbas e a União é que deveria ajudar com os recursos para os trabalhos, o que nem sempre acontece.

Zero Hora, 18 de agosto de 1976

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS REVELA SUAS METAS EM 77

Apesar das reformas a que foi submetido em meados deste ano, quando cerrou suas portas por mais de 60 dias, o Museu Júlio de Castilhos, do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação e Cultura, pôde desenvolver intensa atividade em 1976, não só em sua sede, onde recebeu 37.054 visitantes, como em diversos locais da Capital e do interior do Estado. Nesse período, o tradicional Museu Histórico empenhou-se em destacar suas potencialidades turísticas, redobrando as possibilidades de acesso às preciosas peças de seu acervo, procurando ao mesmo tempo intervir dinamicamente no processo de assimilação cultural do público, no tocante ao significado e às vinculações dessas relíquias.

Para tanto, além de reformular suas instalações, segundo as prescrições da museologia atual, promoveu cursos e palestras como os que realizou sobre o patrimônio histórico de Porto Alegre e sobre a evolução do mobiliário; organizou exposições itinerantes, como a que foi levada às escolas dos arredores da Grande Porto Alegre, vista por 1.597 escolares, e a que participou das comemorações dos 235 anos do município de Viamão, visitada por 4.006 pessoas; além de ter realizado mostras sobre o indígena brasileiro, comemorativas à Semana da Pátria e em homenagem ao Dia do Marinheiro; de ter integrado o Trem da Cultura e promoções de outras instituições do DAC/SEC e particulares, como a realizada no Centro Superior de Civismo da Pontifícia Universidade Católica, exibindo coleção de "posters" de flagrantes da atuação da Força Expedicionária Brasileira no cenário da Segunda Guerra Mundial.

VALOR HISTÓRICO

Durante o ano que ora finda, teve seu acervo enriquecido por 94 doações de objetos de apreciável valor histórico, sem contar os 323 volumes doados à sua Biblioteca, a qual, no mesmo espaço de tempo, oportunizou 95 pesquisas e intensificou seus contatos com outras entidades afins, mantendo intercâmbio com 65 instituições nacionais e 90 estrangeiras.

Paralelamente, a equipe de restauração realizava notável trabalho de recuperação de pe-

ças históricas e artísticas, como objetos oriundos das Missões Jesuíticas e o quadro da prisão de Tiradentes. Houve também a reparação total da carruagem que pertenceu ao dr. Carlos Barbosa (terceiro presidente do Estado, 1907-1913), realizada nas oficinas do Arsenal de Guerra de General Câmara.

Disposto a incrementar sua condição de valoroso ponto turístico da Capital, o Museu iniciou o ano de 1976 enviando quatro técnicas de sua equipe a aperfeiçoarem-se no Curso de Reciclagem de Museologia e Museografia, realizado no Rio de Janeiro pelo Centro de Estudos Museológicos. Em junho, cerrava suas portas, para executar reformas nas instalações internas e no acervo, quando teve suas paredes interiores pintadas de branco, nova iluminação e as vitrinas forradas em cores funcionais, tudo para maior realce dos objetos expostos.

Quando reabriu, a 17 de agosto, inteiramente remodelado, além de ostentar ambiente mais agradável, teve a colocação de seus objetos disposta de maneira didática, fazendo os visitantes seguir-lhes a orientação cronológica, desde a pré-história rio-grandense ao período contemporâneo, sempre sob a supervisão de oito guias, professoras de História.

ATIVIDADE CULTURAL

Ainda em agosto, o Museu reencetava suas atividades culturais, promovendo o Curso sobre o patrimônio histórico de Porto Alegre, cujo êxito determinou-lhe uma reprise em setembro.

Ministradas pelo historiador Leandro Telles, as aulas não se circunscreveram ao pequeno auditório do prédio da Rua Duque, mas tiveram a nota inusitada de estenderem-se aos Cemitérios da Santa Casa, São Miguel e Almas e Protestante, onde foi apreciada a influência do barroco na arquitetura urbana da Capital. Entre os pontos destacáveis desse curso, conta-se o exame e o combate caloroso ao conceito de que progresso é sinônimo de destruição do antigo. Nele se denunciou em nível elevado a insensibilidade cultural, causadora da destruição dos velhos casarões, atentado à memória e à estética da cidade.

Em outubro, com igual êxito, foi ministrado o curso "Evolu-

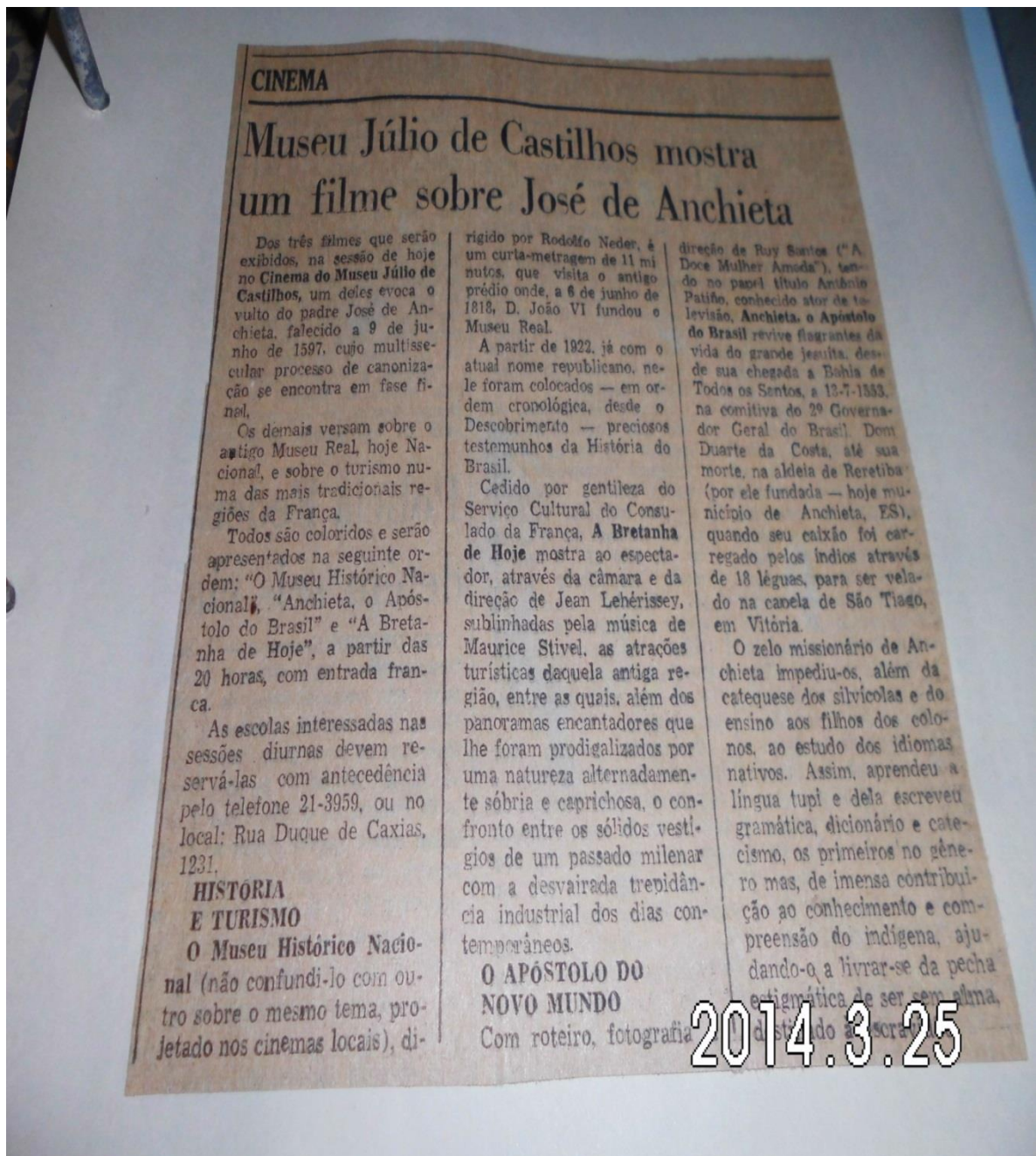
ção do Mobiliário Através da História — Estilos", pelo professor Adail Bento Costa, com aulas práticas que se estenderam em excursão a Pelotas.

PERSPECTIVAS

Ao término de mais um período de trabalho, o Museu Júlio de Castilhos aguarda o novo ano com grandes perspectivas, dentro das metas do Secretário da Educação e de acordo com o plano do Departamento de Assuntos Culturais daquela pasta, ao proporcionarem continuidade às reformas e ao equipá-lo convenientemente.

Dentre os planos do DAC/SEC para 1977, destacam-se o da ampliação da área física do Museu, com a aquisição do imóvel vizinho, e o da iluminação da fachada externa do histórico prédio.

Feito pelo Setor de Divulgação de M.J.C.



CINEMA

Museu Júlio de Castilhos mostra um filme sobre José de Anchieta

Dos três filmes que serão exibidos, na sessão de hoje no Cinema do Museu Júlio de Castilhos, um deles evoca o vulto do padre José de Anchieta, falecido a 9 de junho de 1597, cujo multissecular processo de canonização se encontra em fase final.

Os demais versam sobre o antigo Museu Real, hoje Nacional, e sobre o turismo numa das mais tradicionais regiões da França.

Todos são coloridos e serão apresentados na seguinte ordem: "O Museu Histórico Nacional", "Anchieta, o Apóstolo do Brasil" e "A Bretanha de Hoje", a partir das 20 horas, com entrada franca.

As escolas interessadas nas sessões diurnas devem reservá-las com antecedência pelo telefone 21-3959, ou no local: Rua Duque de Caxias, 1231.

HISTÓRIA E TURISMO

O Museu Histórico Nacional (não confundi-lo com outro sobre o mesmo tema, projetado nos cinemas locais), di-

rigido por Rodolfo Nader, é um curta-metragem de 11 minutos, que visita o antigo prédio onde, a 6 de junho de 1818, D. João VI fundou o Museu Real.

A partir de 1922, já com o atual nome republicano, nele foram colocados — em ordem cronológica, desde o Descobrimento — preciosos testemunhos da História do Brasil.

Cedido por gentileza do Serviço Cultural do Consulado da França, **A Bretanha de Hoje** mostra ao espectador, através da câmara e da direção de Jean Leherissey, sublimadas pela música de Maurice Stivel, as atrações turísticas daquela antiga região, entre as quais, além dos panoramas encantadores que lhe foram prodigalizados por uma natureza alternadamente sóbria e caprichosa, o confronto entre os sólidos vestígios de um passado milenar com a desvairada trepidância industrial dos dias contemporâneos.

O APÓSTOLO DO NOVO MUNDO

Com roteiro, fotografia

direção de Roy Santos ("A Doce Mulher Amada"), tendo no papel título Antônio Patiño, conhecido ator de televisão, **Anchieta, o Apóstolo do Brasil** revive florantes da vida do grande jesuíta, desde sua chegada a Bahia de Todos os Santos, a 13-7-1553, na comitiva do 2º Governador Geral do Brasil, Dom Duarte da Costa, até sua morte, na aldeia de Reretiba (por ele fundada — hoje município de Anchieta, ES), quando seu caixão foi carregado pelos índios através de 18 léguas, para ser velado na capela de São Tiago, em Vitória.

O zelo missionário de Anchieta impediu-os, além da catequese dos silvícolas e do ensino aos filhos dos colonos, ao estudo dos idiomas nativos. Assim, aprendeu a língua tupi e dela escreveu gramática, dicionário e catecismo, os primeiros no gênero mas, de imensa contribuição ao conhecimento e compreensão do indígena, ajudando-o a livrar-se da pecha estigmatizada de ser sem alma.

2014.3.25

Museu Júlio de Castilhos recebe condecorações da Brigada Militar

O Comando da Brigada Militar do Estado acaba de doar ao Museu Júlio de Castilhos, do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, exemplares das seis condecorações com que tem recompensado a militares e civis que se tenham distinguido por seus méritos pessoais e serviços a ela prestados e à ordem pública.

A doação vem enriquecer a parte do acervo do Museu dedicada à história e aos feitos da brava milícia, a qual terá destaque especial durante as comemorações da Revolução Farroupilha.

A Medalha de Serviços Policiais Militares é conferida, em ouro, prata e bronze, a oficiais e praças que, respectivamente, tenham completado 30, 20 e 10 anos de bons serviços. Tem o formato de uma cruz de malta, contornada por um filete e, no anverso, ostenta em relevo o brasão de armas do Estado.

A Medalha dos Serviços Distintos é conferida a civis e militares, nacionais ou estrangeiros,

que, por qualquer forma, tenham feito juízo ao reconhecimento da Força por serviços a ela prestados. É confeccionada em bronze, com formato circular, tendo no anverso o brasão de armas riograndense e, no reverso, em relevo, o distico "Reconhecimento da Brigada Militar", sob o barrete frígido da República.

A Medalha de Serviços Relevantes à Ordem Pública é conferida a oficiais e praças da corporação que tenham prestado relevantes serviços à ordem pú-

blica. Feita em bronze, com formato estilizado da cruz dos templários, circundada por uma coroa de louros.

A Cruz de Ferro foi instituída a 5 de maio de 1968, para comemorar os 130 anos de criação da Brigada Militar. Destina-se a agraciar militares que tenham conquistado o reconhecimento da corporação pela prática de ações meritórias de valor e que tenham contribuído para sua maior divulgação no Estado e no exterior.



A sala Brasil — Império



Crianças visitam o Trem da Cultura

Conheça o museu

Este mês, o Museu Júlio de Castilhos, situado na Rua Duque de Caxias, 1231, comemora 75 anos. O dia escolhido para a prestação da homenagem foi 24 de outubro, pois nesta data, há tempos atrás morreu Júlio de Castilhos, o patrono do museu.

Júlio de Castilhos, advogado e jornalista, foi presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes. Realizou obras importantes ao Estado, como instalação da rede telegráfica entre Porto Alegre e São Leopoldo, Montenegro e Bento Gonçalves. Ele nasceu na cidade que hoje se chama Júlio de Castilhos, mas que se chamava Vila Rica, em 1860, e morreu em Porto Alegre, em 1903.

O Museu Júlio de Castilhos, que foi criado também em 1903, é uma instituição cultural do nosso Estado, ligada ao Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura. O museu possui um acervo histórico sobre fatos brasileiros que estão permanentemente à disposição dos visitantes, e que estão organizados de acordo com a ordem e sucessão dos acontecimentos.

Descrevendo o museu para vocês, ele está assim constituído: dois vestibulos (num tem dois sinos grandes de antigas igrejas), Salas Indígenas (com objetos desde a Pré-História), Sala das Missões, Sala Brasil Colônia e Império (destacando-se um uniforme dos Dragões da Independência e peças da escravatura), Sala Júlio de Castilhos, Sala República, Sala Porto Alegre, Sala de Exposições Temporárias, Auditório, Biblioteca e um pátio, onde estão expostos diversas canhões de diferentes tamanhos e uma jangada.

DESTAQUES

Entre estas salas citadas acima, que vocês podem visitar de terças a domin-

gos, pela manhã ou à tarde, destacaremos três: a Sala das Missões onde vocês podem ir apreciar a imagem da Virgem Maria, um Anjo Barroco, Bancos Zoomorfos, Sino, Campanha entre outros objetos que pertenceram aos Sete Povos das Missões (São Nicolau, São Miguel, São Borja, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Angelo), que foram os primeiros núcleos de população organizados no nosso Estado.

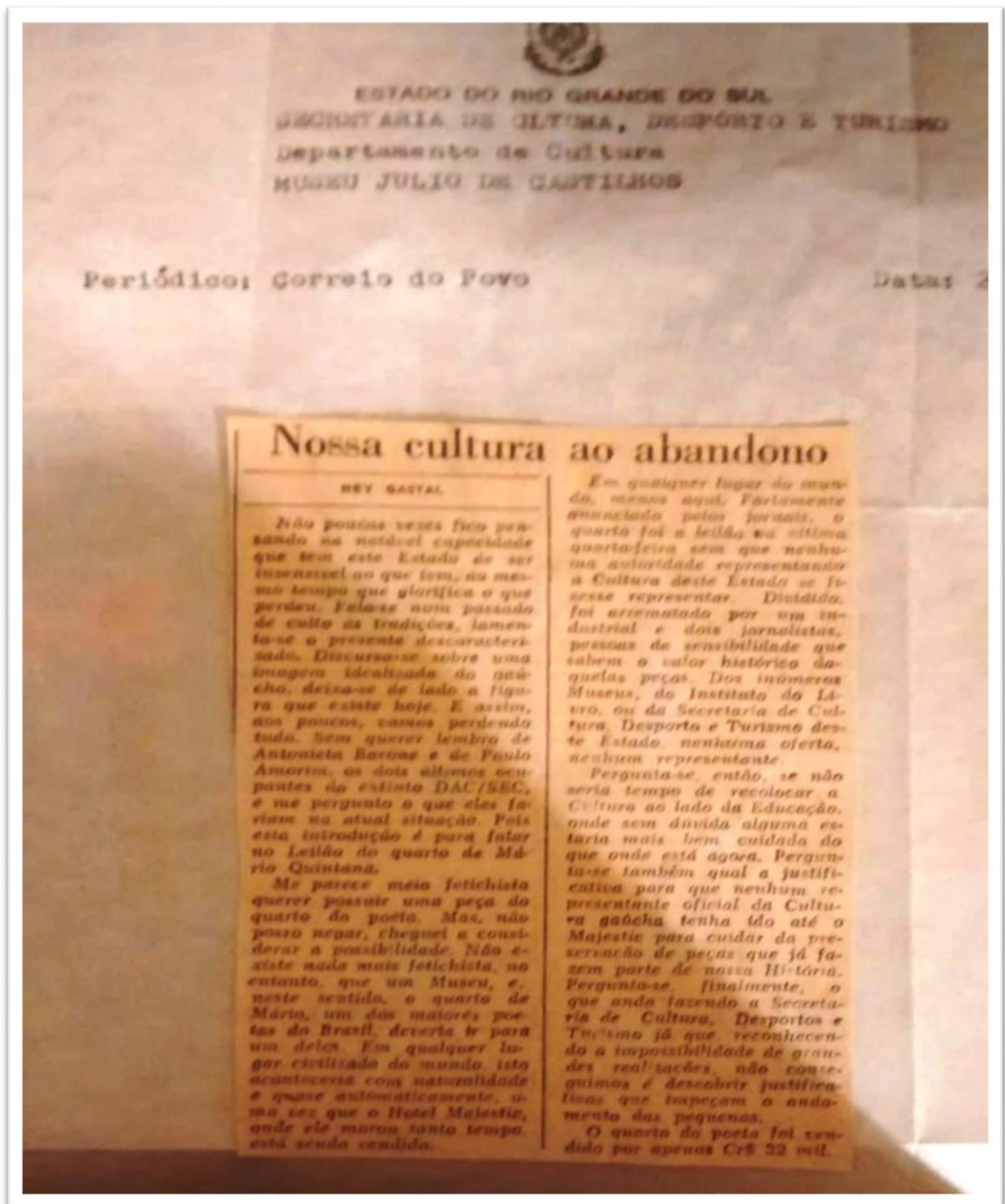
Na Sala Porto Alegre, onde vocês podem ver roupas, leques e peças relacionadas com personagens de 1908 a 1913 da antiga Porto Alegre, assim como um carro, parecido a uma carruagem, que pertenceu a Carlos Barbosa Gonçalves, um dos presidentes do Rio Grande do Sul. E por último destacamos a Sala Júlio de Castilhos, patrono do museu, local que expõe o mobiliário utilizado por Júlio de Castilhos, como sua cama, armários e também a primeira constituição do Estado gaúcho, de autoria do próprio patrono do museu.

Além deste acervo permanentemente exposto o museu realiza outras atividades, de cunho cultural, também importantes, como sessões de cinema, às quintas-feiras, abordando sempre os hábitos e costumes de povos e o pitoresco das variadas regiões do planeta. Geralmente as sessões são à noite, mas as escolas podem marcar um período para aproveitamento, deste recurso audiovisual.

Também o Museu Júlio de Castilhos vai às escolas, às praias, onde leva partes do seu acervo para maior divulgação do patrimônio nacional. com esse mesmo sentido, são promovidos, atualmente, trabalhos com a Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) e o Trem da Cultura que será realizado em novembro, quando em seus vagões um trem, percorrendo as

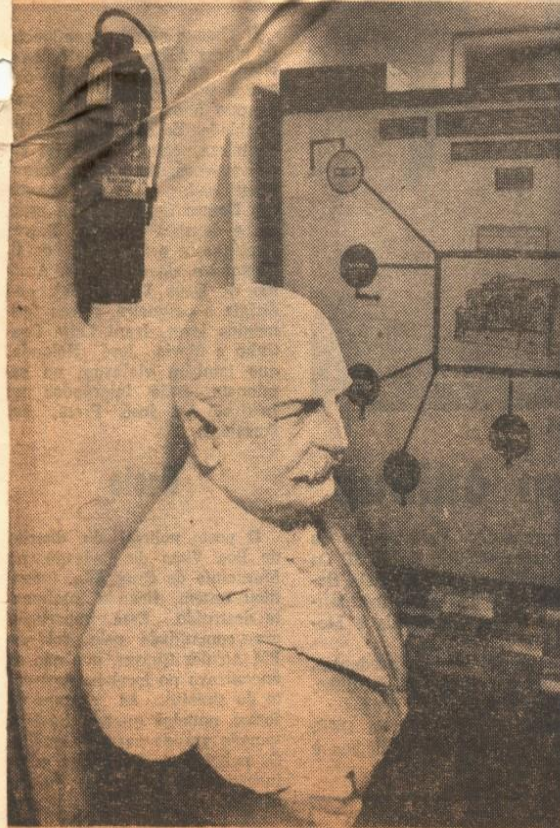
idades de São Leopoldo, Esteio, Santa Bárbara, Carazinho, Passo Fundo, Getúlio Vargas e Erechim estará divulgando a nossa cultura através de objetos e documentos significativos da nossa história.

(M.G.S.)



Correio do Povo, 20 de junho de 1978

Incêndio: museus daqui estão equipados



No Júlio de Castilhos, há extintores em todas as salas

Com o incêndio ocorrido no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, causando enormes prejuízos econômicos e culturais, cresce o interesse a respeito dos equipamentos anti-fogo dos museus de Porto Alegre. Afinal, eles estariam preparados para enfrentar um problema como este?

O Museu Júlio de Castilhos, que em outubro completará 75 anos, possui extintores no número adequado e local escolhido pelo próprio Corpo de Bombeiros. E o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), em mudança para o prédio da antiga Delegacia Fiscal, além dos extintores vai fornecer treinamento para os funcionários.

O Museu Júlio de Castilhos, localizado na rua Duque de Caxias desde a sua inauguração, em 1903, tem oito extintores de incêndio, um em cada sala. No caso de ocorrer um incêndio, os bombeiros possuem um mapa, determinando os pontos onde se encontram os extintores.

Mesmo nunca tendo ocorrido problema com fogo no prédio, a não ser pequenos curtos-circuitos, o diretor Joaquim Carlos de Moraes se preocupa. A causa é o prédio vizinho ao do museu, antigo e abandonado, onde muitas vezes se abrigam marginais que, para se esquentarem, fazem fogo à noite.

"Uma vez já houve um pequeno incêndio aí do lado. Tenho medo que, correndo o mesmo de novo, o fogo se alastre para o museu. Como o prédio é velho, seria fácil queimar. E a história do Rio Grande do Sul seria toda destruída", diz Moraes. Há cerca de dois anos, o governador Guazzelli declarou o prédio vizinho do museu como de utilidade pública. Mas ainda não houve verba para a desapropriação, e conseqüentemente, a sua

ocupação pelo próprio Museu Júlio de Castilhos.

TREINAMENTO

A preocupação em relação a incêndios já existia desde o tempo em que o Museu de Arte do Rio Grande do Sul estava situado no seu antigo e apertado local — três salas de um edifício da avenida Salgado Filho.

Ela continua agora, quando o MARGS está em fase de instalação no novo prédio da ex-Delegacia Fiscal, sem dúvida nenhuma um lugar muito mais apropriado.

Em todas as três áreas para exposições, e também na área do acervo, existem extintores, não só de água, mas ainda de gás carbônico, próprios para combater fogo em instalações elétricas. Além disso, não é permitido fumar em nenhuma das dependências.

"Tudo está dentro das regras", comenta o diretor Luis Inácio Medeiros. "Eu mesmo fiz um curso de combate ao fogo. Mais tarde, criamos um sistema de defesa, com o treinamento dos funcionários a fim de que eles tenham condições de saber usar os extintores de forma correta".

Medeiros considera o caso do incêndio do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, "bastante especial", já que, por ser um prédio moderno, de construção recente, possuía certas características que facilitavam a propagação do fogo, como a ausência de paredes divisorias ou de barreiras, paredes laterais de vidro.

Além disso, a sala **Corpo e Som** lidava com equipamentos com muita fiação elétrica. O diretor do MARGS acredita que a causa do incêndio tenha sido das mais comuns — curto-circuito, sobrecarga elétrica ou cigarro. Na nova sede do museu, a instalação elétrica foi renovada há pouco tempo e há até um superdimensionamento.

25 DE JULHO DE 1978

FOLHA DA TARDE

“Avareza dos museus” recebe as críticas de um historiador

O professor e historiador Francisco Riopardense de Macedo — membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto dos Arquitetos do Brasil — nunca entendeu por que o Museu de Arte do Estado ainda não recolheu as peças de escultura que estão no Museu Júlio de Castilhos e no Museu Piratini, “que nada têm a ver nem com a República ou com a Revolução Farroupilha e nem são oriundas das cidades onde estes dois museus se situam”, como ele diz.

Pensando desta maneira, ele não vê problemas na iniciativa de Museu Histórico Municipal Barão de Santo Angelo, de Rio Pardo, que deseja duas peças pertencentes à sua cidade as quais compõem, no momento, o acervo do Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. De tal forma que já tem um argumento pronto para o caso: “Já é tempo de nossas instituições culturais abandonarem a avareza provinciana e redistribuírem seus acervos e suas programações, no sentido de se especializarem para um melhor trabalho”.

Tudo porque o prefeito de Rio Pardo, Fernando Wunderlich, interessado pelo museu de sua cidade, resolveu solicitar ao governo do Estado duas peças que haviam sido doadas ao Museu Júlio de Castilhos, antes da criação do Museu Histórico Municipal Barão de Santo Angelo, pertencente ao Município.

E, não entender de Riopardense de Macedo, o prefeito de Rio Pardo está certo, uma vez que se trata de objetos que caracterizam as Câmaras de Vereadores nos seus primórdios, quando elas representavam o poder civil, especialmente levando-se em consideração que seu uso se dava nos aniversários de Dona Maria I ou Dom João VI ou, ainda, na comemoração do Corpus Christi.

Assim, o estandarte e o selo — que representava o carimbo das

decisões das Câmaras Municipais — solicitados por Fernando Wunderlich são peças importantíssimas, uma vez que apenas Rio Pardo teve o cuidado de guardá-las, embora, na época, outras três cidades também as tivessem — Porto Alegre, Rio Grande e Santo Antonio da Patrulha — já que faziam parte dos quatro municípios criados em 1803.

De tal maneira que, ao dirigir-se ao governador Sinval Guazzelli, no sentido de examinar a possibilidade de sua reversão a seu local de origem, deixou claro que seria “um preito de reconhecimento de parte do Governo do Estado ao acendrado apego do povo rio-pardense a seus valimentos históricos e culturais”.

E boas razões Wunderlich apresenta para isso, pois como conta Riopardense de Macedo, “ele está fazendo coisas pelo museu que ninguém até hoje fez”, dando condições para que fossem colocadas cortinas nas janelas e, até mesmo, serem restaurados os assentos do primeiro mobiliário da Câmara Municipal, pertencente a seu acervo.

Isso, juntamente com a sua reorganização, não só serve de exemplo para outros prefeitos como também tornará o Museu Barão de Santo Angelo um dos mais importantes do interior do Estado, graças as peças que o compõem, “que ligam a história da cidade com a história do Rio Grande do Sul e do Brasil” — como objetos que foram do Barão de Santo Angelo, figura importante na época de Dom João VI, ou de Ramis Galvão, preceptor dos netos de Dom Pedro II.

Por este motivo Riopardense de Macedo não acha que as peças solicitadas já façam parte do acervo do Museu Júlio de Castilhos: “Uma coisa é o direito puro e simples, outra é a conveniência da manutenção deste direito”. Como pondera ele, em museologia como em arquivística as peças não devem ser se-

paradas de sua origem, do seu Fundo, e uma das razões deste princípio é para evitar a desorientação do pesquisador — se, por exemplo, este está empenhado no estudo de um aspecto histórico de Rio Pardo “é lá que deve procurar e não em qualquer outro lugar”, pois “do contrário, além da técnica de pesquisa, ele deveria ter também o dom de adivinhar”.

Devido a este fato ele insiste que “não se justifica a permanência das peças solicitadas fora do Museu Histórico Municipal Barão de Santo Angelo”, tendo como certo que isso não iria prejudicar ou desfalar o Museu Júlio de Castilhos. “A sua direção, com certeza, entende a nossa argumentação em favor do prefeito de Rio Pardo”.

Museu Júlio de Castilhos participa dos festejos do centenário de Torres

O Departamento de Assuntos Culturais, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, através do Museu Júlio de Castilhos, está participando dos festividades comemorativas ao centenário da fundação do município de Torres com uma nova exposição que está montada nos salões da SAPT (Sociedade dos Amigos da Praia de Torres), até dia 26 do corrente, dentro da programação de verão e no Plano de Ação de Interiorização Cultural do departamento. A mostra organizada pela equipe do Museu Júlio de Castilhos abrange dois aspectos importantes da história local: o lado antropológico e cultural dos nossos indígenas e a experiência levada a efeito pelos missionários jesuítas nas reduções dos chamados Sete Povos.

Dos resquícios indígenas que o museu do DAC/SEC apresenta em Torres remontam à pré-história rio-grandense, como igaçabas (urnas funerárias), congoeiras (cachimbos da paz), boleadeiras, rocares, bordunas, machados de pedra, lascada ou polida. A Igaçaba exposta é uma urna de cerâmica de 53 centímetros de altura com circunferência máxima de 237 centímetros, que ainda conserva o revestimento externo de fina camada de caulim branco-amarelado. O costume de colocar mortos em tais recipientes, segundo Goeldi, é do período pós-colombiano e deve ter começado, mais ou menos, há 300 anos ou 350. Algumas tribos desarticulavam os membros dos defuntos para acomodá-los nestas urnas; outras tribos os enterravam em covas circulares e depois recolhiam o esqueleto para a urna. O corpo era colocado em posição idêntica ao feto no ventre materno. Também costumavam amarrar os membros com fibras vegetais. Esse enlaçamento era quase um ato mágico, com a finalidade de impedir que o morto voltasse para junto dos parentes.

Abolição, Ismael Silva e gafeira, hoje no Museu

Os bailes e os frequentadores de uma autêntica gafeira, a abolição da escravatura e fragmentos da vida e da obra do compositor Ismael Silva são os temas dos filmes programados para a sessão de hoje à noite no auditório do Museu Júlio de Castilhos. Trata-se — pela ordem da exibição — de "Gafeira", "O Despertar da Redentora" e Mestre Ismael.

GAFEIRA

O primeiro é um curta-metragem realizado em 1973 por Gerson Tavares, com montagem de Lauro Escorel e a participação de Flávio Migliaccio, documentado o que talvez tenha sido o último reduto de uma das mais características expressões populares do Rio de Janeiro.

Inicialmente tida como, arrasta-pé de marginais, a gafeira evoluiu à situação de respeitabilidade, como espécie de ponto de encontro e dança de diversas categorias sociais de vários bairros e subúrbios cariocas, especialmente da Lapa. Em seus bailes, reuniam-se operários, funcionários, comerciantes e malandros, sem distinção de raça, credo, ideologia ou nível econômico.

Nas gafeiras, grandes sambistas foram revelados e foi outra das instituições típicas a sucumbir à urbanização padronizada que está uniformizando as cidades (e seus habitantes) em todo o mundo inteiro. Conseguiu vicejar até os anos da década de 60, quando a descaracterização que se adonava do Rio não a poupou. Hoje tentam ressuscitá-la, mas ao que tudo indica de maneira melancólica transformando-a em um arremedo folclórico das sessões de "embaixada", sob a tónica do artificialismo comercial.



onde as melodias quentes dos saxofones, das flautas, cavaquinhos e pandeiros já foram substituídas pelos gélidos grunhidos dos instrumentos eletrônicos.

DESPERTAR

Evocando episódio vivido pela Princesa Isabel, que lhe teria despertado a consciência para a tragédia da escravidão e motivado o ato libertador, "O Despertar da Redentora" foi extraído de conto homônimo da escritora Maria Eugênia Celso e dirigido pelo legendário Humberto Mauro autor do clássico "Ganga Bruta", e do "Descobrimento do Brasil", que o Cinema do Museu exibiu no mês passado, reconhecido incondicionalmente como nome do primeiro plano da cinematografia brasileira.

Protagonizado por extenso elenco de atores profissionais, o filme foi locado parcialmente nas dependências e jardins do Museu Imperial de Petrópolis e teve a música incidental composta especialmente Heckel Tavares.

O BAMBA DO ESTÁGIO

"Mestre Ismael", realizado por Adnor Pitanga, aborda a vida e a obra do compositor Ismael Silva, um dos astros da tradicional música popular brasileira, através das evocações do próprio artista.

Fundador da primeira escola de samba, a "Deixa Falar", em 1919, no subúrbio de Estácio de Sá, no Rio, Ismael Silva desenvolveu fecunda carreira de compositor, responsável por êxitos como "Se Você Jurar" e tantos outros, alguns regravações na atualidade por Gal Costa e Maria Bethânia.

Alcunhado o Bamba do Estácio, mestre Ismael foi reconhecido como um dos luminares do samba, à altura de Noel Rosa. Teve recentemente suas composições lançadas em disco nos Estados Unidos e Chico Buarque de Holanda, em depoimento no filme, o considera um dos melhores melodistas do país.

MOSTRA

Antes e após a sessão cinematográfica a qual tem início como de hábito, às 20h, com entrada franca, o público poderá visitar a exposição de objetos alusivos à Abolição, que o Museu realiza em suas dependências, com a apresentação de instrumentos de trabalho, castigo e lazer dos escravos, tais como gargalheiras, tronco, machados, marimbas e outros, complementados por fotos ampliadas, mostrando como viviam os cativos, cedidas pelo Museu de Porto Alegre.

As entidades que desejarem sessões extraordinárias, solicita-se a reserva de horário com antecedência pelo telefone 21-3959.

Notícia feita pelo senhor de divulgação do Museu.

2014.3.25

... I aqui...
... vidro.
... Além disso, a
... para o
... com

34

Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo
Departamento de Cultura
Museu Júlio de Castilhos

Correio do Povo

Data: 18.5.79 Página: 15

Futebol e Turismo, atrações hoje no Cinema do Museu

Dois filmes germânicos e um nacional, versando sobre turismo e esporte, compõem a programação desta sexta-feira do Cinema do Museu Júlio de Castilhos. Trata-se — pela ordem de apresentação — de "Bandeira e Futebol", "Um Grande Esporte em Pequenos Barcos" e "Encontro com a Alemanha".

COREOGRAFIA DOS PENDÕES

O primeiro, curta-metragem de Hugo Kusnet, com narração verbal do ator Cecil Thiré, é abordagem sucinta das paixões, alegrias e tristezas das torcidas dos clubes de futebol mais populares, expressas através de seus símbolos evidentes: as coloridas bandeiras das agremiações, que nos dias de jogos tremulam indefectivelmente nos estádios, nos lares e nas laterais de automóveis de toda espécie.

Apesar de não ter conseguido aprofundar em 10 minutos esse ângulo original do comportamento dos torcedores, Kusnet consegue, ao menos agradavelmente, sublinhar-lhes a exaltação com que expressam, através da coreografia improvisada dos pendões, a liberação de energias emocionais, reprimidas tantas vezes nas engrenagens cinzentas dos grandes aglomerados urbanos.

CAIAQUES E VIAGENS

"Um Grande Esporte em Pequeno Barcos" mostra em 15 minutos as arrojadas proezas dos condutores dos caiaques, espécie de bote copiado aos dos esquimós, próprios para atravessarem as correntezas e corredeiras dos rios mais acidentados.

Encerra a sessão "Encontro com a Alemanha", documentário de 50 minutos de duração, que se constitui em verdadeira

do Mar Báltico, inteiramente reconstruída após a Segunda Guerra Mundial; as cervejarias e as festas tipicamente bávaras de Munique, onde confrontam-se uma das mais completas pinacotecas do mundo e a central nuclear; depois, Dresden, Breslau, Koensberg, a exibirem seus encantos característicos; a estigmatizada Berlim, nostálgica de sua antiga condição de metrópole mundial; os jardins e a catedral de Colônia, a antiga cidade colonial romana; a nova capital federal, Bonn, berço de Beethoven, fundada por legionários romanos.

Os três filmes são coloridos e os dois últimos foram cedidos por cortesia do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão. Serão exibidos no horário habitual das 20h, com entrada franca, no auditório do Museu Júlio de Castilhos, Rua Duque de Caxias, 1231, telefone 21-3959.

Feito pelo setor de divulgação do Museu.

Correio do Povo, 15 de maio de 1979

Humberto Mauro hoje no Museu

Três curta-metragens serão apresentados na noite de hoje na sessão cinematográfica semanal do Museu Júlio de Castilhos. O descobrimento do Brasil, Brasília e o pantanal mato-grossense são os temas dos filmes, todos de autores nacionais.

O primeiro curta-metragem a ser apresentado é o "Pantanal de Mato-Grosso", de Reinaldo Pais de Barros, de nove minutos de duração. É um documentário sobre aquela região, realizado em 1961. Em seguida, será projetado "O Palácio dos Arcos", um estudo cinematográfico do arquiteto Fernando Campos sobre o prédio do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, construído por Oscar Niemeyer.

O programa será encerrado com o clássico "Descobrimento do Brasil", filme de Humberto Mauro com trilha sonora de Villa-Lobos, dois mestres em suas respectivas artes. É o único filme até hoje realizado sobre o tema. A sessão terá início às 20h no auditório do Museu, à Rua Duque de Castilhos, 101, entrada franca.

2014.3.25

*serie
raízes
gaúchas*

um lançamento

painel editora

 REDE BRASIL SUL

**Personalidades
do Rio Grande
falam da
importância
deste grande
lançamento
editorial**

2014.3.25



O lançamento da Série "Raízes Gaúchas" vem enriquecer o estudo do passado Rio-grandense, reunindo dados de real valor para o conhecimento dos primórdios da formação gaúcha.

JOAQUIM CARLOS DE MORAES Diretor do Museu Júlio de Castilhos.

Zero Hora, setembro de 1979

Confirmado o diretor¹⁰ do Museu Júlio de Castilhos

O titular do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, Luís Carlos Barbosa Lessa, confirmou Joaquim Carlos de Moraes no cargo de diretor do Museu Júlio de Castilhos.

A testa do Museu desde 1975 Joaquim Carlos de Moraes vai dar continuidade à orientação que tem imprimido àquela instituição do Estado, cujo sentido principal tem sido a popularização do acervo histórico — fazendo-o acessível a um público de todas as procedências e a dinamização de atividades que estimulem crescente interesse pelo conhecimento e pela pesquisa de eventos, características e vultos nacionais.

CARAVANA

Cumprindo roteiro de viagem de estudos, para aprimorar conhecimentos e complementar programa de formação universitária, caravana acadêmica do Curso de História, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa

Maria, visitou nesta semana, o Museu Júlio de Castilhos.

Percorrendo minuciosamente as diversas seções do Museu do Estado, os universitários detiveram-se especialmente no exame de objetos relativos à história da formação política e cultural do Rio Grande do Sul.

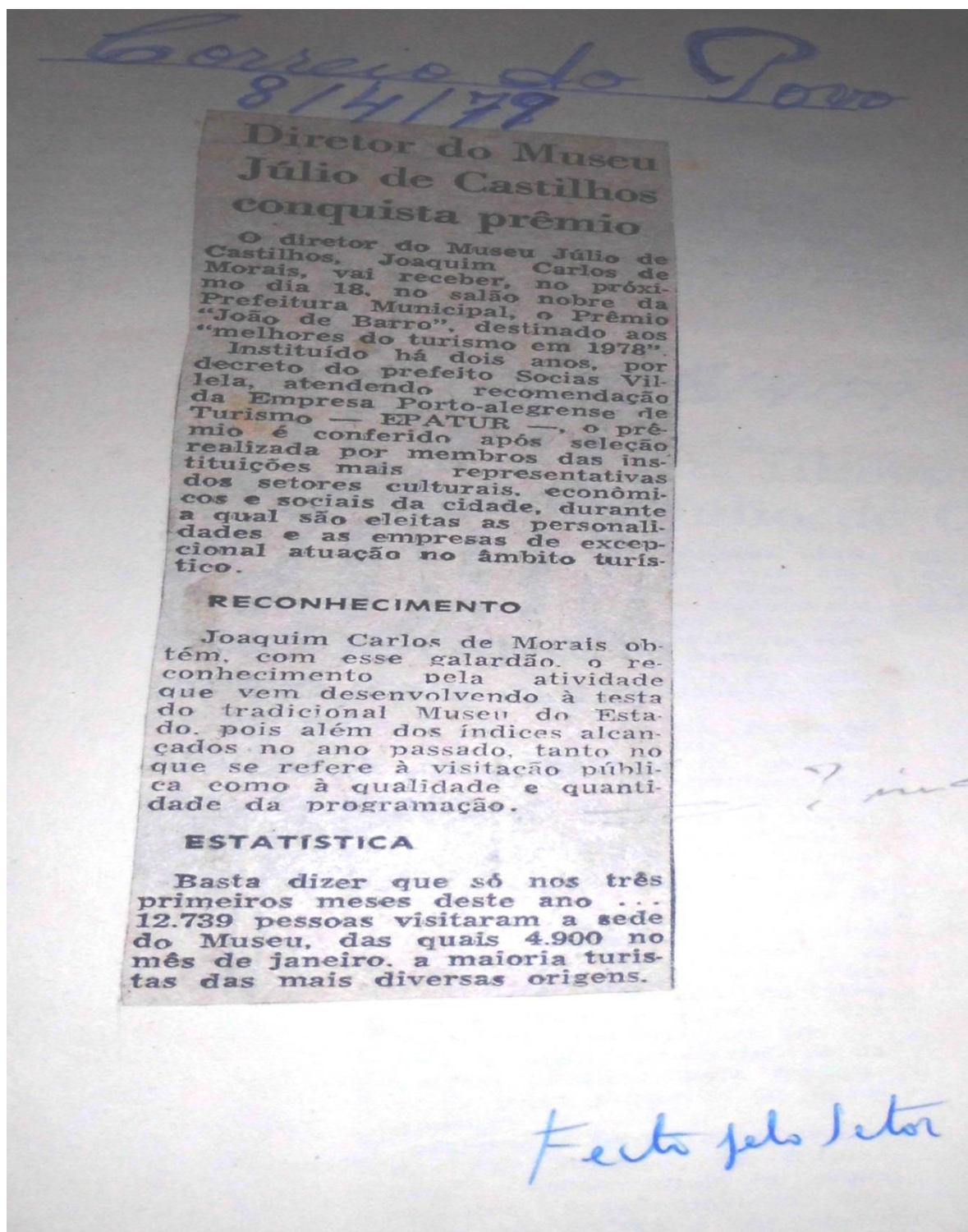
TURISMO

Duas professoras do Museu Júlio de Castilhos têm mantido contato com as direções dos principais hotéis da capital, para que sejam expostos nas dependências desses estabelecimentos material publicitário do Museu.

Tal iniciativa visa ampliar o número já considerável de turistas, oriundos de outros quadrantes do País e do mundo que diariamente visitam esse órgão do Departamento de Cultura.

Atualmente, o acervo do velho prédio da Rua Duque de Caxias é ponto de referência obrigatório na programação das agências turísticas.

*Q. 1011
20.5.79*



Correio do Povo, 08 de abril de 1979

Secretaria de Cultura Desporto e Turismo
 Departamento de Cultura
 Museu Júlio de Castilhos

Periódico: Diário de Notícias Data: 8/8/79 pág: 10

Museu Júlio de Castilhos amplia seu horário de atendimento ao público

Para corresponder à afluência contínua dos que visitam a sede, o Museu Júlio de Castilhos, órgão do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, ampliou o horário de atendimento ao público, mantendo ininterruptamente abertas, das 9 às 18 horas, as portas do tradicional prédio da Rua Duque de Caxias, 1231.

O novo horário vai vigorar nos dias úteis, ou seja: das terças às sextas-feiras, pois aos sábados, domingos e feriados continuará recebendo das 8h,30min às 12h,30min e das 14 às 17h,30min. Permanecerá fechado as segundas-feiras.

INTERVALO CULTURAL

Essa medida visa favorecer especialmente aos que trabalham no centro da capital e têm manifestado desejo de ir ao Museu nos intervalos do meio-dia, além de oferecer tempo mais elástico na recep-



NUM PRÉDIO HISTÓRICO DA DUQUE DE CAXIAS, O MUSEU

ção a caravanas turísticas, a pesquisadores e a quem pretenda examinar o precioso acervo histórico com maior minúcia.

Durante o mês de julho, 6.114 pessoas visitaram o Museu Júlio de Castilhos, entre as quais expressivo número de turistas estrangeiros — principalmente argentinos — e oriundos de outros Estados da Federação.

Nesse período, foram interrompidas algumas promoções, como a denominada "O Museu Vai à Escola", as quais terão continuidade após o reinício das aulas.

No entanto, tiveram seqüências as sessões cinematográficas das sextas-feiras abertas ao público em geral e as realizadas exclusivamente para os alunos da FEBEM.

2014.3.25

Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo
 Departamento de Cultura
 Museu Júlio de Castilhos

Periódico: Diário de Notícias

Data: 10/8/79

Cinema do Museu Júlio presta tributo aos Bandeirantes e a Plácido de Castro

Dois filmes brasileiros - evocando 101 anos da morte do herói do Acre e homenageando a saga dos Bandeirantes — e um francês compõem a sessão desta noite no cinema do Museu Júlio de Castilhos, do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo. Com início às 20 horas e com a entrada franca, a projeção terá esta ordem: "O Sol Sobre a Terra", Plácido de Castro" e "O Caçador de Esmeraldas".

Versando sobre uma das mais racionais e óbvias fontes de energia, O Sol Sobre a Terra, dirigido por Sidney Jequel, mostra as recentes pesquisas em torno do aproveitamento da luz solar, cuja utilização, até a crise do petróleo, talvez por interesses obscuros, não fora seriamente cogitada.

Vários experimentos, testados com promissoras perspectivas, desde as gigantescas centrais — cenários de ficção científica, com espelhos giratórios, espécies de girassóis vítreos, voltados permanentemente para o astro-rei — capazes de conseguir em segundo, temperaturas superiores a 4.000 graus, as minúsculas células fotosensíveis, última solução do engenho humano, para tornar portátil e exequível o uso generalizado desse novo sistema energético — prometem revolucionar os costumes e a história da civilização, salvando-se, quiçá, do desastre ecológico que ameaça o planeta e deteriora dia a dia a que qualidade de vida dos seus habitantes.

O LIBERTADOR DO ACRE

Dirigido por Renato Neumann; com fotografia de Paulo Jorge de Souza; imagens da época do major Thomaz Reis, de Silvino Santos e Humberto Mauro; música de Roberto Kabané e locução do ator Paulo César Pereio, Plácido de Castro evoca o vulto do herói acreano e mostra flagantes de sua luta libertadora.

Gaúcho de São Gabriel, José Plácido de Castro, depois de acidentada vida militar foi exercer o ofício de agrimensor na Região do Acre, onde o Brasil e a Bolívia mantinham velho litígio, cujas raízes remontavam ao Tratado de Madrid (1750).

Chegou quando a nação andina firmava contrato com o anglo-americano "The Bolivian Syndicate of New York City", para explorar o território desconhecido e a borracha — O delírio dos investigadores de então. Condeu-se logo da população, constituída quase exclusivamente de brasileiros na maioria nordestinos fugidos da seca, mas caídos no inferno verde dos seringaais.

Comandando um exército de seringueiros, o rio-grandense libertou o Acre, que pouco depois por generoso tratado, passava à nacionalidade brasileira.

Prosseguindo em suas atividades públicas, o libertador quase esquecido opôs-se outra vez a desmando e erros. Por divergência com grupos locais sobre assuntos relevantes, tais como a maneira predatória como extraíam o latex das seringueiras, terminou sendo assassinado numa emboscada por 14 sicários, na manhã de 9 de agosto de 1908.

Seus restos mortais jazem em mausoléu no tradicional Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre.

O CAÇADOR DE ESMERALDAS

Contando com um elenco de conhecidos atores da televisão e cinema entre os quais Mario Lago (no papel título), Yara Cortez (a esposa), Oriando Villar (Borba Gato), Jardel Mello, Maurício do Valle, Procópio Mariano, Enio Santos, Mário Brasini e outros, tendo na direção Sanin Chermes e na trilha sonora a música de Carlos Gomes e Alberto Nepomuceno, O Caçador de Esmeraldas, narra a trágica história de Fernando Dias Paes Lopes, o bandeirante paulista que sonhando com esmeraldas alargou as fronteiras do território nacional.

~~Feito~~ pela Setor de Divulgação do Mus
 (Feito Feito)



Secretaria de Cultura, Desporto e
Turismo

Departamento de Cultura
Museu Júlio de Castilhos

Periódico - CP

Data: 02-01-80

CORREIO DO POVO

Este ano é maior a frequência ao Museu Júlio de Castilhos

Quem visitar, neste mês de janeiro, o Museu Júlio de Castilhos, poderá surpreender-se com a mescla de idiomas e de sotaques com que são feitos os comentários e exclamações diante do acervo exposto. O linguajar castelhano típico dos países platinos mistura-se à prosódia característica das regiões do Leste e Nordeste brasileiro.

Isso porque mais de 200 turistas, em média, estão visitando diariamente esse órgão da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, entre os quais, predominam especialmente os argentinos, seguidos pelos cariocas, paulistas, paranaenses e uruguaios. Chegam alegres, ávidos de conhecer os costumes, a história e as características do povo e da terra que visitam. Alguns lamentam a falta de informes sobre o Museu, por parte dos hotéis em que se hospedam e das agências de viagem.

Paralelamente, ônibus de diversas procedências levam ao velho casarão da Rua Duque numerosas caravanas de veranistas do interior do Estado e de excursionistas de outras unidades da Federação.

RETROSPECTO

Eleito como um dos pontos de atração turística da cidade, o Museu Júlio de Castilhos vive a repetição do já ocorrido nos primeiros meses do ano passado: a considerável afluência de forasteiros em busca de melhor conhecimento dos antecedentes, das tradições, das coisas e mes-

mo da psicologia da população nativa.

O ano de 1979 começou e transcorreu au piciosamente no tocante a realizações e seus resultados. Durante sua vigência, o Museu foi visitado por 54.118 pessoas. No mesmo período, deslocou seus funcionários e parte de seu acervo a diversas regiões da Grande Porto Alegre, para atender 1487 colegiais sem condições de visitar a sede, na promoção "O Museu Vai à Escola", enquanto inúmeros estabelecimentos de ensino da Capital e do Interior organizaram caravanas estudantis para levar 7.598 alunos à antiga residência do Patriarca Republicano.

Além disso, o Museu proporcionou 18 consultas em seus arquivos e biblioteca a pesquisadores e estudantes, ao mesmo tempo em que os próprios funcionários realizavam 139 pesquisas, para elucidar as origens e os históricos das peças do acervo, entre as quais 237 que, no mesmo período, foram incorporadas através de novas doações.

Com a frequência média de 100 espectadores por seção, tiveram continuidade as projeções cinematográficas realizadas semanalmente em seu auditório — às sextas-feiras à noite, dirigidas ao público em geral, e durante o dia, aos escolares — apresentando filmes de curta e média-metragem selecionados entre os de excepcional qualidade artística, alusivos a personagens, datas e feitos históricos, complementados por documentários de cunho turístico e cul-

tural. Uma equipe se deslocou periodicamente a algumas penitenciárias, a fim de exibir películas de longa-metragem aos apenados.

Entre as exposições realizadas, "A Criança de Ontem" — que obteve repercussão além das fronteiras do Estado — e a do "Centenário de Araújo Porto Alegre", foram significativas a primeira foi vista por mais de 10.000 pessoas e a segunda, até agora, ultrapassou o número de 3.000.

PROJETOS

Entre as metas do Museu para este novo ano, tem enfoque especial a continuidade no relacionamento dinâmico que vem mantendo com o público, buscando despertar crescente interesse, especialmente na criação em formação, pelos acontecimentos, feitos e fenômenos que são integrantes essenciais da nacionalidade brasileira.

Assim, terão prosseguimento realizações do gênero "O Museu vai à Escola" ou recebem estudantes para visitação do acervo, com palestras e aulas explicativas, auxiliadas por recursos audiovisuais. O mesmo acontecendo às sessões cinematográficas. As exposições terão seu brilho aumentado com a reforma e ampliação da instalação elétrica.

Enquanto isso, está em preparo a edição de outro livro sobre personagem da História riograndense e há previsão de nova sortida do "Trem da Cultura".